FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 25 DE ABRIL DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 13 067

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Ao regressar do Panamá, sob a acusação de conspirar com seu marido, contra o governo daquele país, Margot Fonteyn não revela grandes preocupações, a avaliar pelo sorriso com que desembarcou na Florida

A conferência ministerial das quatro potências ocidentais começa em Paris na terça-feira

LONDRES, 25 — O ministro dos Negócios Estrangeiros, Selwyn Lloyd, partirá na terça-feira á tarde, para a reunião, em Paris, no dia seguinte, dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Quatro Grandes» ocidentais, a qual decidirá da política a seguir pelo Ocidente durante as negociações sobre a Alemanha, durante a conferência de Genebra, em 11 de Maio.

Esta série de negociações, que, segundo MacMillan, pode vir a ser «um dos períodos mais importantes da história do após-guerra», deverá, ao que se espera, conduzir a uma conferência «a alto nível» com a União soviética, durante este Verão.

Observadores diplomáticos crêem que a conferência a alto nível se reunirá, provàvelmente, nos primeiros dez dias de Agosto.

Kruchtchev, primeiro-ministro soviético, não poderá tomar parte numa conferência a alto nível entre 10 e 25 de Agosto, pois visitará a Dinamarca, a Suécia e a Noruega durante esse período. — (R.).

Os problemas que vão ser tratados

WASHINGTON, 25 — Os tópicos que aqui se consideram como mais prováveis de serem discutidos na reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros, em Paris, são: Berlim e os planos de estratégia que deverão ser seguidos como resposta á exigência soviética de retirada dos ocidentais: a reunificação alemã; e a segurança europeia.

Existe, da parte dos funcionários americanos, um optimismo discreto de que as potências ocidentais resolverão as discordancias actuais quanto ás questões de Berlim e da Alemanha e que conseguirão um acordo de posições para poderem negociar com a União Soviética no próximo mês.

Além das questões principais de Berlim e da Alemanha, pensa-se que os ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da França aproveitarão a oportunidade de se encontrarem para discutirem, entre si, a situação no Médio Oriente, em especial no Iraque. Em Washington, aumenta a apreensão sobre a possibilidade de os comunistas se assenhorearem daquele país.

O secretário de Estado, Christian Herter, e os seus três mais íntimos

(Continua na 14.ª página)

A bailarina Margot não deverá ser extradilada e o marido refugiou-se na Embaixada do Brasil no Panamá

LONDRES, 25 — Um informador do Foreign Office declarou que o Governo não recebeu qualquer pedido oficial de extradição da bailarina Margot Fonteyn. Os entendidos são de parecer que tal pedido não teria seguimento, pois a bailarina é cidadã britanica, e a extradição não poderia aplicar-se a pessoas acusadas de manejos políticos por um país estrangeiro.

Segundo o uso internacional em matéria de extradição, um Governo só pode extraditar os seus próprios cidadãos. Em regra, os tratados de extradição aplicam-se apenas a ofensas criminais comuns e não a ofensas políticas.

As alegações contra Margot Fonteyn, por parte do Governo do Panamá, referem-se á possibilidade de ela estar envolvida nas actividades políticas anti-governamentais de seu marido, o dr. Roberto Arias. — (F. P. e R.).

Arias refugiou-se na Embaixada do Brasil no Panamá

CIDADE DE PANAMÁ, 25 — Roberto Arias, marido da bailarina inglesa Margot Fonteyn, refugiou-se na Embaixada do Brasil. Procurado, há dias pelas autoridades, que o acusam de ter fomentado uma conjura contra o actual Governo do presidente Ernesto de la Guardia, Roberto Arias apresentou-se, ontem, na Embaixada brasileira, onde dois outros rebeldes, Po

(Continua na ultima página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE
2.ª TIRAGEM

Nota do dia

«BALLET» PERIGOSO

A arte e a política não são inconciliáveis. Ontem, Errol Flynn não hesitou em se juntar aos rebeldes de Fidel Castro. Hoje, é Margot Fonteyn que se deixa envolver nas intrigas da política sul-americana, acabando por ser presa. Os baletómanos de todo o Mundo tremeram pela sorte do seu ídolo. A notícia da prisão da célebre bailarina inglesa, que se uniu pelo matrimónio, e parece que pelas ideias políticas, a um diplomata panamiano, causou surpresa e consternação. Margot e o marido costumavam entregar-se á pesca no seu iate de recreio, ao largo da costa da Pacífico. As autoridades do Panamá tiveram, porém, conhecimento de que em vez de camarões e lagostins, a cuja apanha habitualmente se dedicava, o iate de Margot pescara nada menos que um carregamento de armas destinado a uma conjura revolucionária que tinha por fim derrubar o Governo constituido. E enquanto o marido se punha a salvo, ela deixava-se prender nas malhas, aliás suaves, da rede policial que lhe lançaram. Não tardou, porém, em ser restituida á liberdade e convidada a sair do país, depois do «ballet» conspiratório em que o Cisne saiu incólume da sua perigosa aventura. E quando abrir a próxima temporada do Covent Garden, a inesquecível Giselle voltará a entusiasmar os seus admiradores no papel de Ondine (que nunca lhe assentou tão bem como agora), vinda directamente das ondas do Pacífico de bordo de um iate em que foi surpreendida a pescar — em águas turvas.

A troca de galhardetes, antes de começar o desafio

Portugal venceu a Holanda no desafio entre militares a que assistiu o Chefe do Estado e sete membros do Governo

O desafio entre as selecções militares de Portugal e Holanda a contar para o Torneio Internacional Militar, atraiu cerca de 20.000 pessoas ao Estádio do Restelo, predominando, aliás, naturalmente elementos do Exército.

Nos lugares de honra encontram-se o sr. Presidente da Republica, que chegou no começo do festival, acompanhado dos srs. ministros da Defesa Nacional, Negócios Estrangeiros, Exército, Marinha e Ultramar e os subsecretários da Administração Ultramarina e do Exército.

O festival começou pela apresentação das fanfarras das Forças Armadas do Exército, da Armada e da Força Aérea, que fizeram diversas evoluções.

Seguiu-se uma demonstração de ginástica educativa pela classe dos Pupilos do Exército, dirigida pelo tenente Robalo Gouveia, muito aplaudida, bem como uma exibição de saltos em cama elástica, por um grupo de ginastas do mesmo Instituto.

Depois as duas equipas de futebol entraram no rectangulo, lado a lado, sendo bastante ovacionadas, depois do que foram colocar-se em frente do mastro onde subiram as bandeiras da Holanda e de Portu-

(Continua na ultima página)

Regressou da India o Batalhão de Além-Douro que ali esteve dois anos

O paquete «Niassa» da Companhia Nacional de Navegação, hoje regressado ao Tejo, trouxe a bordo o Batalhão de Além-Douro, após mais de dois anos passados na India em missão de soberania.

Aquele contingente militar compreende 2.100 homens — oficiais, sargentos e soldados — pertencentes a unidades do Norte do País: Viana do Castelo, Chaves, Lamego e Bragança. Vieram ainda no mesmo paquete uma bateria de artilharia de Évora e mais duas companhias: uma da Madeira e outra de Angola.

Essas tropas, hoje regressadas, tinham seguido para o Estado da India em Janeiro de 1957. Vieram sob o comando do major Flaminio da Silveira. Uns dez soldados regressaram doentes e foram desembarcados em ambulancias, que os levaram a hospitais militares.

Depois do navio ter atracado á Estação Maritima de Alcantara, a algazarra dos soldados era ensurdecedora, numa demonstração eloquente do que é a alegria do regresso. As serpentinas desfolhadas restabeleciam os laços entre o navio e o porto. Os lenços acenavam na amurada do navio e no cais. As famílias procuravam ser reconhecidas e de lá vinham os gritos das chamadas.

Durou horas este intercambio sentimental de parentes e amigos separados apenas por alguns metros. É que, embora o navio tenha chegado ás 7 horas o desembarque só se faria depois das 10.

Entretanto, a banda de Infantaria 1 executava o hino nacional e logo em seguida ouviam-se marchas militares, a escaldar mais o ambiente. Nas expressões dos soldados era viva a ansiedade e o de-

(Continua na página central)

ESTA SEMANA DIZ O MÉDICO...

Valor terapêutico dos frutos e dos vegetais (3)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

OS principais ácidos orgânicos que se encontram nos frutos são, como noutra ocasião referi, ainda que de passagem: o ácido málico (maçã, pêros e pêras, ameixas, alperces, cerejas, tomate e uvas); ácido cítrico (limão, laranjas, tangerinas, toranjas, limas); málico e cítrico (framboesas e cerejas); ácido acético (nêsperas); tartárico, tartarato ácido de potássio (uvas); succínico (uvas verdes); ácidos oxálico e salicílico (framboesas, tomate e cerejas). Todos estes ácidos, em suas variadas formas e composições, são muito importantes na alimentação diária.

A acidez total dos frutos oscila entre 0,25 % (uvas) e 2 % (amoras da horta).

Os três ácidos (málico, cítrico e tartárico) possuem assinaladas propriedades laxativas e diuréticas, fazendo parte dos chamados «medicamentos refrescantes». Quando bem

(Continua na 13.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

«SANTO ANTÓNIO» DE LUANDA

O «Quanza» trouxe ontem para a Metrópole um pretinho de poucos anos. Nasceu e ainda pouco cresceu na cidade de Luanda, onde os médicos, dando-se conta da sua enfermidade, aconselharam os pais (Mário Fernandes de Carvalho e Elvira Neto de Carvalho) a fazê-lo operar em Lisboa. O menino, a quem chamam «Santo António», por ser seu nome o do nosso taumaturgo, começou a sofrer do coração tinha apenas 4 meses. E fez pena, á boa gente de Luanda, que um menino tão pequenino e inocente, assim fosse condenado a um mal progressivo com a idade. Foi, então, que um movimento de solidariedade se concretisou em Luanda e teve eco em Lisboa. A Conferência Vicentina e a Companhia Nacional de Navegação, que lhes deu passagens (para o menino e sua mãe) possibilitaram a obra de coração que se pode ter a amargura da sua singularidade, pode entretanto valer mais do que tudo, como um simbolo. Agora, mãe e filho, acolhidos ao Sanatório D. Carlos, aguardam a grande hora. O menino vai ser operado (sofre de insuficiência cardíaca) e tudo faz prever que se salvará. Para ele, felizmente, tudo lhe é estranho, a morte, a vida e a dor. «Santo António» de Luanda vai fazer «milagre» por si...

FEIXE DE NOTICIAS

O dr. António Martinho foi à União Nacional falar de algumas realidades da hora presente, nomeadamente de unidade de comando e unidade de acção. Considerando a liberdade no ambito individual, disse que esta não pode colidir com a liberdade dos outros (o que não pode ser tido por eufemismo pessoal) considerando-a, por isso, sujeita a condicionamentos por parte do Estado. A última campanha eleitoral (disse) provou o mau principio dos debates ruidosos. É, pois, preciso trabalhar com serenidade e confiança para solucionar problemas.

* O fogo destruiu o convento das irmãs Clarisses do sítio de Caldeira (Funchal). Erguia-se num ponto tão inacessivel, que os bombeiros não chegaram lá. E foi o povo que lutando denodadamente, salvou a capelinha do convento. Era um mosteiro modesto e muito antigo este que o fogo destruiu, deixando sem abrigo umas dezenas de irmãzinhas pobres. O povo estima-as e vai agora prestar-lhes provas do seu respeito e estima.

* A Camara Municipal de Santarém está a aformosear a linda cidade de S. Frei Gil. Deitou abaixo velhos muros e gradeamentos, vão-lhe dar um lago-piscina, instalam-se princípios de sanidade. Todos gostarão de ver Santarém modernizada, por certo. Mas espera-se que a moda não vá tão longe que destrua o que nela é de mais belo e antigo.

* Ia a passar perto da cadeia de Loures. José Joaquim Pereira Veiga (25 anos, serralheiro, Quinta da Boavista) não cometera nenhum crime. Ia contente da vida. Mas, nisto, um projectil partiu de uma janela e foi prostrar o José Joaquim. Fôra um sargento em serviço na cadeia que estava a descarregar a arma. A bala, disparada para o tecto, fez ricochete e partiu pela janela.

* O dr. Luís Leite Pinto fez no cinema do S. N. I. uma palestra sobre problemas de prevenção dos acidentes de trabalho. Conhecidas as causas, evitar-se-á a frequência dos acidentes; com acção educativa, o homem aprenderá a salvaguardar-se do perigo; para uma melhor solução, e preciso estabelecer cursos para formação de tecnicos de segurança. Com tais medidas, que são base de um caminho melhor, lucrarão os trabalhadores, as empresas, o Estado e as companhias de seguros. Serviços de segurança em cada empresa, é, aliás, necessidade de maior.

* Dois homens (Domingos Jorge e João Luís Veloso) muitas vezes perturbaram a paz de Forcalhos, com os seus gritos e altercações. Ontem, porém o caso foi a mais. Desorientados, pegaram-se, agrediram-se. Um deles, o Domingues, caiu com o cranio fracturado por instrumento de lavoura. O outro, depois de pensado, recolheu á cadeia. A causa das desavenças foram os ciumes. E para temperar a noticiazinha, dir-se-á que ambos eles são casados.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o comandante-geral da Guarda Nacional Republicana; presidente do Município de Lisboa, e governador do distrito autónomo do Funchal, no seu livro de cumprimentos inscreveram-se o subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, o presidente e o director da Associação Industrial Portuguesa. * Com o presidente do Conselho trabalhou o ministro da Saúde e Assistência. * Em Monção, tomou posse o novo presidente do Município, dr. Boaventura Barreiros. Foi um acto desusadamente luzido e concorrido. * Em S. José, faleceu D. Iraídes Fernandes Carneiro (26 anos, Lamadarcos, Chaves) que na viagem do Rio para Lisboa foi operada de urgência pelo médico de bordo. * Tomou posse do cargo de director da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz o dr. José Nunes de Sá. * No Hospital dos Capuchos, faleceu Manuel da Costa Pio. Tinha 37 anos, era empregado de escritório, morava na Rua Nova da Trindade, 93 e fôra há tempo atropelado. * No Sindicato dos Ajudantes de Farmácia de Lisboa foi debatido o problema da propriedade de farmácia. O Norte, especialmente, revelou-se com particular calor na defesa dos interesses da classe. * Maria Amélia Pires deu uma queda há dias, foi internada em Arroios, e morreu ali ontem. Morava no Bairro da Urmeira. * Perto de Oliveira de Azemeis (lugar dos Cavados), ficou em estado grave, por lhe ter caído em cima um caldeirão de enfulho, Florindo Carneiro, de 23 anos, mineiro da Vila Nova.

A Tuna de Coimbra

comemora hoje o seu 70.º aniversário

COIMBRA, 25 *(Pelo telefone)*.— A Tuna Académica, o mais antigo grupo cultural dos estudantes de Coimbra, comemora hoje o 70. aniversário, o que deu motivo a uma simpática festa de confraternização, dos actuais e antigos estudantes, sendo elevado o numero destes que compareceu. Muitos dos antigos tunos vinham acompanhados de senhoras das suas familias.

Depois de se terem reunido no pátio da Universidade ouviram missa na capela por alma dos tunos falecidos, tendo sido celebrante o rev.º Cardoso, de Tondela, que é, dos sobreviventes, o mais antigo regente da Tuna.

Depois apresentaram cumprimentos ao reitor da Universidade, trocando-se afectuosas saudações.

Seguiu-se um almoço de confraternização, que teve lugar no refeitório da Associação Académica, que decorreu num ambiente da mais viva alegria e, findo o qual foi inaugurada uma exposição das actividades da Tuna a que deu a sua colaboração o Museu Académico.

A' noite, no Teatro Avenida, haverá um sarau no qual colaboram os antigos tunos. Entre estes contam-se os srs. dr. Julio Condorcet Pais Mamede, José Pais de Almeida e Silva, Luís Conceição, Henrique Mota, João Bragão, José Frazão, Armando Góis, Paradela de Oliveira, Afonso de Sousa, dr. António Vaz, etc.

A cidade, em festa, embandeirada e toda decorada, é percorrida por grupos de gaiteiros que alegremente enchem as ruas da sua musica.

O ministro da Justiça

foi hoje a Coimbra

COIMBRA, 25. *(Pelo telefone)*. — A fim de conferenciar com a comissão organizadora da exposição bibliográfica dos trabalhos relativos ao Código Civil de 1867, e preparatória do futuro Código Civil português, a inaugurar na próxima segunda-feira, no tribunal da Relação, chegou esta manhã a Coimbra o ministro da Justiça que, á tarde, regressará a Lisboa.

O sr. dr. Antunes Varela presidirá ao acto inaugural.

Homenagem à memória

do maestro Duarte Ferreira

Amanhã, pelas 10 horas, realiza-se uma romagem ao jazigo onde repousam os restos mortais do maestro Leonel Duarte Ferreira, no cemitério de Almada. Ao meio-dia, será descerrada uma lápida comemorativa do seu nascimento, na Rua Capitão Leitão, 30. Esta homenagem é organizada pela Academia Almadense.

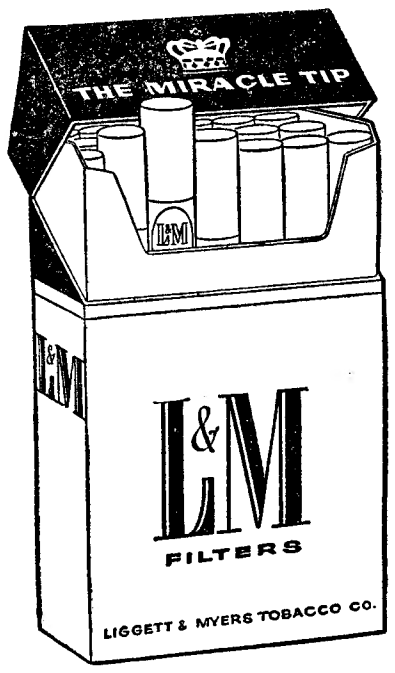
Serão para trabalhadores

No salão de festas da Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário, realiza-se, pelas 21 e 45 horas, um serão para a Classe dos Construtores Civis, em colaboração com a Emissora Nacional e a F. N. A. T.

OS CIGARROS L & M AINDA FILTRAM MELHOR

JAMAIS OS VOSSOS LÁBIOS TOCARAM NUM FILTRO ...TÃO PURO TÃO BRANCO... ...E TÃO FILTRANTE

FUME COM PRAZER!!! O CIGARRO QUE O SATISFAZ FUME À VONTADE!!! O CIGARRO COM O FILTRO DA VOSSA CONFIANÇA



THE MIRACLE TIP

THE MIRACLE TIP

IMPORTANTE: Exija sempre, como garantia de frescura, que cada maço seja fechado com uma cinta de **COR VERDE CLARO E SOBRE ESTA O PESO MARCADO EM GRAMAS.** Assim terá a certeza de fumar um cigarro sempre fresco, recebido a curtos intervalos pelo unico **Importador:**

TABACARIA INGLESA
LISBOA

O HOTEL EMBAIXADOR APRESENTA no «TERRAÇO DAS ESTRELAS» o "ballet" alemão "KUPCH K"

— FRISO DE ELEGANTES RAPARIGAS

AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo 25$00

(Maiores de 17 anos)

Seja esperta! Não ande envergonhada porque o seu vestido ou o seu fato de banho estão desbotados. Tinja-os ou avive-lhes a cor, em casa com as famosas **tintas RAPOSA**, a marca alemã que domina em todo o Mundo há mais de 60 anos. As **tintas RAPOSA** para tingir em casa estão à venda em todas as drogarias.

A PARTIR DE 1 DE JANEIRO DE 1959

TARIFAS ESPECIAIS EMIGRANTES

RECIFE . . . . . 8.029$20

RIO DE JANEIRO 8.584$80

S. PAULO . . . . . 8.770$20

(incluindo todos os impostos)

892 PEÇA INFORMAÇÕES À SUA AGÊNCIA DE VIAGENS OU À

PANAIR DO BRASIL

AVENIDA DA LIBERDADE, 68 • TEL. 31963 • LISBOA

PALACIO DO ATLANTICO, SALA 704 — TEL. 32915 — PORTO

Cerca de 500 recrutas da Força Aérea prestaram hoje juramento

Durante dois meses e meio, cerca de quinhentos recrutas da Força Aérea que recebiam instrução militar no Campo de Tiro da Serra da Carregueira deram ás povoações vizinhas, aos estabelecimentos e ás estradas um movimento desusado e aspectos do bulício e da mocidade que caracterizam os que se destinam á Aviação.

Esses recrutas — que vão prestar serviço na Base Aérea n.º 1, da Granja do Marquês, em Sintra — foram assim divididos: 59 mecanicos de radar; 26 operadores de circulação aérea e radaristas de tráfego; 16 operadores meteorologistas; 81 operadores radaristas de detecção; 58 mecanicos de rádio; 57 mecanicos electricistas; 88 mecanicos de material aéreo; 34 mecanicos de material terrestre; 30 mecanicos de armamento; e 49 dos serviços de abastecimento.

Total: 498 soldados que hoje prestaram juramento na parada do Campo de Tiro, sob a presidência do general-aviador Venancio Deslandes, primeiro subchefe da Força Aérea. Ladeavam-no: o segundo subchefe, brigadeiro Mira Delgado; o brigadeiro Ponte Rodrigues, director dos Serviços de Recrutamento e Instrução; o coronel Silva Correia, chefe do gabinete do subsecretário de Estado da Aeronáutica; o coronel Tito Lívio Felix Parra, comandante da Base Aérea n.º 1; o professor Joaquim Fontes, presidente da Camara Municipal de Sintra; comandantes e oficiais das unidades da Força Aérea; e muitas senhoras.

Á esquerda da formação dos recrutas, estava a Banda da Força Aérea, e á esquerda via-se a fanfarra da Base Aérea de Sintra.

Depois da formatura geral e da continência, pronunciou uma alocução o tenente Carlos Moutinho.

O capitão Lélio Ribeiro leu os deveres militares e a fórmula do juramento, após o qual a banda da Força Aérea executou os primeiros acordes do hino nacional e se fez o desfile dos soldados em parada, com a fanfarra á frente, orientada com um bastão.

Depois houve uma prova de estafeta militar, por 3 soldados, uma exibição da classe de ginástica, de 400 homens, e outra, da classe de saltos, por 20, canto coral e distribuição de prémios.

Homenagem em Vila Franca á memória do arquitecto Bastos Coelho

VILA FRANCA DE XIRA, 25 *(pelo telefone)*. — Por iniciativa da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, foi hoje prestada homenagem póstuma á figura e á obra do arquitecto José Manuel Caetano de Bastos Coelho, que foi autor de numerosos projectos de nucleos de armazenagem e de selecção de cereais, construidos em diversos pontos do País.

Com a presença dos srs. eng.º Quartin Graça, secretário de Estado da Agricultura; prof. dr. Marcelo Caetano, tio do homenageado; dr. Meneses Soares e eng.º Pedro Baptista, directores da F. N. P. T.; eng.º Santos e Castro e Marcelo Palhares, respectivamente, chefe dos serviços técnicos e secretário-geral do mesmo organismo; tenente José de Sousa Nazareth, presidente da Camara Municipal de Vila Franca de Xira e José Maria Ferreira Delgado, representante do Grémio da Lavoura; além da viuva e outros familiares do arquitecto Bastos Coelho, pessoal técnico daquela Federação, etc., realizou-se, ás 10 e 30, na igreja matriz, uma missa, celebrada pelo pároco dr. Vasco Moniz.

Seguidamente, no nucleo de armazenagem e selecção, desta vila, procedeu-se ao descerramento, pela viuva do arquitecto Bastos Coelho, de uma lápida comemorativa da homenagem. Nesta cerimónia, usaram da palavra os srs. dr. Meneses Soares, que se referiu ao significado do acto e á figura do homenageado; e eng.º Santos e Castro, que recordou a proficua actividade do ilustre arquitecto.

Por fim, realizou-se uma visita ao referido nucleo, que terminou cerca das 13 horas.

Adormeceu ao volante e atropelou duas mulheres

Esta manhã, quando Emília de Assunção Ferreira, de 33 anos, acompanhada de Maria Luísa Miranda Alves, de 18 anos, operária, residentes em Via Longa, seguiam pela estrada, foram atropeladas por um automóvel de praça, conduzido por João Baptista, residente em Loures, que adormeceu ao volante e só despertou ao sentir o embate do carro. As duas feridas foram conduzidas numa ambulancia dos Bombeiros Voluntários daquela localidade á sala de observações do Hospital de S. José, onde a primeira ficou internada com fractura de ambas as pernas e a segunda com várias contusões e fractura duma perna.

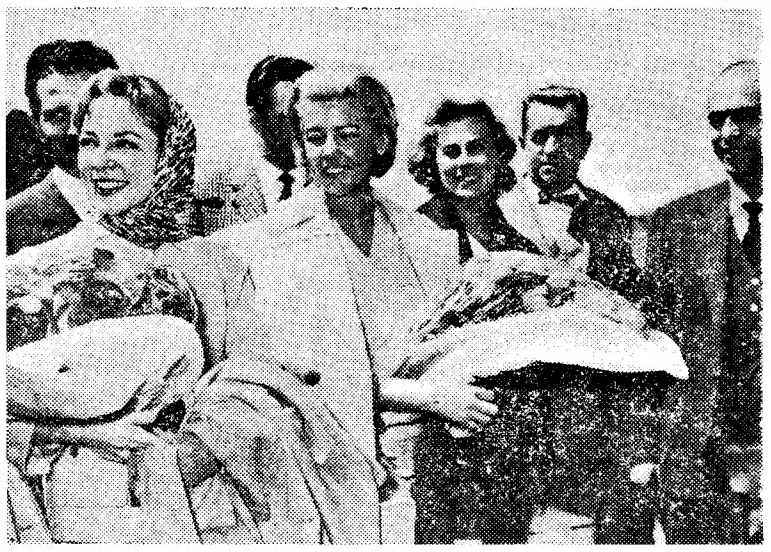
O motorista ficou no local, com o carro, a aguardar a comparência das autoridades.

Chegou hoje a Lisboa a embaixada da «Comédie Française»

Cerca das 13 horas, chegaram a Lisboa, vindos de Madrid, num avião da T. A. P., os actores da «Comédie-Française», que apresentarão no cinema Tivoli as peças «École de Maris», de Molière, e «Le jeu de l'amour et du hasard», de Marivaux.

Os comediantes Micheline Boudet, Magali Vendeuil, Claude Winter, Robert Manuel, que é o chefe da «troupe», Jean Marchat, André Falcon, François Vibert, Jean-Louis Jemme e Jean-Paul Rossillon, e o administrador da «tournée», sr. Laparade, foram recebidos no aeroporto pelos srs. Pierre Hourcade, director do Instituto Francês, Philippe Benoist, conselheiro da Embaixada da França, Yves Robaud, 1.º secretário da mesma Embaixada, José de Castro, em representação do S. N. I., Augusto Lima Mayer e Julio Bivar Salgado, com representantes da empresa do Tivoli.

Esta primeira visita da «Comédie Française», que parece vir dar início a um convívio que se manifesta indispensável, traz-nos duas peças bem representativas do teatro clássico francês: a peça da juventude de Molière como um exemplo bem típico do teatro do século XVII e a peça de Marivaux como uma excelente imagem do séc. XVIII. A primeira será montada de acordo com a encenação de Jean Meyer que, no estilo e na decoração, procurou reconstituir o espírito do período áureo do teatro clássico. Boa mensagem, portanto, da grande arte francesa que do autor anónimo da «Farsa do Maistre Pathelin» até Giraudoux mantém uma perfeita continuidade.



Os artistas da «Comédie Française», á sua chegada ao aeroporto da Portela. Na nossa fotografia vemos, além das actrizes Micheline Boudet, Magali Vendeuil e Claude Winter, o actor Robert Manuel (á direita), que é o chefe da «troupe»

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

TRUCIDADO PELO COMBOIO — Esta manhã, o revisor de 3.ª classe da C. P. Joaquim Henrique Marinheiro, de 52 anos, natural de Alfarelos, que pernoitava nos dormitórios de Santa Apolónia, foi trucidado pelo comboio, naquela estação. O cadáver, depois das formalidades legais, foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

ATROPELADA POR UMA «SCOOTER» — Na Rua do Crucifixo, foi atropelada por uma *scooter* a sr.ª Françoise Correia de Barros, de 83 anos, natural de França, residente na Rua do Salitre, 61 r/c, e que sofreu fractura da bacia. Transportada á sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internada.

DOENÇA SUBITA E MORTAL — Na sua residência, Rua da Misericórdia, 81, 4.º, foi acometido de doença subita e mortal o jornaleiro António Tomé Rodrigues da Silva Claro, de 24 anos. O cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

feiras da EUROPA

PRIMAVERA DE 1959

BRUXELAS

LEIPZIG

NUREMBERG

COLONIA

OFFENBACH

FRANCFORT

HANNOVER

VISITE AS FEIRAS DA EUROPA UTILIZANDO AS LINHAS DA

SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

Tem Tosse? Bronquite? Rouquidão?

Tome o Chá Nattermann No. 5 Bronchicum

e verificará a sua acção benéfica

Os Chás Nattermann são usados em todo o Mundo
Preparados e controlados cientificamente e embalados na Alemanha

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

Peça catálogos aos representantes: JOÃO PATRÍCIO ALVARES FERREIRA, LDA.
Rua da Madalena, 78 — LISBOA

LINDAS CACHEMIRAS E IMITAÇÕES
VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES
TECIDOS ALVINIZ
16, Largo do Carmo

Em ALBERGARIA DOS DOZE o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por D. MARIA GONÇALVES

REUMATISMO TRATA-SE COM CORYPHÉDRINE Especia

CARTEIRAS DE 1 COMPRIMIDO $60 FORO DE 20 COMPRIMIDOS $50

MARIA VITÓRIA

EMP.ª «E. SALVADOR e R. MARTINS, LDA.»

2 SESSÕES ÀS 20.30 e 22.45 ADULTOS — M/17 ANOS

BIBI FERREIRA

A 1.ª ACTRIZ DO BRASIL

SALVADOR

APRESENTA

ANTONIO SILVA

BARROSO LOPES

HUMBERTO MADEIRA

TERESA GOMES

MIMI GASPAR

e a grande atracção internacional

PERLA CRISTAL

com «EL BEBO», o «REI DO RITMO»

PERLA CRISTAL, a «Passageira da Carris» *SALVADOR* e *MADEIRA*

TERESA GOMES no «1900»

MIMI GASPAR na «Moleira»

NA REVISTA POPULAR DO MOMENTO

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

SALVADOR

O ACTOR DE QUE LISBOA GOSTA!

AMANHÃ ESPECTACULO A' TARDE AS 16 HORAS

UM EXTRAORDINÁRIO ÊXITO DE GARGALHADA!

O MAIOR ELENCO DO ANO NUM ÊXITO INCOMPARÁVEL

A NOTÁVEL E ESCULTURAL BAILARINA

CHIQUI RODRI

ROSALIA y MESTRES

TRIO ALHAMBRA

BLANCA and BLACK

No salão típico: CEIAS—FADOS E GUITARRADAS e «MANOLLILO DE BERBES» em cantares flamencos

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE

ADULTOS Maiores de 17 anos)

E, ainda mais atracções com

VILAÇA E A SUA ORQUESTRA

TODAS AS NOITES: ENCHENTES

BALLET LUISA TORRES y ZINGARO

UMA ATRACÇÃO DE NOTÁVEL CLASSE

A ESCULTURAL BAILARINA MARROQUINA

KENZA

TONI RODRI

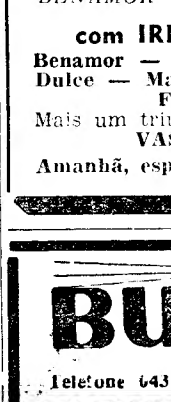
MARGARITA RUIZ

TEATRO MONUMENTAL

ESP. VASCO MORGADO, LD

Tel. 55133—Adultos m/ 17 anos

AS 21.45 HORAS



BENAMOR

TRIUNFALMENTE em 10.ª SEMANA de representações UM ÊXITO DE COMICIDADE! UMA COMÉDIA PARA RIR COMO NUNCA!

Eles, Elas... e os Meninos

original de André Roussin

com IRENE ISIDRO

Benamor — Paula — Santana

Dulce — Macieira — Schulze

Florbela

Mais um triunfo de VASCO MORGADO...

Amanhã, esp. á tarde, ás 16 h.

BEATRIZ

VILLARET

COSTINHA

HOJE — EM 2 SESSÕES Às 20.30 e 22.45

VARIEDADES

Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam triunfalmente

BEATRIZ COSTA e JOÃO VILLARET

Pela primeira vez juntos, á frente de uma grande companhia na revista popular de retumbante êxito!

«CHAMPANHE SALOIO»

(ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS)

Amanhã, domingo, ás 16 h.: Espectáculo á tarde

As 21.45 horas

AVENIDA

ESPEC. P.ª AD. M/ DE 17 ANOS

A magnífica COMPANHIA DO TEATRO DE SEMPRE apresenta

Em ultimas representações! Ultimos dias!

SEIS PERSONAGENS EM BUSCA DE AUTOR

A OBRA-PRIMA DE PIRANDELLO

Um êxito que sai da cena em pleno triunfo!

Amanhã, domingo, ás 16 h.: Ultimo espectáculo á tarde

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.

Largo 5 de Outubro

STO. AMARO DE OEIRAS

TRINDADE HOJE ÀS 21.45 (17 anos)

MAIS UM TRIUNFO DO T. N. P.

Ao apresentar a obra-prima da cena contemporânea

À ESPERA DE GODOT

de SAMUEL BECKETT

Ribeirinho, Gusmão, C. Ferreira, Cortez, J. Lourenço

AMANHÃ. «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

João Viana

LUSO

Aurora Sobral

Tr.ª da Queimada, 8-A — Tel. 22889

Adultos (17 anos)

Hoje (até de madrugada) cantam **Aurora Sobral — Joaquim Geraldes — Constança Nunes** — Manuel Hilário — Julieta Reis e **João Viana (Vianinha)**. Acompanhamentos por A. Couto e A. Rami. **Amanhã — Grandiosa «Matinée» — Quinta-feira — «Bodas de Prata» de António dos Santos. Sexta-feira — 1.º de Maio — 14.º ANIVERSÁRIO DA EMPRESA ANTÓNIO CIPRIANO COM TODO O SEU ELENCO**

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

TEATROS E CINEMAS

«Pelleas et Melisande», em S. Carlos

Os nossos anos de estudante foram embalados, iluminados por várias paixões, flutuantes e contraditórias, algumas, outras definitivas desde a primeira hora, como aconteceu com a descoberta de Debussy. E, em nossa volta, essa compartilhada paixão fazia da partitura do «Pelléas» um breviário e uma espada, quer dizer, uma doutrina e uma nobre arma de combate. E apesar de terem sido reduzidíssimas as nossas possibilidades de ver e ouvir, até hoje esta celebérrima partitura lírico-dramática do genial mestre francês, não nos preparávamos para receber nenhuma sensação inesperada ou estranha ao dirigir-nos a S. Carlos: nem sequer, dum modo geral, o desempenho seria um ponto de interrogação, pois não só era conhecido o valor do elenco como a apresentação prévia no concerto para a J. M. P., no Tivoli, tinha sido para nós um conjunto de provas que atingiram o arrebatamento.

Da interpretação no S. Carlos, inteiramente confirmativa, falaremos mais adiante. O que era para nós mistério, era a realização cénica, e, até certo ponto, a execução orquestral. E era também mistério a nossa reacção actual, não á qualidade da obra em si, mas ao seu conteudo e ao seu muito marcante carácter francês. «Uma das obras-primas da musica dramática universal», afirmou Claude Rostand na sua alocução no concerto da J. M. P. Cada vez nos sentimos menos á vontade ao empregar ou ao ouvir empregar o termo *universal*... Mas não vamos agora queimar o que adoramos — o «Pelléas» continua a ser para nós um monumento, um bloco de unidade estética perfeita, de características impressionantes na sua fluidez, de tão intensa como subtil vida emotiva. Diz Chantavoine no seu muito divulgado livro «Cent opéras célébres»: «O milagre consiste... em dar pelo efeito da declamação vocal... modelada sobre a palavra, revestida pela transparência irisada duma orquestra requintada, de harmonias preciosas e sonoridades escolhidas, esta aparência de vida diafana com que o Sol anima as figuras imóveis dum vitral». Nada de mais injusto, como apreciação do conteudo do «Pelléas»! Figuras de vitral, Pelléas, Melisande, Golaud, o pequeno Yniold? Só pelo hieratismo, pelo medievalismo (passe o termo); na criação de Debussy, para nós muito superior á criação de Maeterlinch em que Debussy assentou a sua obra-prima, são figuras que sintetizam o que há de mais palpitante na existência. A lenta mas avassalante progressão da paixão de Pelléas e de Melisande, a atroz tortura de Golaud, que o leva a fazer espiar o pequeno Yniold e a arrastar Melisande pelos cabelos, até mesmo a submissão e a fragilidade de Melisande, são drama puro de sangue e de nervos, de sujeição á fatalidade, esta, sim, universal.

Felizmente, a representação beneficiou duma montagem que merece francos aplausos, apesar de não terem sido ressalvados todos os pormenores. Calculamos que não se fez a janela da torre mais em cima para condicioná-la á cena em que Golaud faz espiar o pequeno Yniold, mas foi prejudicial á cena em que se desenrola o dueto dos cabelos de Melisande; é ridícula a alusão a uma árvore frondosa, representada por um magro arbusto; a fonte é duma exiguidade que não permite que se afoguem nela; e Golaud, ainda com Yniold, quando diz que pretende ficar mais um pouco na sombra, está inundado por um facho de luz. Todos estes pormenores têm importancia, nesta obra em que palavras de sentido estrito representam imagens incisivas. Havia também a dificuldade em realizar um fundo de cena permanente que permitisse as modificações e transformações de lugar, o que de modo nenhum deu solução para a gruta e para o subterraneo, uma vez que não puderam ser rodeados de trevas. De muito bom efeito, foi a iluminação tanto da primeira como do segundo, e felicíssima a cortina estampada de focos de luz fantasmagórica que descia para as transformações parciais da cena. Apreciámos a sobriedade do cinzento empregado por Furiga para o cenário permanente, e o seu medievalismo, embora um pouco miniatural. Esmaltaram o cinzento do castelo uma bonita perspectiva sobre ciprestes e algumas manchas de coloridos felizes

(Continua na 13.ª página)

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

HOJE, ÀS 21 E 30, EM ESTREIA (17 anos)

A PEÇA EM 4 ACTOS E 9 QUADROS DE SCHILLER

Em comemoração do bicentenário do seu nascimento e na tradução do dr. António de Meneses

INTRIGA E AMOR

ENCENAÇÃO DO DR. ERWIN MEYENBURG

Interpretada por *Mariana Rey Monteiro* ✱ *Raul de Carvalho* ✱ *Lourdes Norberto* ✱ *José de Castro* ✱ *Meniche Lopes* ✱ *Maria Corte Real* ✱ *Pedro Lemos* ✱ *Luís Filipe* ✱ *António Palma* *Manuel Correia* ✱ *José Cardoso* ✱ *Carlos Avilez*

INTERVALOS DEPOIS DOS 2.º, 4.º E 7.º QUADROS

UMA PEGA 6$50 no BAR RIBATEJO

Doçaria Caseira — café de balão — P do Areeiro, 11, D

A «BOITE» DA MODA AMBIENTE SELECTO

SABADOS e DOMINGOS «Matinées» das 18 ás 20 horas com todo o elenco de atracções

Pasapoga

TELEF 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

OS DOIS ÊXITOS DE MAIOR BRADO ACTUAL:

BALLET ALECOS ALVAREZ

EM DANÇAS DE RITMO FRENÉTICO E ARDENTE

5 BRIZAS DE ESPANHA

Num novo estilo de bailados regionais

Musica constante por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

CAMPO PEQUENO

AMANHÃ, ÀS 16,30 HORAS

SENSACIONAL APRESENTAÇÃO EM PORTUGAL DA JOVEM E GENTIL TOUREIRA FRANCESA

PIERRETTE LE BOURDIEC

OS CAVALEIROS

Clemente Espadanal e José Mestre Baptista

E OS NOVILHEIROS

Artur Cardoso, Paco Rodrigo

FORCADOS DE RIACHOS, DE JOSÉ LUIS

BILHETES DESDE 10$00

A VENDA NOS RESTAURADORES, 7 — MAIORES DE 6 ANOS

«BOITE DE NUIT» NINA (Adultos M. 17 anos)

APRESENTA

MIGUELITO VALDÉS

Mr. Bábálú

De HOLLYWOOD a PORTUGAL

Artista de Cinema, Rádio e TV

Grandioso Festival Ribatejano

Amanhã, ás 16 horas, no

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

Com exibição do «Grupo Infantil de Dança Regional de Santarém», do «Grupo Académico de Danças Ribatejanas» e estreia do «Coral do Ribatejo».

Preços Populares — Espectáculo para crianças e adultos

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27173

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

Filmado a um passo da «Cortina de ferro» é um grande filme de amor e «suspense»

CREPÚSCULO VERMELHO

com **Yul Brynner** e **Deborah Kerr**

ÉDEN TEL. 20768

15.30 - 18.30 e 21.30

Uma comédia excepcional em Eastmancolor

A INGÉNUA E O SOLTEIRÃO

com **Debbie Reinolds** e **Curt Jurgens**

Um problema universal analisado com optimismo e compreensão.

(Adultos — 17 anos)

ALVALADE Telefone 763080

15.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

O filme que está sendo um êxito em Londres, Paris e Nova York

CREPÚSCULO VERMELHO

com **Yul Brynner** e **Deborah Kerr**

Um exclusivo da época

ODEON Telefone 26283

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/6 anos)

Em 5.ª SEMANA

A beleza das paisagens e o encanto das nossas canções

RAPSÓDIA PORTUGUESA

em Scope e Eastmancolor

Realização de João Mendes

CINEMA IDEAL

Às 21 (M/17 anos)

Superscope

OS BRAVOS TAMBÉM AMAM NÃO ME CONDENEM

RESTELO Telefone 610375

21.15 (M/ 17 anos)

Cinemascope

VIVA O PALHAÇO

com Danny Kaye

CASINO ESTORIL 21.30 (M/17 anos)

JERRY AMA SECA

com Jerry Lewis

TIVOLI TEL. 50595

3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)

Yul Brynner e **Joanne Woodward** no famoso romance de Faulkner

O GRITO DA FÚRIA

Em Cinemascope

POLITEAMA TEL. 26301

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

GRANDE ÊXITO

A heroica história de um jovem numa terra onde os homens zombam da morte

UMA LUZ NA FLORESTA

com **Fess Parker** e **Joanne Dru**

Produção **Walt Disney** Tecnicolor

CONDES TEL. 22523

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

2.ª SEMANA

Uma tempestade de riso sobre Lisboa!

TOTÓ, VITTORIO... E A MÉDICA!

com **Totó, Abbe Lane** e **Vittorio de Sica**

CAPITÓLIO TEL. 27493

21.30 (M/12 anos)

Colorido

OS REVOLTADOS DO «CAINE»

c/ Humphrey Bogart

A NORA DO TENOR

com Paul Henreid

ROYAL TEL. 845037

Às 21 (M/12 anos)

PLANETA PROIBIDO

com Walter Pidgeon

MULHERZINHAS

com Elizabeth Taylor

TERRASSE TEL 20917

A's 21 (M/17 anos)

TESTEMUNHA DE ACUSAÇÃO

LOUCURA EM VENEZA

IMPÉRIO Tel. 55134/5 (M/17 anos)

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

O admirável filme de Cayatte que é um acontecimento na vida cinematográfica

O ESPELHO DE DUAS FACES

com **Michèle Morgan** e **Bourvil**

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

SIR ALEC GUINNESSE em

A VERDADE EM PRIMEIRA MÃO

Technicolor

O mais hilariante filme sério do ano!

MONUMENTAL TEL. 55131

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

A mais alegre e picante comédia do ano!

A ESTREANTE ENDIABRADA

com **Rex Harrison** e **Kay Kendall**

ROMA Telef. 727778

15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

A rivalidade masculina de duas gerações frente ao amor

A INGÉNUA E O SOLTEIRÃO

Um triangulo amoroso de sempre, num problema universal.

Cinemascope — Eastmancolor

AVIS Tel. 47163

15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

O filme mais deslumbrante e mais romantico do ano!

OLHOS NEGROS

com **Johana V. Koczian, Ivan Desny** e **Ewald Balser**

LUX TEL. 48560

Às 21 (M/17 anos)

Cinemascope

A CHAVE SAFARI

Os ciclistas portugueses no estrangeiro

A VOLTA À ESPANHA

Os Lusitanos foram tocados pela tragédia

mas não desiludiram completamente

Agostinho Ferreira recebeu o «Prémio do Asar»

Sérgio Páscoa foi «repescado» e António Santos foi obrigado a abandonar a corrida

Por RODRIGO G. SANZ

TOLEDO, 25. — Levantou-se o pano, finalmente, sobre esta grande peça que é sempre a «Vuelta», em que há tragédia e há comédia, em que o esforço se torna natural e o próprio sofrimento é coisa corriqueira e já habitual.

No primeiro dia da «Vuelta», os Portugueses registaram, especialmente, tragédia, a tragédia de Agostinho Ferreira, que andou quase cem quilómetros a gritar, em cada gesto, que é um bom estradista e está em plena forma, para vir a «furar», a vinte quilómetros da meta, perdendo algum tempo e toda a esperança de alcançar, logo na primeira tirada, o posto de vanguarda que o seu esforço bem merecera; a tragédia desse miúdo, de anos e de corpo, António Santos, que não supunha ser tão grande o seu atraso e que, por isso mesmo, ficou eliminado por escassos minutos — quando talvez tivesse podido continuar em prova, se melhor informado do tempo que ainda tinha de alcançar para passar á segunda etapa.

Se Agostinho Ferreira teve dos organizadores reconhecimento do seu esforço e um estímulo para o seu trabalho, com um «Prémio do Azar», concedido com inteira justiça, António Santos, que não terá lutado menos, dentro das suas possibilidades, não tem qualquer prémio. É a tragédia da Volta...

De modo geral, os Portugueses não desmereceram, em parte pela actuação de Ferreira, em parte pela prova de Joaquim Carvalho e de Antonino Baptista. E poderá ser que ainda venha a registar-se, entre alguns outros, a natural recuperação que a melhor adaptação á estrada permita.

Empolgante arrancada de Agostinho Ferreira

A menos de 10 quilómetros de prova já o pelotão se rompera em grupos e grupinhos, que mais se destacaram uns dos outros na descida para Alcorcon. O ciclista que provocou todo esse alvoroço foi o português Agostinho Ferreira, que começou a acelerar logo de início, com ele levando o espanhol Bahamontes — para quem qualquer tentativa de fuga era oiro de lei, visto que lhe dava a possibilidade de chegar em primeiro lugar á sua terra — e o italiano Idrio Bui. Este grupo de três chegou a Alcorcon com 4 segundos de avanço em relação ao segundo grupo, formado pelo belga Joseph Theus, pelos espanhois Karwany e Escolá, o português Joaquim de Carvalho, com o belga Adriaenssens e os espanhois Suarez e Segu.

Havia depois terceiro pelotão, com Van Looy, Robinson, Emílio Cruz, Aspuru e o italiano Sante Ranucci. Trinta segundos depois do primeiro ia o grande pelotão.

Boa entreajuda entre os Portugueses

Um Português foi dos primeiros a «furar»: Aquiles Veiga Santos, que, aos 15 quilómetros, teve de mudar de tubo, perdendo contacto com o pelotão principal. Aguardaram-no três companheiros de equipa — Antonino Baptista, José da Costa e Sérgio Páscoa — e tornou-se notado o facto de serem elementos que em Portugal correm em clubes diferentes. Reparado o furo, lançaram-se os quatro em perseguição do pelotão, revezando-se bem e com ânimo, para conseguirem recolar, apesar do rápido andamento.

Pouco depois atrasavam-se, também por furos, o alemão Junkermann e os espanhois Usset e Guzman.

Entretanto, na frente, Van Looy tomava o comando das operações e conseguia reunir-se aos três primeiros, com ele levando os homens do seu grupo. Passa a haver dois Portugueses no primeiro pelotão, Agostinho Ferreira e Joaquim Carvalho. E qualquer dos dois — mas especialmente Agostinho Ferreira — dá o seu quinhão para se manter o veloz andamento, em que Bahamontes e Suarez se mostram mais interessados. Aos 20 quilómetros há assim uma vantagem de 49 segundos.

Assiste-se depois a um duelo que ninguém tenta interromper: Bahamontes e Rivière medem-se em plena estrada — saem do pelotão e iniciam uma correria louca, em que por vezes atingem cerca de 60 quilómetros, consegue alcançá-los e reconstituir a unidade do primeiro grupo, aos 45 quilómetros.

Aos 50 quilómetros, esses 15 corredores têm um avanço de dois minutos sobre o grosso da coluna. Ferreira e Carvalho continuam a colaborar bem com os primeiros.

O belga Van Looy em notável evidência

No pelotão adivinha-se que os fugitivos poderão alcançar vantagem maior. E começa a perseguição em forma, com Fausto Coppi a demonstrar que ainda é um grande estradista.

Chega-se a Maqueda, onde fora instalada a meta móvel. E é o italiano Bui quem consegue «sprintar» e ganhar o primeiro prémio desta «Vuelta»: 1.000 pesetas.

Não há, depois, alterações de vulto na marcha dos acontecimentos:

(Continua na 11.ª página)

Os portugueses... ...saíram de Portugal

Talvez tenha influido poderosamente no animo dos ciclistas portugueses o facto de terem saído de Madrid, frente á Casa de Campo, exactamente pela Porta de Portugal. O facto provocou as naturais «piadas» de outros concorrentes e os rapazes, embora entre publico estranho, se bem que carinhoso, devem ter-se sentido um pouco mais animados por este facto de saírem de Portugal. A repetição do nome do seu país, em tantas bocas, deve ter-lhes dado uma curiosa sensação de estarem, afinal, um pouco em casa...

AS CLASSIFICAÇÕES dos Portugueses

Na 1.ª tirada, Madrid-Toledo, que o belga Van Looy correu á extraordinária média de 44,396, os ciclistas lusitanos classificaram-se nos seguintes lugares:«

23.º Antonino Baptista.
24.º Agostinho Ferreira.
67.º Sousa Cardoso.
79.º José da Costa.
80.º Sousa Santos.
81.º Aquiles dos Santos.
84.º Martins Almeida.
86.º Sérgio Páscoa.

Ivo Neves, o orientador-técnico, afirmou-nos, lacónicamente:

—Não estou decepcionado. Aguardemos...

A etapa de amanhã

A 3.ª etapa corre-se amanhã num percurso de 152 quilómetros, entre Córdova e Sevilha.

A média horária prevista é de 38,500 e a margem para o encerramento do «contrôle» é de 8%.

Verifica-se, por conseguinte, que a «Vuelta», nesta primeira fase, decorre sob o signo da velocidade.

A VOLTA À TUNISIA

O intenso calor pode afectar os portugueses

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

TUNES, 25. — Entre o aquartelamento em que se encontram alojados (Tunes não dispõe de hoteis que cheguem para todos os ciclistas e seus acompanhantes) e a «Cidade do Desporto», debruçada sobre o mar, os elementos da equipa portuguesa que concorre á Volta á Tunísia têm dividido o seu tempo. Os dois dirigentes portugueses aproveitaram o facto de terem tempo disponível para obrigarem os seus pupilos a familiarizarem-se com as condições de clima e piso, na estrada para Bizerta.

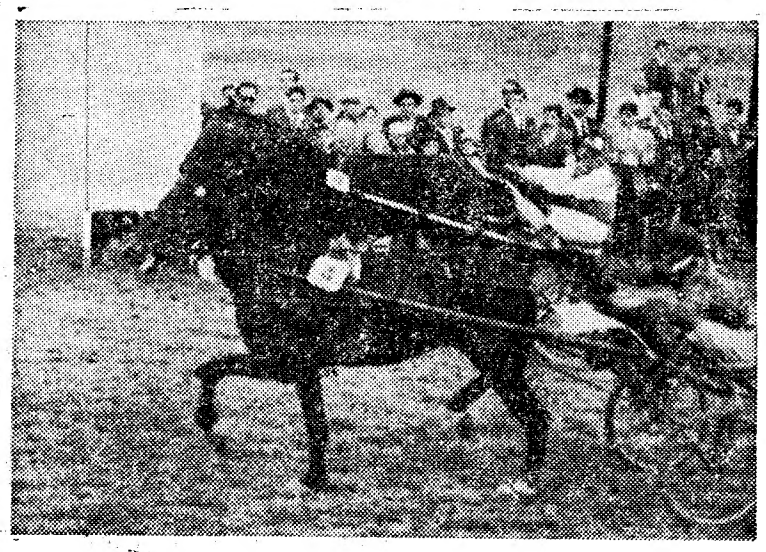
Os dirigentes das diversas equipas — são 9 os países que enviaram equipas para competir com as duas turmas tunisianas — estão instalados no Hotel Carlton. Também os dois portugueses ali se encontram, muito embora passem todo o seu tempo com os ciclistas, só recolhendo ao hotel para dormir.

A primeira etapa, que hoje se corre, não terá dificuldades de maior, devendo constituir uma boa jornada de adaptação ao clima tunisiano. A prova é disputada quase sempre com o mar á vista, pela estrada costeira, nos seus 168 quilómetros, até Susse. Não se julgue, porém, que se trata de uma prova fácil: a temperatura tem andado perto dos 30 graus centígrados e as camisolas ficam bem molhadas, depois de uns quantos quilómetros de treino; calcula-se que hoje, em plena prova, os efeitos do calor se comecem a fazer sentir, tanto mais que em quase todos os países da Europa — Portugal incluido — ainda não houve ocasião, até esta altura do ano, de familiarizar os atletas com o calor.

A Cidade do Desporto — «Bis el Bay» — fica sobre a costa e tem diversas instalações desportivas. Ontem, á tarde, os ciclistas portugueses, que de manhã haviam feito um treino, estiveram ocupados com as suas máquinas: afinações, alguns calços de travão, uns raios mais esticados. O dia passou depressa.

Esta manhã, ainda antes de se apresentarem ao controle, houve uma reunião da equipa portuguesa, em que os técnicos explicaram aos concorrentes lusitanos a táctica a empregar na primeira etapa.

Não há, entre os restantes concorrentes, grandes nomes das provas internacionais. Talvez por isso, os poucos portugueses que aqui residem, mostram-se esperançados numa boa actuação dos seus compatriotas.



Maiores de 6 anos
HIPODROMO DO CAMPO GRANDE
AMANHÃ ÀS 15,30 HORAS
5 CORRIDAS DE CAVALOS — TROTE E GALOPE
APOSTA MÚTUA

O Benfica em Coimbra

Enquanto não expiram as férias forçadas dos clubes da 1.ª Divisão, os dirigentes e técnicos pensam em contribuir de qualquer maneira para a manutenção da forma dos seus jogadores. O processo mais indicado, como é óbvio, consiste na disputa de encontros particulares — e é o que se tem feito, um tanto penosamente, digamos, com evidente desinteresse do publico e dos próprios jogadores.

Amanhã, seis equipas da 1.ª Divisão concordaram em intervir em três jogos, a saber:

Académica-Benfica
Caldas-Belenenses
F. C. Porto-Spt. de Braga.

No Estádio Municipal de Coimbra, disputa-se a 2.ª «mão» da taça «Candido de Oliveira». Os «encarnados» têm uma vitória (3-2). O embate, portanto, promete ser emotivo.

Em Caldas da Rainha, os «azuis» voltam a enfrentar a equipa local. A capacidade realizadora dos Belenenses é um dos unicos atractivos do desafio.

Nas Antas, os campeões nortenhos, sem os homens que figuram na selecção militar; tratará de ensaiar novas experiências. O jogo pode proporcionar um espectáculo interessante.

Provas da A. F. L. prosseguem amanhã com quatro torneios (35 jogos)

Os filiados da A. F. L. têm amanhã mais uma jornada de intensa actividade, com o prosseguimento de quatro competições que fornecerão os seguintes 35 desafios:

Campeonato distrital da 3.ª Divisão—Série A (17.ª Jornada)—Belas-Queluz em Belas; Cacém-Louret, no Cacém; U. Algés-Cascalheira, em Algés; Linda-a-Velha-1.º de Dezembro, no Estádio Nacional (treinos); Carcavelos-Alto da Eira, em Carcavelos—todos ás 16 horas. **Série B (20.ª jornada)** — Povoense A. C.-Caneças; Malveira-Castanheira, na Malveira; Tojal-Camarate, no Tojal; Loures-Bucelenses, em Loures; Ponte de Frielas-Vialonga, em Ponte de Frielas; Pinheiro de Loures-Zambujalense, em Pinheiro de Loures — todos ás 15 horas.

Campeonato distrital de Juniores da 2.ª Divisão. 2.ª fase, 5.ª Jornada — Série A — Sporting-Algés, no Estádio «José Alvalade», ás 9 horas; Linda-a-Velha-E. Amadora, no Estádio Nacional (treinos); Sintrense-Casa Pia, em Sintra — ambos ás 11 horas. **Série B** — Operário-Santa Catarina, em Chelas; Santa Iria-Vilafranquense, no campo «Reynolds» — ambos ás 10.30 h.; Sacavenense-Oriental, em Sacavem, ás 11 horas.

Prova Distrital de Principiantes — 9.ª Jornada — Série A — Oriental-Torriense, no campo «Eng. Carlos Salema», ás 9.15 h.; E. Amadora-Sporting, na Amadora, ás 10 h.; Belenenses-Palmense, no Restelo, ás 10.30 h.; Atlético A.-Casa Pia, na Tapadinha, ás 11 h. **Série B** — Sacavenense-U. Povoense em Sacavem, ás 9.45 h.; S. L. Olivais-Vilafranquense, nos Olivais, ás 10 h.; Vialonga-Atlético B, na Vialonga; Alhandra-Benfica, em Alhandra — ambos ás 10.30 h.

Torneio Popular de Futebol — 4.ª Jornada — Série A — V. de Sacavém-Moscavide; Sporting da Penha-Alto do Pina; Beato-F. C. Lisboa — todos no campo «Alvaro Gaspar», ás 13, 15 e 17 h., respectivamente: **Série B**—União-Monte Pradense; Lisboa F. C.-Fonte Santense — ambos no campo «José Ramos», ás 15 e 17 h. **Série C** — Águias-Real; Portugal-Cova da Moura; Liberdade-Bairro Marechal Carmona—todos no Campo Grande, ás 13, 15 e 17 horas. **Série D** — Matinha-Império; Laranjeiras-Frielas — ambos no Estádio «José Alvalade», ás 15 e ás 17 horas.

O «Nacional» DE JUNIORES

Belenenses e Sporting no «jogo do dia»

Para conclusão da primeira fase do 19.º Campeonato Nacional de juniores estão marcados para amanhã os 16 desafios correspondentes á 6.ª jornada do certame.

Os jogos em perspectiva são estes:

ZONA NORTE

F. C. Porto-Sporting de Braga	*(3-1)*
Vila Real-Desportivo Bragança	*(3-2)*
Tirsense-Vitória de Guimarães	*(1-4)*
Agueda-Leixões	*(1-2)*
Académico Viseu-Boavista	*(2-3)*
Beira Mar-Gervide	*(0-2)*
Caldas-Académica	*(0-7)*
Nazarenos-Sporting Nacional	*(1-1)*

ZONA SUL

Tramagal-Portalegrense	*(1-5)*
S. Covilhã-«Leões» Santarém	*(1-1)*
Sporting-Belenenses	*(1-0)*
Seixal-C. U. F.	*(0-7)*
Oriental-Montijo	*(2-0)*
Benfica-S. L. Olivais	*(9-0)*
Olhanense-Despertar	*(1-0)*
Farense-Juventude	*(2-1)*

Todos os desafios se realizam nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 e 30 h., excepto o Olhanense-Despertar, que é ás 11 horas.

Na zona Norte, com o Boavista e a Académica apurados vencedores das 3.ª e 4.ª séries, respectivamente, são os desafios das outras duas séries os que despertam maior interesse, mormente o F. C. Porto-Braga, o Tirsense-Guimarães e o Agueda-Leixões.

Na zona Sul a perspectiva é idêntica, porquanto estando apurados o Benfica e o Olhanense como vencedores das 7.ª e 8.ª séries, são os desafios do Tramagal, da Covilhã e de Alvalade os que oferecem maior interesse, mormente o que coloca frente a frente os «leões» e os «azuis».

DESPORTOS

GINÁSTICA DESPORTIVA

Triunfo da experiência

nos torneios especiais de 1.as categorias

Um sensacional «volte-face» provocou grande emoção na ultima jornada do torneio especial masculino de 1.as categorias, que ontem, á noite, no Lisboa Ginásio, juntamente com idêntica competição feminina, teve, perante numerosa assistência, o seu epílogo.

Manuel Prazeres, que ao fim da jornada de anteontem se encontrava em 3.º lugar, terminou em 1.º; Carlos Abreu que seguia á frente, trocou com aquêle; Luís Queirós, que estava em ultimo, ascendeu ao 2.º posto, trocando com o Portuense Adelino Barbosa, que dera, na véspera, a noção de ter recuperado após um irregular torneio de 2.as categorias. Foi, na verdade, uma verdadeira competição de ginástica.

Embora com menor emoção, a prova feminina também teve muito interesse, assistindo-se a uma decidida recuperação de Esbela da Fonseca, que terminara em 3.º no primeiro dia, e que, normalmente, teria sido a vencedora, se bem que isso não chegasse para ultrapassar o seu temperamento de campeã e Dália Sammer, que se impôs com a sua grande experiência de trabalhar calma e seguramente. Não deixa de ser curioso o facto de ambos os torneios terem sido vencidos pelos dois mais antigos ginastas em acção. Foi o triunfo da experiência e a vitória do conceito que recomenda a realização de competições como principal meio para se conhecer o nível das próprias faculdades e aprender a dominar as situações difíceis. Os novos, cheios de valor e de possibilidades, em cujos méritos assenta o nível global da ginástica desportiva nacional, como Carlos Abreu, Esbela da Fonseca, Luís Correia, Hermenegildo Candeias, Adelino Barbosa e Teresa Seixas, devem meditar no exemplo dos triunfadores e, bem assim, no seu magnífico desportivismo. Mas, á Federação cabe a responsabilidade de promover o maior numero possível de competições para que os novos obtenham a experiência. Sem provas não há hipótese de formar autênticos ginastas desportivos.

As vitórias de Prazeres e Dália são dignas de toda a nossa simpatia, pela classe e pela regularidade patenteadas. E' muito agradável a certeza de que ainda se pode contar com eles. Abreu, com desastrosos exercícios no cavalo e na barra, comprometeu as suas aspirações; Barbosa, com 5.10 na barra, resultantes de uma série de falhas, voltou a evidenciar má forma; Correia foi segurissimo na parte final da prova; Esbela melhorou bastante, conquistando 30 centésimos á vencedora.

Resultados finais

TORNEIO MASCULINO — 1.º, Manuel Prazeres (Lisboa Ginásio), 50,60; 2.º, Luís Correia (Ginásio C. P.), 49,10; 3.º, Carlos Abreu (G. C. P.), 49; 4.º, Hermenegildo Candeias (G. C. P.), 48,05; 5.º, Adelino Barbosa (S. C. do Porto), 46,80.

POR MODALIDADES — *Movimentos livres:* 1.º, Abreu, 8,90; 2.º, Barbosa, 8,75; 3.º, Prazeres, 8,40. *Paralelas:* 1.º, Candeias, 8,70; 2.as, Abreu e Prazeres, 8,15. *Argolas:* 1.º Abreu, 8,50; 2.º, Candeias, 8,10; 3.º, Barbosa, 8,05. *Barra-fixa:* 1.º, Prazeres, 8,70; 2.º, Correia, 7,95; 3.º, Abreu, 7,85. *Cavalo com arções:* 1.º, Prazeres, 8,65; 2.º, Correia, 8,15; 3.º, Candeias, 7,95. *Saltos:* 1.º, Abreu, 9,50; 2.º, Prazeres, 9,40; 3.º, Correia, 9,20.

TORNEIO FEMININO — 1.º, Dália Sammer, 35,80; 2.º, Esbela da Fonseca, 34,10; 3.º, Teresa Seixas, 21,90; 4.º, Cassilda Roque, 28,85; 5.º, Ermelinda Pinto, 28,40 — todas do Lisboa Ginásio.

POR MODALIDADES — *Movimentos livres:* 1.º, Esbela, 9,30; 2.º, Dália, 9; 3.º, Cassilda, 8,15. *Trave:* **vencedor do torneio de 1.ª categoria** 1.º, Dália, 8,25; 2.º, Teresa, 7,45; 3.º, Ermelinda, 6,90. *Barras assimétricas:* 1.º, Esbela, 9,40; 2.º, Dália, 9,20; 3.º, Ermelinda, 7,10. *Saltos:* 1.º, Teresa, 9,55; 2.º, Esbela, 9,45; 3.º, Dália, 9,35.

MANUEL PRAZERES

O «NACIONAL»

da 3.ª Divisão

Os 31 desafios da 13.ª jornada

Com os desafios marcados para amanhã, o Campeonato Nacional da 3.º Divisão atinge a sua 13.ª jornada que é, ao mesmo tempo, o penultimo da fase inicial da importante prova.

Porque a «ronda» de amanhã pode revelar mais algumas das equipas que hão-de passar á fase imediata, quase todos os desafios se revestem de muito interesse.

Eis o programa:

ZONA «A» — **1.ª série** — Mirandela-Limianos, Monção-Régua, Fafe-Paredes e Murça-Bragança. **2.ª série** — Académico-Agueda, Penafiel-Beira Mar, Feirense-Leça e Avintes-Ovarense.

ZONA «B» — **3.ª série** — Mangualde-Cebolense, Lusitano-Guarda, Castelo Branco-Académico e Sernache-Mortágua. **4.ª série** — Recreio-Marrazes, Marialvas-Naval, União-Mirense e Lousanense-Alcobaça.

ZONA «C» — **5.ª série** — Alhandra-Leões, Vitória-Torres Novas, Operária-Tramagal e Ferroviários-Vila-franquense. **6.ª série** — F. Benfica-Cova da Piedade, Sesimbra-Amora, Casa Pia-Luso e Seixal-Olivais

ZONA «D» — **7.ª série** — E. de Portalegre-Montemor, E. de V. Novas-S. L. Évora e Campomaiorense-Elvas **8.ª série** — Lusitano-Despertar, Sambrasense-Louletano, S. Domingos-Silves e Moura-Aljustrelense.

HOJE À NOITE

BADMINTON — Continuação dos torneios de seniores, juniores e infantis, senhoras e homens, das 21 ás 24 horas

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional: Vasco da Gama-Benfica, ás 21 horas; Académica-Sporting e Barreirense-F. C. Porto, ambos ás 21 e 30 horas.

No ginásio do Técnico, ás 21 e 30, Técnico (B)-Ciências, para o Campeonato Universitário.

GINÁSTICA—No Pavilhão dos Desportos, ás 21 e 15 horas, realiza-se o sarau anual do Benfica. Apresentam-se todas as classes de ginástica do Benfica.

«TAÇA DE PORTUGAL»

O jogo Estoril-Montijo

tem o maior interesse quanto ao apuramento das equipas de Lisboa

A primeira fase do torneio da «Taça de Portugal» termina amanhã com os encontros correspondentes á 6.ª jornada da prova — repetição dos que se efectuaram há três semanas.

O programa apresenta-se assim:

Desportivo Chaves-Vianense (1-1)
Gil Vicente-Vila Real (1-4)
Leixões-Sanjoanense (2-3)
Sporting Espinho-Tirsense (0-2)
Portalegrense-Marinhense (0-2)
Oliveirense-Peniche (1-2)
Sacavanense-Oriental (0-3)
Atlético-Desportivo Arroios (0-1)
Coruchense-Almada (1-4)
Estoril-Montijo (3-0)
Desp. de Beja-Juventude (1-3)
F. C. Serpa-Portimonense (0-9)

Têm especial interesse os jogos de Chaves, Matosinhos e Espinho, na zona Norte, porquanto deles depende a qualificação das duas equipas para a fase imediata da prova.

Naturalmente, os Flavienses chamarão a si o triunfo, tornando-se mais difícil o vaticínio quanto aos dois outros desafios. O desafio de Oliveira de Azemeis, sem qualquer interesse para a qualificação das equipas da respectiva série tem, no entanto, interesse pela possibilidade de fornecer uma boa partida.

Do lado Sul, espera-se que o Oriental, mesmo visitante, confirme a vitória de há três semanas e que o Atlético consiga uma desforra. O Almada tem uma deslocação difícil, mas que não pode deixar de ser encarada tranquilamente, porque a equipa da outra margem está certa da sua passagem á fase imediata. Bem maior interesse tem o desafio do Estoril, entre duas equipas que, ainda, mantém esperanças de continuar na prova.

Finalmente, o jogo de Beja, entre o Desportivo e o Juventude reveste-se do maior interesse para as duas equipas, pois a que vencer ficará apurada.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P

Os filiados da Mocidade Portuguesa voltam a ter uma jornada de muita actividade. Senão vejamos:

ATLETISMO — O «torneio de mínimos» tem a sua 3.ª e ultima jornada, ás 10,30 h. nos campos de treinos do Estádio Nacional, com as provas de salto em altura e 800 metros.

FUTEBOL — O campeonato regional de iniciados fornece os desafios Colégio S. João de Brito-E. Afonso Domingues e Colégio Moderno-Liceu «Charles Lepierre», no Estádio Nacional (relvado), ás 10 e 11,15 h.

HANDEBOL DE 7 — O campeonato regional prossegue com os desafios C. E. 25 c. C. E. 44 (vanguardistas A) e C. E. 18 c. C. E. E. 10 (vanguardistas B), no campo do Liceu Pedro Nunes, ás 11 e 11,45 horas, respectivamente.

TENIS DE MESA — Vários encontros dos campeonatos distritais de «infantes», «vanguardistas A» e vanguardistas B, nas mesas da Escola «Nuno Gonçalves», a partir das 9,45 h.

VOLEIBOL — Vários encontros dos campeonatos distritais, em «infantes», vanguardistas A e B e cadetes, no campo da Escola «Nuno Gonçalves», a partir das 9,30 h.

ATLETISMO

O «Torneio da Primavera» termina com uma reunião, a partir das 15 horas, no Estádio Nacional, com o seguinte programa: 110 m. barreiras, altura, disco, 100 m., 1.500 m., 400 m., triplo, dardo, 10.000 e 4x100 m.; para aspirantes, 1.500 m. e 80 m. barreiras.

BADMINTON

No ginásio da Escola «Nuno Gonçalves» de manhã (a partir das 10 h.), á tarde e á noite, conclusão dos campeonatos nacionais individuais, nas várias provas e categorias.

BASQUETEBOL

Prossegue o campeonato nacional da 2.ª Divisão, Zona Sul-A, estando marcados os seguintes encontros:

Boa Hora-S. C. Torres, na Rua Aliança Operária, ás 11 horas; Santa Catarina-Ateneu, no Ateneu, ás 10 horas; Algés-Maria Pia, em Algés, ás 10 horas; Seixal-Lisgás, no Seixal, ás 11 horas; Sacavenense-Arroios, em Sacavém, ás 11 horas; Rio Seco-Internacional, no Rio Seco, ás 10 horas; Moscavide-Pedrouços, em Moscavile, ás 11 horas e Cruzquebradense-Campolide, na Cruz Quebrada, ás 11 horas.

CICLISMO

Os amadores-juniores têm a segunda prova do seu campeonato regional de fundo, na distancia de 150 quilómetros, com partida e chegada ao Estádio de Alvalade.

DESPORTO CORPORATIVO

No campo da F. N. A. T. em Belém continua amanhã a fase final do campeonato de futebol da 2.ª Divisão e o campeonato distrital de tiro.

DESPORTO UNIVERSITARIO

Os campeonatos regionais de atletismo, entre universitários têm a sua 2.ª jornada, no Estádio Universitário, a partir das 16 horas.

ESGRIMA

No ginásio do Colégio Militar, ás 9,30 h. continuação do campeonato nacional de sabre (individual).

GOLFE

No campo do Estoril, de manhã e á tarde, continuação dos campeonatos nacionais da 1.ª categoria e início do campeonato nacional de senhoras.

HANDEBOL

O campeonato nacional tem a sua 2.ª jornada com o encontro Salgueiros-Benfica, no campo «Vidal Pinheiro», no Porto, ás 11 horas.

HIPISMO

A Reunião da Primavera — uma organização da Sociedade Hípica Portuguesa — tem a sua 2.ª e ultima jornada, no hipódromo do Campo Grande, a partir das 15,30 h. O programa inclui cinco corridas e uma apresentação de poldros trotadores, nascidos em Portugal.

Funcionará a aposta-mutua e haverá autocarros para transporte gratuito do publico entre os portões e as tribunas.

HÓQUEI EM CAMPO

Termina o «Torneio de Encerramento», com a realização dos encontros Atlético-Benfica e Belenenses-Futebol Benfica, de manhã.

HÓQUEI EM PATINS

Prosseguem os campeonatos regionais de juniores e principiantes, estando marcados os seguintes encontros:

Juniores — Série A — Cascais-Oeiras. Série D — Benfica (A)-Futebol Benfica e Sintra-C. Ourique.

Principiantes — Benfica-Paço de Arcos, Sintra-C. Ourique, Liceu Francês-Algés e Azeitonense-Cascais.

Todos os desafios nos rinques dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 10 h.

MOTORISMO

O Moto Clube de Lisboa promove amanhã um «Rallye» motociclista a Alenquer, onde se realizará a prova complementar.

PEDESTRIANISMO

A tradicional competição «Légua Nacional» tem uma das suas provas de maior interesse: a eliminatória de Lisboa, no Campo Grande, ás 10 horas.

RAGUEBI

Anulados os campeonatos nacionais, a actividade limita-se aos jogos da Taça «Francisco Silva», assim marcados: Internacional-Benfica, nas Telheiras; C. D. U. L.-Belenenses, no Restelo, ás 9 h.; Sporting-Direito, em Alvalade, ás 9 h.

TENIS DE MESA

Principia o campeonato de Lisboa (individual) de infantis, realizando-se encontros nas mesas do Benfica, Estoril, C. Católico, Ateneu, Sporting e Arroios — todos ás 10 horas.

TIRO A CHUMBO

Sob a organização da S. I. M. F. Cruz Quebradense realiza-se, na praia da Cruz Quebrada, a partir das 10 h. e das 14 h. um torneio de tiro aos pratos que engloba uma «poule» de ensaio e uma prova para principiantes (de manhã) e uma «poule» de ensaio e a prova de honra (á tarde).

* * *

O Clube Português de Tiro a Chumbo, faz disputar as habituais provas de domingo, no seu stand do Lumiar, a partir das 14 horas.

VOLEIBOL

No ginásio do I. S. Técnico disputa-se a final do «Torneio de Abertura», em aspirantes, entre o Belenenses e o Técnico.

FIP

FEIRA DAS INDÚSTRIAS PORTUGUESAS

Hoje e amanhã abre das 15 às 24 horas

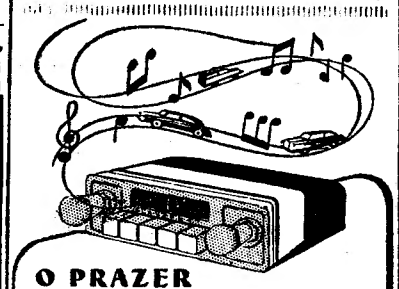
ENTRADA, 2$50

*

dando direito todos os bilhetes ao sorteio diário de valiosos prémios oferecidos pelos expositores

*

Uma nova imagem comemorativa do 10.º aniversário da F. I. P.



O PRAZER DE VIAJAR COM MUSICA com um Auto-Rádio

Blaupunkt

MODELOS AUTOMÁTICOS E DE TECLAS, COM ONDA MÉDIA, CURTA E MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA E ONDAS CURTAS

Refrigeração POLAR LIMITADA

EM QUALQUER PONTO UM PONTO AZUL

Rua da Emenda, 66, r/c. Frente Telefs. 322 96 367219

Prefira Brandy HUTCHESON

Medalha de Ouro 1958

Os sapadores mergulhadores

localizaram um navio no fundo do mar no prosseguimento das buscas do «Dakota» das Forças Aéreas

A Marinha de Guerra interrompeu, temporàriamente, os trabalhos para localizar os destroços do «Dakota» da Força Aérea, que se despenhou na baía de Cascais. Os três draga-minas, que participaram na primeira fase dos trabalhos, já regressaram á Base Naval do Alfeite. O ultimo a fazê-lo foi o «Ribeira Grande», que se demorou um pouco mais, para investigar a informação fornecida por um pescador, cujas redes fizeram um «pegadilho» em determinada zona, onde aquele vaso de guerra logo acorreu. De facto, as suas sondas acusaram a existência de algo no fundo do mar, a uma profundidade, de 25 metros. Os mergulhadores submarinos entraram então em acção para o respectivo reconhecimento, acabando por identificar o casco de um navio afundado

Entretanto, o sr. almirante Nuno de Brion, comandante naval do continente, ainda não se pronunciou sobre a exposição que lhe foi apresentada pelo comandante da flotilha de draga-minas, capitão-de-mar-e-guerra Almeida Carvalho. Mas, pelo que julgamos saber, a Armada voltará ao Atlantico para prosseguir nas pesquisas, logo que se faça uma revisão dos problemas técnicos. Esta segunda fase de trabalhos estará condicionada, evidentemente, dentro das possibilidades de distribuição dos navios que, para o efeito, venham a ser utilizados.

Por sua vez, o Subsecretariado da Aeronáutica, através do membro da comissão de inquérito, sr. major Soares de Moura, declarou-nos que os trabalhos prosseguirão. E' até muito possível que, em caso de necessidade, venham a ser utilizados, simultaneamente, os serviços da Administração-Geral do Porto de Lisboa e de outros particulares que, voluntàriamente, já deram a sua adesão nesse sentido.

O estado de saúde de Kruchtchev

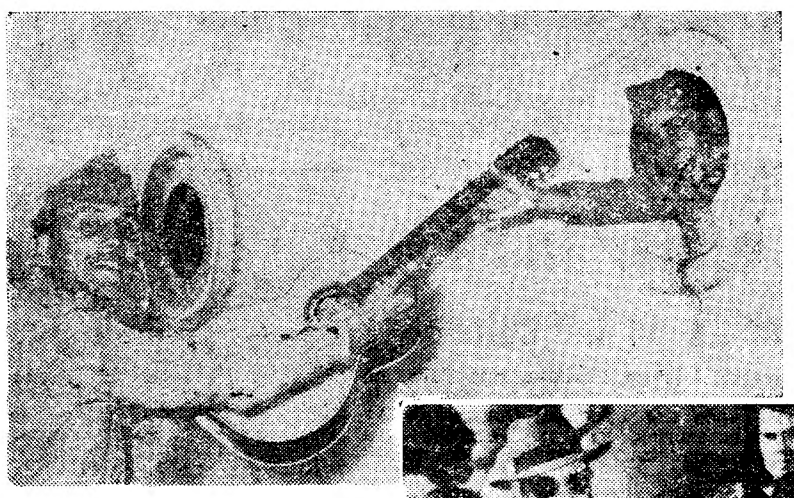
MOSCOVO, 25 — Funcionários soviéticos desmentiram hoje, categòricamente, notícias da Imprensa ocidental, segundo as quais Kruchtchev está gravemente doente, e declararam que o primeiro-ministro soviético «goza de boa saúde» — (Reuter)

Vorochilov em estado grave?

ROMA, 25 — A agência italiana «Continentale» anunciou que o marechal Vorochilov está gravemente doente e será substituido em breve por Nicolau Ignatev no cargo de presidente do Presídium do Soviete Supremo.

A agência, que se tem especializado nos assuntos comunistas, informa que Ignatev é considerado «o mais fiel entre os mais fiéis amigos de Kruchtchev». — (A. N. I.).

FAQUEIROS EM 2.ª MÃO
PRATA DE LEI — SÓ PELO PESO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 2 4564



A chegada das tropas que estiveram na India

(Continuação da 1.ª página)

sejo de que chegasse depressa a hora da saída.

O desfile e as saudações do subsecretário do Exército

Ás dez horas finalmente os soldados começaram a sair, formando do lado de fora do edifício da Estação Marítima. Entretanto chegava o tenente-coronel Costa Gomes, subsecretário do Exército. Já ali se encontravam o governador militar de Lisboa, general Luís Domingues, o ajudante-general do Exército, general Correia Guedes, o director dos Serviços do Ultramar, general Matos Correia, e o antigo governador militar de Lisboa, general Leonel Vieira.

Depois da continência á bandeira e de se ter ouvido o hino nacional, o sr. subsecretário do Exército proferiu as seguintes palavras: «É com o maior jubilo que, em nome dos srs. ministros da Defesa Nacional e do Exército vos apresento as mais cordiais saudações e os votos de feliz regresso. Acabais de cumprir a árdua, mas muito honrosa missão de velar durante dois anos pela integridade de um rincão da Pátria. Por dever do cargo, há oito meses que sigo de perto e com o maior interesse a actividade militar do nosso Ultramar e, por isso, sinto que estou em condições de afirmar que vos podeis sentir orgulhosos por terdes cumprido com tanta dignidade e aprumo a missão que vos foi cometida. A vossa estadia na India, que um dia haveis de recordar com saudade, impôs-vos por vezes, pesados sacrifícios. A satisfação que certamente e intimamente sentis por tão bem terdes cumprido o vosso dever, quero acrescentar o reconhecimento e a gratidão que a Nação e, em particular o Exército, por meu intermédio vos patenteia».

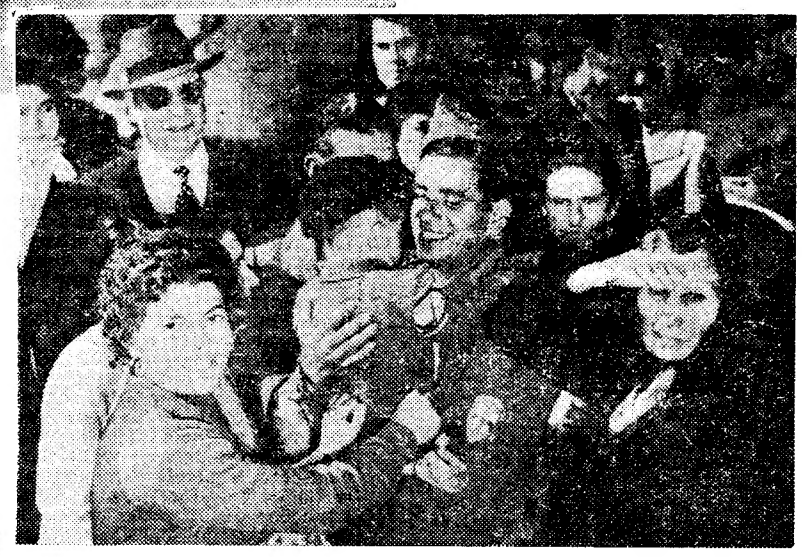
A seguir, usou da palavra o sr. major Flaminio da Silveira que agradeceu as saudações do subsecretário do Exército, afirmando que se sentiam satisfeitos por terem cumprido o seu dever como cidadãos e como portugueses, terminando por declarar que continuarão dispostos a dar o seu sacrifício pela defesa da Pátria.

Os soldados pertencentes ás unidades do Porto e de Évora seguiram para as suas terras em comboios especiais, enquanto que os restantes militares do continente ficaram instalados no Depósito de Tropas do Ultramar e no Batalhão de Metralhadoras 1. Os da Madeira e Angola sairão de Lisboa no dia 5 de Maio, os primeiros no «Lima» e os segundos no «Quanza». Hoje, assistem ao desafio militar Portugal-Holanda.

Mais soldados para a India

Na quarta-feira o «Niassa» parte novamente para a India com outro contingente de tropas. Desta vez é o de Além-Tejo, constituido por forças de Évora, Beja, Faro, Lagos, Santarém e Elvas, num total de 1.500 homens, sob o comando do tenente-coronel Luís Domingues Paleti.

O embarque realiza-se ás 12 horas na Estação Marítima de Alcantara. O «Niassa» voltará a Lisboa 35 dias após a partida, com tropas de regresso ao continente.



As primeiras manifestações de alegria no cais

Soraya casou secr

a bordo de um ia

com o princip

ROMA, 25. — Amigos intimamente ligados á princesa Soraya, da Pérsia, e ao principe italiano Raimondo Orsini afirmaram hoje que eles se casaram, secretamente, no

iate de recr
Capri.

«Esta afir
cada» — dec
sal a um
Press». Tod
história do
titui «notíci

Soraya en
de doming
mãe. Na qu
Orsini, que
constante d
meses
têm sido vi
passeios de
neo. — (A.

Parece tra
sem

CAPRI, 2
fundamento
cesa Soraya
saram secret
iate, tendo
brada pelo
De facto, So
um passeio
da mãe da
mães amigo
go do prin
ter havido q
tal casament
e não noutr
enamorados,
chegou a C
de ninguém
seios de bar
de vê-los a
ou estendido
namorados

Se r
est

ROMA, 25
saram já,
prestes a
«Tempo», r
que o casa
raya com o
celebrado o
te, ao largo
Acrescent
cia não foi
dizer, não
maior».
Os outros
eco de um
mitam-se a
ex-imperatr
cipe roman
(F. P.).

Mulheres e crianças

vítimas do panico originado por um incêndio

RIO GRANDE CITY (Texas), 25 — Declarou-se violento incêndio numa casa agrícola dos suburbios desta cidade, quando se realizava um baile ao qual assistiam mais de noventa pessoas. Houve panico e, devido á precipitação da fuga, morreram quatro mulheres e três crianças. Outras dez pessoas ficaram feridas, das quais duas em estado grave. — (A. N. I.).

AS H

ao Presi

A Liga N
que tem a
tas, 6 — r
to todos os
27, uma s
aniversário
verno do s
lazar.
A sessão,
30 horas,
ministro d

Mi

VISEU, 2
tro da M. P
brar missa
pelas 18 e
pelo aniver
do Conselh

TODOS OS DIAS
E A QUALQUER HORA

Os apreciadores de um bom café puro, em 50 Países do Mundo, dão a sua preferência ao CAFÉ HAG solúvel. E têm razão!
—Eles gozam assim o prazer duma excelente mistura de cafés 100% puros.
—Podem tomar todos os dias e a qualquer hora quantas chávenas de café lhes apetecer.
—Poupam o coração e os nervos e evitam a insónia.

Por isso se diz com propriedade:

CAFÉ HAG
EXTRACTO DE CAFÉ PURO EM PÓ
Sem cafeína
É O MELHOR AMIGO DO SEU CORAÇÃO

Troque hoje mesmo
20 carteirinhas vazias de CAFÉ HAG
por uma chávena de porcelana "Vista Alegre"

Informe-se no seu fornecedor

CH — 025

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da bôca

PARA COLOCAÇÃO DO SEU CAPITAL ATENDER
A CONFIDENTE
LISBOA — ROSSIO 1 — TELEFONE 2 1 3 9 8
PORTO — RUA PASSOS MANUEL 14 1.º — TELEFONE 2 7 0 1 1
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PROPRIEDADES

Comunicado

Abriu a sua Filial em LISBOA, Av. Aeroporto, n.º 1 C-1 D, Tel. 710342, a Firma Eng.º GUSTAVO CUDELL, representante exclusivo das ferramentas BOSCH e LESTO e correias de plástico SIEGLIND.

Joias A
compramos
G. OURI
R

sou secretamente

e um iate

o príncipe Orsini?

iate de recreio, ao largo da ilha de Capri.

«Esta afirmação pode ser publicada» — declarou um amigo do casal a um jornalista da «United Press». Todavia, ao que parece a história do casamento secreto constitui «notícia sem confirmação».

Soraya encontra-se em Capri desde domingo, acompanhada pela mãe. Na quarta-feira, juntou-se-lhes Orsini, que tem sido o companheiro constante da ex-imperatriz, de há três meses a esta parte, e ambos têm sido vistos a efectuar vários passeios de barco, pelo Mediterraneo. — (A. N. I.).

Parece tratar-se de um boato sem fundamento

CAPRI, 25. — Parece não ter fundamento o boato de que a princesa Soraya e o príncipe Orsini casaram secretamente a bordo de um iate, tendo sido a cerimónia celebrada pelo comandante do barco. De facto, Soraya e Orsini foram dar um passeio no iate, na companhia da mãe da princesa, de dois alemães amigos desta e de um amigo do príncipe. Mas não parece ter havido qualquer razão para que tal casamento se celebrasse ontem, e não noutro dia qualquer. Os dois enamorados, desde que o príncipe chegou a Capri, não se escondem de ninguém, e dão frequentes passeios de barco. Qualquer pessoa pode vê-los a tomar banho na praia, ou estendidos na areia, como outros namorados quaisquer. — (F. P.).

Se não se casaram estão para casar

ROMA, 25. — «Se eles não se casaram já, diz-se em Capri, estão prestes a casar-se» — escreve o «Tempo», relatando os rumores de que o casamento da princesa Soraya com o príncipe Raimondo foi celebrado ontem a bordo de um iate, ao largo de Capri.

Acrescenta o jornal que a notícia não foi confirmada, mas, «a bem dizer, não suscitou surpresa de maior».

Os outros diários não se fazem eco de um «casamento secreto». Limitam-se a publicar fotografias da ex-imperatriz da Pérsia e do príncipe romano, na praia de Capri. — (F. P.).

AS HOMENAGENS

ao Presidente do Conselho

A Liga Nacional 28 de Maio — que tem a sede na Rua das Gaivotas, 6 — realiza, conforme é hábito todos os anos, no próximo dia 27, uma sessão comemorativa do aniversário da entrada para o Governo do sr. prof. dr. Oliveira Salazar.

A sessão, que se efectua ás 21 e 30 horas, será presidida pelo sr. ministro do Interior.

Missa em Viana

VISEU, 25 — No dia 27, o Centro da M. P. do Liceu, manda celebrar missa vespertina na catedral, pelas 18 e 30, em acção de graças pelo aniversário do sr. Presidente do Conselho.

19.738 estrangeiros visitaram Portugal no mês de Março

Durante o passado mês de Março — ou seja, nas vésperas do divulgado «Abril em Portugal» — visitaram o nosso País 19.738 estrangeiros, dos quais 10.597 vieram por terra, 1.289 por barco e 7.852 por avião.

A Espanha foi o país que maior numero de turistas nos forneceu (5.318), seguindo-se os Estados Unidos com 3.648, a França com 2.184, a Inglaterra com 2.000.

A reunião no Municipio de Oeiras

O segundo centenário

da criação do concelho de Oeiras vai ser celebrado com duas exposições

e com manifestações culturais e desportivas

Em 7 de Junho de 1759, no dia seguinte àquele em que Sebastião José de Carvalho e Melo foi feito conde de Oeiras, era esta terra elevada á categoria de vila, sede de concelho.

Para comemorar a passagem do segundo centenário de tão importante acontecimento, resolveu a Camara Municipal organizar um programa que despertasse, nos seus aspectos histórico, industrial e artístico, os sentimentos e o interesse dos munícipes.

O engenheiro-agrónomo Alvaro Roquete, presidente do Município, convidou os representantes da Imprensa para uma reunião, nos paços do concelho, a fim de lhes expor, em resumo, o que vão ser as comemorações. Estavam também presentes o vice-presidente, dr. Fernando Horta e Costa, e diversos vereadores.

Começou por dizer que, dada a posição geográfica do concelho, se esquecem, por vezes, sentimentos regionalistas que importa manter. Por isso se procurou organizar um programa que, pela sua elevação e pelo seu interesse, fizesse vibrar tais sentimentos.

—Far-se-á — informou — uma Exposição Histórica nos Paços do Concelho.

Sobre o assunto forneceu indicações o vereador arquitecto Bernardo da Costa Macedo.

—A exposição abrangerá desde

(Continua na 14.ª página)

Assembleia Nacional

As presidências dos Municípios

Conforme previramos, a Assembleia Nacional ratificou, mas com emendas, o decreto-lei que alterou os prazos máximos do exercício dos presidentes e dos vice-presidentes das Camaras Municipais. Devido a essa circunstancia aquele diploma baixou, transformado em proposta de lei, á Camara Corporativa, e, depois de esta dar o seu parecer, voltará a ser discutido pela Assembleia.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal Continental o vento era fraco. O céu estava geralmente pouco nublado por acção de uma massa de ar seco transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre a Espanha.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Porto, 13°; Lisboa e Portalegre, 16°; Faro e Funchal, 17°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — A Norte do sistema montanhoso Montejunto - Estrela, céu muito nublado, vento moderado de Oeste; períodos de chuviscos. A Sul do mesmo sistema, céu pouco nublado, por vezes muito nublado. Vento fraco.

Não esqueça minha senhora!

SABÃO ACTIVADO

Sonasol

BRANCURA NOVA!

para a sua roupa

O SABÃO DA LAVADEIRA

CIESA SS-1

DINHEIRO

S/AUTOMÓVEIS
S/PROPRIEDADES

COLHAM REFERÊNCIA

EMPRESTAMOS COM RAPIDEZ E NAS MELHORES CONDIÇÕES

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

PORTO - PRAÇA D. JOÃO I, 25 - 1º TEL. 26706-30181
LISBOA - PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2; TEL. 35313-36812

Joias Antigas e Modernas
compramos pelo mais alto preço
G. OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

Montigre
REG
tecidos exclusivos

nas melhores casas de modas
e nas boas alfaiatarias

BODAS DE OURO
DE MAX FACTOR
HOLLYWOOD

50 ANOS DE MELHOR
MAQUILHAGEM PARA
MAIOR BELEZA.

A película que os vulgares cremes de limpeza deixam na pele, mesmo depois de se lavar o rosto, é perigosa... tapa os poros! Sòmente FACIAL BATH, de Max Factor, limpa os poros em profundidade, podendo em seguida ser totalmente retirado! Com as pontas dos dedos espalhe no seu rosto esta extraordinária loção cor de rosa, e a seguir, apenas com água simples, faça desaparecer todos os vestígios de poeira e de maquilhagem! Instantâneamente, o seu rosto fica HIDRATADO, enriquecido com nova maciez... e com um fresco ar de irradiante mocidade! Sòmente FACIAL BATH, de Max Factor, limpa tão profundamene... amacia... e HIDRATA INSTANTÂNEAMENTE!...

facial bath MAX FACTOR HOLLYWOOD

LOÇÃO HIDRATANTE PARA LIMPEZA DA PELE

Estudantes de Farmácia

discutem em Coimbra assuntos *de interesse para a classe*

COIMBRA, 25 *(Pelo telefone)*.— Em festa de confraternização e para tratarem de vários problemas ligados á sua futura classe, estão reunidos nesta cidade os estudantes de Farmácia de Coimbra, Lisboa e Porto.

Hoje, primeiro dia de trabalhos, apresentaram cumprimentos ao reitor da Universidade e ao director da Escola de Farmácia e, pelas 15 horas, reuniram-se no edificio da Faculdade de Letras para a leitura do relatório apresentado pelo estudante António Herculano Paixão Melo, no qual são focados os problemas farmacêuticos que carecem de uma revisão urgente.

Assim, nesse relatório, entre outras solicitações a fazer aos poderes constituídos, constam a nomeação de uma comissão de professores, estudantes e farmacêuticos para estudo de nova reforma do ensino de farmácia na qual fossem incluidos programas e saídas do curso; que, uma vez criadas as especializações em Farmácia, só esses diplomados pudessem exercer as respectivas especialidades, salvaguardando-se os direitos adquiridos, embora se recomende a matrícula em curso de aperfeiçoamento ou que essas especialidades fossem concedidas nas novas condições em que foram as da Ordem dos Medicos; que se estude a forma de tornar obrigatório um formulário nacional. Os medicamentos de tal formulário acompanhariam a evolução da vida actual, apresentando-se em embalagens convenientemente estudadas, iguais em todo o País e somente variando o nome do preparador.

Solicita-se ainda que se mantenha o limite de farmácias como forma de obter recursos económicos para o seu apetrechamento, e provimento, e permitir a associação entre farmacêuticos e se procure confinar a propriedade de farmacia ao farmacêutico evitando criar situações desprimorosas como a que resultaria de um universitário ser empregado de um não diplomado; que, por cada quatro empregados, seja obrigatório existir um farmacêutico nas farmácias ou que isso seja função do movimento; que a industria farmacêutica seja obrigada a ter determinado numero de farmacêuticos consoante o seu movimento.

No seu relatório o sr. Paixão Melo salientou ainda que as amostras para ensaio clínico só possam ser oferecidas nos três primeiros anos de inicio do registo; que na preparação dos produtos para higiene da pele, couro cabeludo etc. produtos análogos aos medicamentos clínicos, os técnicos sejam obrigatoriamente os farmacêuticos, que se crie o Estatuto Farmacêutico e que sejam vendidas a farmacêuticos todas as farmácias que conseguiram iludir a lei de propriedade.

O autor do relatório faz também várias considerações sobre o ensino farmacêutico e que seria conveniente a realização anual de reuniões no sentido de se debaterem problemas de interesse para a profissão

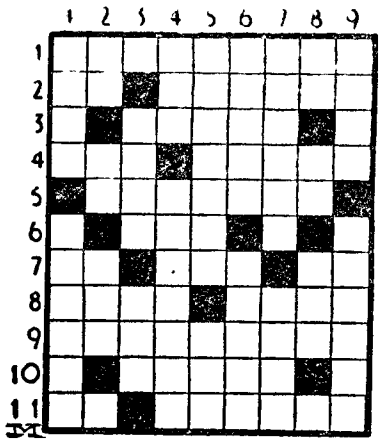
O relatório entrou depois em discussão a qual continuará á noite e amanhã também na Faculdade de Letras.

Também amanhã, haverá um almoço de confraternização no fim do qual será feita a leitura dos votos desta I Reunião dos Estudantes de Farmácia de Portugal.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n. 1576



HORIZONTAIS: 1 — Indivíduo que discorre sentenciosamente. 2— Preposição e artigo. Acostumar. 3 — Intensamente. 4 — Reze. Parte dianteira do navio. 5 — Bens deixados por morte. 6 — Rate (inv.). 7 — Artigo (pl.). Patranha. Seguir. 8 — Introduz. Tem força. 9 — Mundificas. 10 — Encolerizara. 11 — Acusada. Nome de um jogo de cartas.

VERTICAIS: 1 — Ave galinácea. Arranjar. 2 — Enlace. Prefixo de repetição. De sua propriedade. 3 — Alimentação. Prefixo que designa três. 4 — Reles. Posição elevada. 5 —Que se alimenta de ovos. Realiza 6 — Fatídico. Que não se altera com o fogo. 7 — Oxigénio electrizado. Escavar. 8 — Símbolo químico do gálio. Porco. Passada. 9 — Mundo. Dispensa.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n. 1575

HORIZONTAIS: 1 — OVOS. Cora. 2 — Rosal. Pum. 3 — Lote. E. 4 — Que. JURAS. 5 — Lua. Apt. 6 — Ele. Sarar. 7 — Bago. PARA. 8 — Rui. Vê. 9 — Ar. Certas. 10 — Relento. 11 — Abusa. Pó.

VERTICAIS: 1—Or. QUEBRAR. 2 — Voou. Láurea. 3 — Os. Elegi. Lb. 4 —Sal. Céu. 5 — Lojas. Vens. 6 — Tu. Aperta. 7 — Operara. Tó. 8 — Ru. Aparta. 9 — Amestra. SÃO.

(Provérbio: OVOS E JURAS, PARA QUEBRAR SÃO).

BLUSAS DE ALGODÃO
MODELOS EXCLUSIVOS
SÉCIA
BOUTIQUE
31 — RUA DA CONCEIÇÃO
Telef. 30546 — LISBOA

Dois cadastrados que assaltaram uma residência vão responder em Tribunal

A Polícia Judiciária concluiu e enviou ao Tribunal da Boa-Hora, um processo em que são arguidos os cadastrados Henrique dos Santos Soares «Gusmão» e António Pascoal Antunes, mais conhecido pelo «alentejano».

Consta do processo, que ambos assaltaram uma residência particular e que o primeiro foi detido pelo próprio queixoso, após movimentada perseguição. Nos interrogatórios a que o «Gusmão» foi submetido primeiramente, declarou não conhecer o seu comparsa de crime, procurando assim ocultar a sua identidade. Mas, acabou por o denunciar ao ter conhecimento, de que o «Alentejano», não havia sido muito sério na «negociata», pois ocultou-lhe o furto de uns objectos de ouro.

A vingança não se fez esperar, pelo que aquele acabou também por cair nas malhas da P. J.

Associação Internacional de Protecção às Raparigas

No «Vera Cruz» chegam hoje a Lisboa as primeiras congressistas para o XIV Congresso Internacional da Obra de Protecção ás Raparigas. Neste primeiro grupo chegam duas assistentes sociais da obra de protecção ás jovens emigrantes portuguesas obra que trabalha em colaboração com a Junta de Emigração com a Protecção ás Raparigas Portuguesas.

E' presidente de honra da obra a sr.ª embaixatriz de Portugal no Rio de Janeiro, D. Maria Luísa Rocheta.

Rosa dos Ventos

No jardim da embaixada britanica em Roma foram plantadas cinco árvores de 15 metros de altura para impedir os fotografos italianos (considerados os mais agressivos do Mundo) de metralhar a princesa Margarida e a rainha-mãe durante a sua visita a Roma. O chefe da Polícia romana tomou as suas precauções para evitar que se repita o incidente que se produziu há alguns anos, quando a princesa foi fotografada em fato de banho, com grande indignação do povo britanico. O próprio embaixador inglês apelou para os directores dos jornais italianos, pedindo-lhes que acalmassem o zelo intempestivo dos seus «caçadores de imagens»

Supomos que as coisas se passarão de modo diverso na próxima visita da princesa Margarida a Lisboa, uma vez que entre nós os repórteres fotograficos não são verdadeiramente perigosos e estão habituados a obedecer, disciplinadamente, á «consigne» policial.

A Grã-Bretanha, que sempre cultivou o snobismo, nas maneiras, no trajo, no pensamento, no desporto, acaba de ver definido o seu snobismo alimentar por um observador atento — o dr. Samuel Leff. Chegou este á conclusão de que os alimentos «chics», que classificam os Ingleses de bom tom, são: o pão de centeio, uma vez que o pão branco se banalizou; as compotas amargas, posto que as doces são já demasiado populares; o café puro, sem leite e sem açucar (o café com leite denuncia o pequeno burguês); o chá autentico da China, apenas com uma suspeita de leite; saladas e azeitonas; bifes em sangue, acompanhados com legumes verdes. E, sobretudo, nada de produtos alimentares que sejam objecto de publicidade na televisão...

*

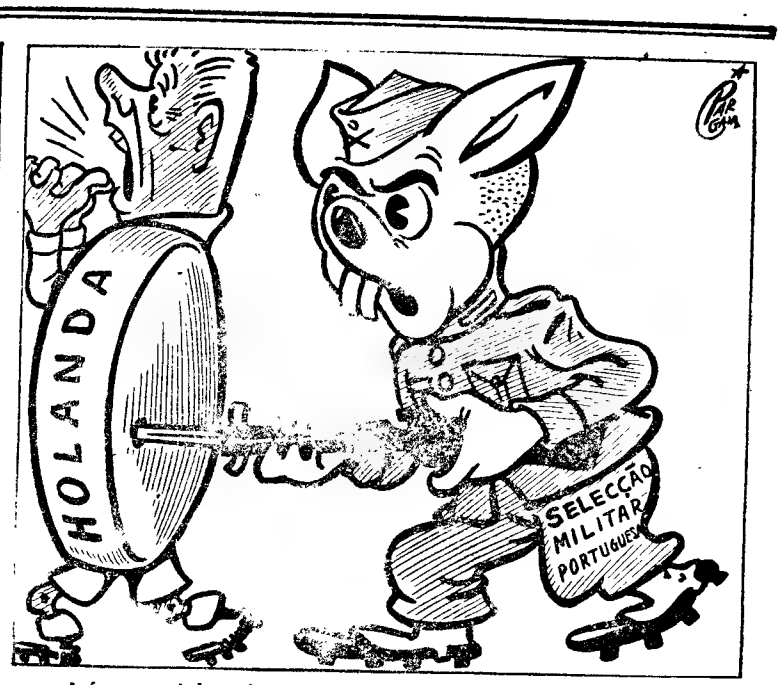
Dois soldados japoneses continuam a guerra de guerrilha numa pequena ilha, a 75 quilómetros de Corregidor e da baía de Manila. Ainda não foi possível fazer-lhes saber que a guerra terminou. Como dispõem de munições inesgotáveis, já abateram sete emissários filipinos que foram enviados para parlamentar com eles. O Governo japonês pensa que se trata do tenente Hiroo Onoda e do sargento Kinshicki que tinham sido destacados para ali com ordem de defender a todo o custo a posição e de não se renderem sob nenhum pretexto. E continuam a resistir, convencidos de que as tropas japonesas hão-de ir um dia rendê-los. Por seu turno, o Governo filipino procura uma solução, pois os dois atiradores impedem formalmente o acesso á ilha aos pescadores e aos turistas. Parece que estaria disposto a custear as despesas de deslocação de uma força de soldados japoneses, fardados, fazendo anunciar por um altofalante, a distancia conveniente, que o Japão ganhou a guerra.

*

A patroa, para a criada que entrou nesse dia:

— Tomamos o pequeno almoço ás oito: café com leite, pão com manteiga e compota.

— Obrigado, minha senhora, responde a criada. Está muito bem! Mas quero pedir-lhe um favor: se não estiver levantada a essa hora, não esperem por mim.



Irá o «ratinho» fazer muitos «buracos» no «queijo» holandês?...

DESPORTOS

(Continuação da 6.ª página)

continua a haver um pelotão de cinco minutos. E, depois deste combate se ter travado durante alguns quilometros, Van Looy, com quatro arranques na cabeça do pelotão, com Ferreira e Carvalho. Mas a 24 quilómetros de Toledo, pouco antes de Rielves, Agostinho Ferreira tem um «furo» que o afastou dos primeiros lugares.

Mas o grupo continua em andamento muito rápido e vão aparecendo grupinhos, que na descida para Toledo aumentam a velocidade e as distancias. Para a frente vai um grupo reduzido—Van Looy, Rivière, Suarez e Bahamontes, logo seguidos por José Segu. E logo depois da entrada no estádio, Van Looy, embora sem qualquer companheiro de equipa que o apoie, prepara a embalagem e ganha a prova, ao «sprint» Conseguira percorrer os 114 quilómetros em 2 horas 35 minutos e 4 segundos.

Da equipa portuguesa, houve três elementos que se mostraram pelo menos mais combativos do que os restantes: Agostinho Ferreira, Joaquim Carvalho e Antonino Baptista — este ultimo tomando muito a sério as suas funções de chefe de fila. E se Agostinho não tivesse, realmente, aquele furo, a equipa teria conseguido uma boa posição colectiva.

Recolha de garrafas para a construção de casas

TOLEDO, 25.—Uma das mais curiosas figuras da caravana da «Vuelta» é o Padre Sancho, de Pamplona — «Padre Garrafa», como ele mesmo se designa e todos já o conhecem.

Há já alguns meses que se encontra empenhado, na Campanha das Garrafas: recolhe todas as que encontra, oferecidas ou abandonadas sem se preocupar com as suas formas, origens ou destinos, classifica-as, depois, agrupando-as segundo a forma e qualidade, e vende-as aos interessados, deste modo conseguindo o dinheiro com que constrói casas para os pobres.

«Padre Botella», como toda a caravana o designa, afirma que a sua presença na «Vuelta», se receber o auxílio que sempre tem alcançado, poderá traduzir-se, pelo menos, em mais duas casas...—*R. G. Sanz.*

Três hoquistas de Lourenço Marques foram castigados

LOURENÇO MARQUES, 25. — O Conselho Provincial de Educação Física castigou António Souto, Alberto Moreira e Vitor Manuel Rodrigues por não terem comparecido aos jogos realizados em Luanda. As suspensões foram as seguintes: Moreira, um ano; Rodrigues, 30 dias e Souto, 15 dias. Estes dois ultimos contavam com atenuantes. Souto, reconsiderando, resolveu posteriormente ir para Luanda, onde alinhou.

A pena aplicada a Moreira, guarda-redes da selecção nacional, ajustou á atitude de incompreensão e de indisciplina que o referido jogador há um ano tem mantido nas suas relações com os clubes, Associação e Conselho Provincial de Educação Física.

A tirada de amanhã e uma das mais fáceis

CÓRDOVA, 25. — A etapa de amanhã, a terceira da «Vuelta», é uma das mais fáceis, tanto em extensão (152 quilómetros) como em terreno, quase todo em boas estradas e sem declives importantes.

Ha uma forte subida, logo aos 14 quilómetros, com declive muito pronunciado, até ao ponto de contagem do «Prémio da Montanha», em Cuesta de Espino (3.ª categoria).

A partida de Córdova está marcada para as 10 horas, diante da estação de Campsa (saída da cidade), e a chegada a Sevilha calcula-se ás 14 horas. No percurso, atravessam-se duas povoações importantes: Ecija, ao fim de 50 quilómetros, havendo ali uma meta volante que deve ser alcançada cerca das 11 e 18; e Carmona, onde se faz o reabastecimento, já com 106 quilómetros percorridos e 46 por completar, estando a passagem prevista para as 12 e 47.

É de 38,5 quilómetros a média horária prevista para a etapa.

Sousa Carlos em 3.º no «Prémio da Montanha»

O espanhol Guardiola, foi o primeiro a atingir o pico de Dispeña Perros, de terceira categoria, contar para o «prémio da montanha», seguido de Hortênsio Vidaurreta e do Português Sousa Cardoso.

A seguir vinha o pelotão, constituído pelos restantes concorrentes. — (A. N. I.).

PUGILISMO

Don Jordan continua campeão mundial

SAINT LOUIS, 25. — Don Jordan continuou a noite passada na posse do seu título de campeão mundial de boxe dos meios-médios ao vencer aos pontos o seu compatriota americano, Virgil Akins, num combate em 15 assaltos.

Jordan, que em Dezembro passado conquistou o título a Akins, teve ontem uma vitória por decisão unanime no combate de desforra. — (R.).

Sociedade Portuguesa de Astronáutica

Na sede da Ordem dos Engenheiros, voltou a reunir-se o grupo fundador da Sociedade Portuguesa de Astronáutica sob a presidência do prof. Varela Cid.

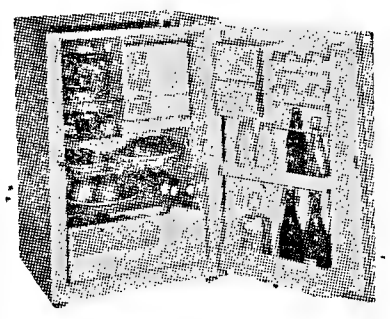
Registou-se um ofício da sua congénere de São Paulo, que oferece intercambio académico, e correspondência com a Federação Internacional de Astronáutica dos Estados Unidos.

O grupo relembrou a anuência dada em vida, pelo falecido almirante Gago Coutinho, para ser presidente honorário da sociedade.

Seguiram-se relatos técnicos dos ultimos êxitos astronáuticos realizados no estrangeiro.

Linde

O CRIADOR DO FRIGORÍFICO DOMÉSTICO
APRESENTA A INCOMPARÁVEL LINHA 1959



135 Litros 5.950$00

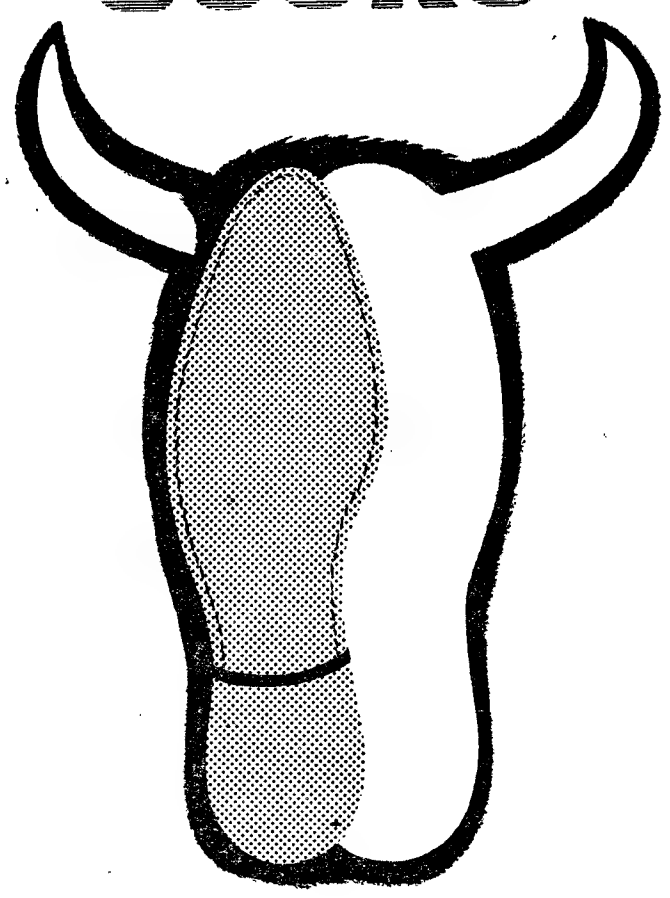
140 Litros 6.500$00

APROVEITAMENTO TOTAL — DESENHO ELEGANTE
GARANTIA 5 ANOS

Linde o frigorífico Alemão de técnica mais avançada

A venda em todo o País nos revendedores autorizados
Para concessão de Agências escrever: Apartado 139 — Porto

SOLAS DE COURO



ASSEGURAM:

SAÚDE CONFORTO ELEGÂNCIA

Visite o «stand» do
GRÉMIO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE CURTUMES,
na Feira das Indústrias.

MILAGRE!...

Nova Juventude para a tua Pele...

Beauty Team

Placenta

"UNICO" Com certificado de garantia

Dois produtos (Noite e Dia) com Placenta líquida, descoberta maravilhosa do Médico Suiço Dr. Niehans que lhe dão a garantia de aparentar eterna juventude... Beauty Team Placenta é um produto da gama «Suisse Beauté» de KOLB & GRIMM—Berne—SUíÇA
A' venda nas melhores perfumarias
DISTRIBUIDORES:
Representações **F L A M A**
Rua de Santa Teresa, 12-2.°
Telefone 33318 — PORTO

Excursões

No
Circuito turístico da região dos 3 castelos
TODOS OS DOMINGOS
Visitando: Cabo Espichel, Sesimbra, Serra e Portinho da Arrábida, Setubal, Palmela e Azeitão
AO PREÇO DE 60$00
(visitas incluidas)
Concessionário exclusivo
A Transportadora Setubalense
de
João Candido Belo & C.ª, Lda.
Marcações em: *Cacilhas:* Posto da Empresa — Telefone 070188 (Almada); Agência Santa Maria — Rua do Ouro, 292 1.º, Tel. 28686; Turismo Além-Mar — Rua Alexandre Hèrculano, 11-D, Tel. 42606; Agência Moçambique — Av. António A. Aguiar, 9-B, Tel. 47115

SE NÃO TEM MÁQUINA DE CALCULAR Utilize a TABELA DE CÁLCULO DE CAMPOS BEIRÃO
NAS LIVRARIAS E NO DISTRIBUIDOR: Aq. Tip. Castelo, Lda. R. Teixeira de Pascoais, 11-A-LISBOA - ESC. 40,00

ADULTOS EXAMES 3.ª 4.ª CLASSES
rápidos c/ todas as garantias
Largo Chão do Loureiro, 1-2.º
Tel. 862244, das 9 ás 23 horas

POLICLÍNICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.
Telefone 66 99 64
Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

Domingo, 26 de Abril de 1959

Excursão da C. P. a COIMBRA

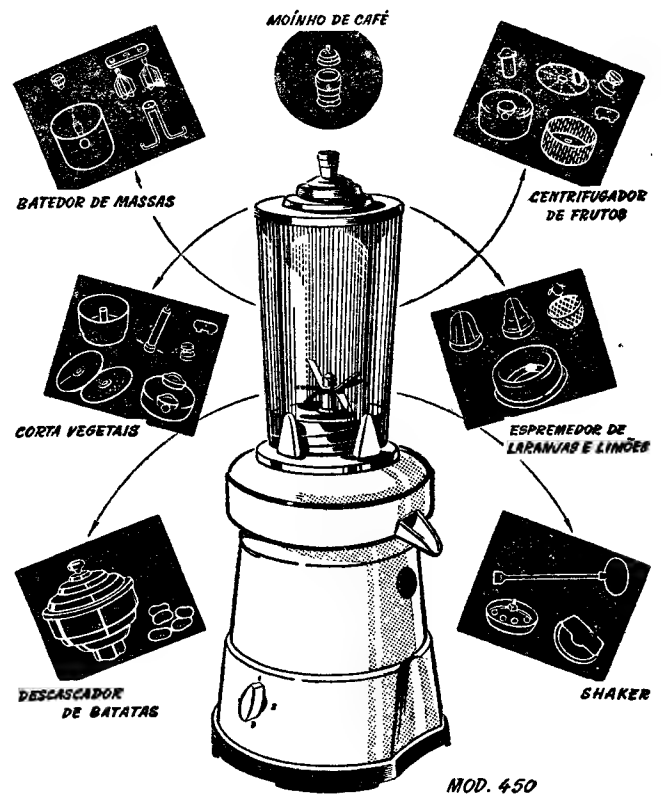
Cidade Universitária

3.ª classe — **Esc. 90$00**

Ida — Lisboa (Santa Apolónia) 8.40 p.; Coimbra, 11.40
Volta — Coimbra, 20.25 p.; Lisboa (Santa Apolónia), 23.35 c.
Os respectivos bilhetes que comprendem apenas o transporte por caminho de ferro, estão á venda na estação de Lisboa (Rossio) desde as 8 horas do dia 20 do corrente (2.ª feira) Lotação limitada.

LURMIX

BATEDORES

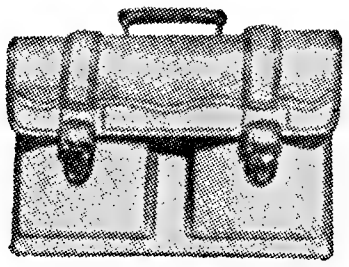


Distribuidores Gerais:

MARÇAL CORRÊA, LDA.

Rua Serpa Pinto, 15, 5.º, Esq., (com elevador), **Tel. 26076**
L I S B O A

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido—R. Madalena, 97

CAFÉ CORUJA

RESTAURANTE TÍPICO

CORUCHE — Telefone 114
PRATOS REGIONAIS
Caldeirada á Sorraia, Ensopado de Enguias, Lampreia com Arroz á Moda da Casa, Filetes á Marisqueira, Lombo de Porco no Espeto, Frango de Caril á Coruja, Bifes de Vaca na Caçola, Cabrito á Moda da Casa.
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região

VIAGENS A SEVILHA POR VILA REAL

Em distribuição gratuita a C. P. tem á disposição do Publico, mediante simples pedido verbal ou por escrito, folhetos contendo esclarecimentos relativos ao serviço combinado existente entre Lisboa e Sevilha, por Vila Real de Santo António, e executado na parte espanhola, pela Empresa Automovilista Internacional, de Huelva.

Para os adquirir basta dirigir-se a uma das estações de Lisboa (Rossio ou do Terreiro do Paço), Barreiro e outras estações do Sul do País, ou ao Serviço Comercial e do Tráfego, Santa Apolónia, Lisboa.

GRÉMIO CONCELHIO DOS INDUSTRIAIS DE ENGRAXADORIAS DE LISBOA

RUA DO ARCO MARQUEZ DE ALEGRETE, 30-2.º Dt.º

AVISO

Para cumprimento das disposições estatutarias deste Grémio, são avisados os engraxadores colectados que exerçam a sua profissão no Concelho de Lisboa em escadas, lojas, ou estabelecimentos de outras industrias, como barbearias, cafés e lugares fixos designados pela Camara Municipal, e os ambulantes que têm que fazer a sua inscrição neste Grémio, no prazo máximo de 30 dias a contar desta data.

Lisboa, 25 de Abril de 1959.
A DIRECÇÃO

NOTA: O Grémio está aberto nas 2.ª e 5.ª-feiras, das 21 ás 23 horas.

FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem redução em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

BÉLGICA

LIÈGE — (de 25 de Abril a 10 de Maio de 1959).
BRUXELAS — (de 30 de Abril a 11 de Maio de 1959).

FRANÇA

PARIS—(de 1 a 18 de Maio de 1959).

ESPANHA

VALÊNCIA — (de 1 a 20 de Maio de 1959).

SUÉCIA

GOTEBORG — (de 2 a 10 de Maio de 1959).

Pedir esclarecimentos:

—na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio).

—nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 5.ª página)

para os apetrechos. As figuras principais vestem com propriedade.

Da movimentação da cena e dos efeitos de luz (as deficiências devem ter sido impossiveis de evitar) foi responsavel a mão segura de Marcel Lamy. E segurissimos são os cantores, que vieram colocar num nivel invejável a cultura musical francesa. Nem sabemos por quem começar. Por Janine Micheau? Compenetra-se da personagem de Melisande como se ela tivesse absorvido todas as suas faculdades, mantendo uma suavidade de voz e de semblante constantes, sem um desfalecimento, sem por isso afrouxar o ritmo admirável desta musica; das suas cenas capitais, contudo, repetimos, não nos agradou a cena em que inunda a torre com os seus cabelos; mas a cena em que é maltratada por Golaud foi feita com tanto realismo que custa a crer que não ficasse magoada. No dificilimo papel de Pelléas, que requer uma voz que não se cinja a um tipo definido, Pierre Mollet houve-se duma forma que ultrapassou as nossas previsões. Tudo o que pode haver de melindroso, de nem sempre inatacável nas expressões de Maeterlinch, desapareceu para dar lugar a uma naturalidade repassada de poesia e de veemência. (E o recitativo de Debussy exalta-se a tal ponto que sempre que se justifica entra nos dominios do canto propriamente dito). Para Michel Roux, o nosso entusiasmo, o nosso espanto, não são menores; a voz e de colorido rico; um pouco de atectação, talvez, no principio, foi desaparecendo a pouco e pouco — a cena entre Golaud e Pelléas, no subterraneo, já foi uma das mais belas da opera e sua interpretação; a cena com o pequeno Yniold foi angustiosa de realismo, — e cabe dizer que no papel da criança a jovem Françoise Ogeas revelou um talento excepcional. Da cena em que Golaud maltrata Mélisande já falámos; pelo que diz respeito a Michel Roux, justificou plenamente a frase de Arkel: «Si j'étais Dieu, j'aurai pitie du coeur des hommes». Helène Bouvier leu com irrepreensivel estilo, e uma voz não menos rica, a carta de Golaud a Pelléas. Xavier Deprax teve para si o papel igualmente mais compassado, e de bastante responsabilidade, do mencionado Arkel. Teve a honra de contracenar com os intérpretes franceses o cantor português Alvaro Malta no pequeno papel do médico.

A Orquestra Sinfónica Nacional não teve dificuldade em corresponder rápidamente ás indicações de Pedro de Freitas Branco, que juntou ás suas inesquecíveis provas da sua alta craveira de chefe de orquestra mais esta realização de grande envergadura. (E vemos o cuidado de escolher um lugar onde sabemos que é menor o perigo da orquestra, por momentos, que pela sua colocação a descoberto e muito á frente do lugar ocupado pelos cantores, pode abafar as vozes). Os decantados efeitos de impressionismo, os «movimentos de alma», as desordens e os apaziguamentos do coração conseguiram romper do prodigioso tecido orquestral, mantendo-se em equilíbrio constante com a cena. Não é para admirar que lhe faltasse de longe em longe um pouco de estofo e de qualidade de som; e dos seus mais valiosos momentos, apontamos, por exemplo, a exaltada alegria da luz, na cena ao sair do subterraneo, e a oposição da alacridade infantil e da atormentada suspeita de Golaud, na cena deste com Yniold.

Por sua vez, o argumento — finalmente! — foi tratado com os devidos esmeros de exactidão e de linguagem!

Em resumo, grande noite para S. Carlos e para a mais idónea arte francesa.

FRANCINE BENOIT

Tecidos e muitas novidades para Senhora e Homem.

Vendas com Facilidades de pagamento.

CASA MAX

193-A -R. D. Estefânia- 193-B

Em ALCACER DO SAL o «Diario de Lisboa» é vendido por José Maria da Silva.

Atrás do reposteiro

Os artistas, Max, Raul Solnado, Carlos Coelho, José Viana, Daniel Garcia, Leónia Mendes, Berta Loran, Aida Baptista, Maria de Fátima Bravo, um «ballet» italiano e os artistas coregráficos Paulo e Yola formam o elenco que no Teatro ABC está a ensaiar uma nova revista.

—Em substituição da peça «O Feiticeiro de Oz», o elenco do Teatro de Gerifalto apresenta, no sábado, um novo espectáculo no Teatro Monumental.

—Está a actuar em Buenos Aires o cançonetista português Raul Mota.

—Para a companhia de revistas que em Junho deve seguir em digressão a Africa está indicada a actriz Lily Neves.

—Rosita Lopes é a actriz brasileira, que vai fazer parte da companhia do Teatro Maria Vitória, estreando-se na nova revista, já em ensaios naquele teatro.

—Os «Artistas Unidos», de Luanda, sob a direcção da actriz Cremilda Torres, vão ensaiar a opereta «O Bairro Alto», com Fernanda Baptista na principal figura.

—Na representação da peça «O mentiroso», quando da sua apresentação no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, pela companhia do Teatro Avenida, a figura criada pelo actor Alberto Ghira, vai ser desempenhada por Alberto de Oliveira.

«Intriga e Amor»

esta noite no Teatro Nacional

Estreia-se esta noite, no D. Maria II, o drama de Friedrich Schiller, «Intriga e Amor» na versão directa do dr. António de Meneses.

Mariana Rey Monteiro e Raul de Carvalho

Com esta obra essencial do teatro alemão comemora-se o bicentenário do grande poeta e dramaturgo alemão, contemporaneo de Goethe. Trata-se, pois, de um acontecimento de grande relevo cultural e artístico, tanto mais que «Intriga e Amor» se enquadra no alvorecer do Romantismo de Além-Reno, que tão profunda influência viria a exercer no resto da Europa. Obra clássica que ainda hoje pertence ao repertório das mais prestigiosas companhias dramáticas do Mundo, o seu conhecimento é indispensável para a compreensão da evolução da dramaturgia europeia. Amélia Rey-Colaço confiou a sua encenação a um notável mestre de teatro, o dr. Erwin Meyenburg, que teve como colaboradores mais directos Lucien Donnat, na concepção da cenografia e da indumentária, e Pedro Lemos, na direcção de cena, da luz e do som. São intérpretes Mariana Rey Monteiro, Lourdes Norberto, Meniche Lopes, Maria Corte Real, Raul de Carvalho, José de Castro, Pedro Lemos, Luís Filipe, António Palma, Manuel Correia, José Cardoso e Carlos Avilez.

O espectáculo, dada a extensão excepcional da peça começa exactamente ás 21 e 30, havendo intervalos nos finais do 2.º, 4.º e 7.º quadros.

Primeiras exibições

«O espelho de duas faces», no Império

Cayatte tem em «O espelho de duas faces» um filme ambicioso e quase completamente conseguido. O drama de uma mulher que se liberta da fealdade e descobre na vida o sorriso é posto de uma forma vigorosa e honesta, com uma análise psicológica profunda da personagem central e uma inteligente definição das outras figuras. Michele Morgan, num desempenho que é dos mais altos da sua carreira, cria esta mulher amargurada subitamente liberta de um mundo estreito e crepuscular, lançada numa vida brilhante e luminosa. Mas nem essa libertação é fácil nem total. O choque entre as duas leis, o passado a pôr sombras e inquietações no presente, dramatizam o que poderia ser um «pappy-end» para qualquer história menos subtil. Mas é precisamente no que poderia constituir motivo de felicidade que se encontra a amargura.

Michele Morgan, desfigurada por uma magistral caracterização de pois bela, sente na carne e no espírito todas as «nuances» de um papel complexo. Bourvil, o homem preso á estreiteza mostra-nos poder ser um magnífico actor dramático. Cayatte realiza com segurança e penetra fundo nas atmosferas e personagens.

Bons documentários.—*Visor 100*

«A ingénua e o solteirão», no Eden e no Roma

Entre os cabelos grisalhos de um solteirão europeu e a juventude impulsiva de um jovem americano, deve escolher Debbie Reynolds, uma pretendente a «estrela» de Hollywood, que é menos ingénua que se supõe. Filme divertidissimo, cortado com a velocidade e a leveza das coisas risonhas e simples, «A ingénua e o solteirão» encheu de gargalhadas estridentes as salas do Eden e do Roma, que regorgitavam de um publico candidato á boa disposição. O filme pôs nos lábios de toda a gente o desejado sorriso e prendeu a atenção do publico com os seus «gags», trocadilhos e situações imprevistas. Realizado por Clarke Edwards, em cinemascópio e eastmancolor, tem como figura central Debbie Reynolds, que ainda não se divorciou de Eddie Fischer, o futuro marido de Elizabeth Taylor, Curt Jurgens, que podia ser pai dela, faz de seu frustrado (e amargurado) sedutor. Comédia agradável, «A ingénua e o solteirão» traz-nos um pouco de alegria e de movimento.

Os documentários, dos quais destacamos as «Actualidades Francesas», tiveram interesse.—*Visor 70.*

«A estreante endiabrada», no Monumental

Vincente Minelli, que é americano mas que acaba de filmar «Gigi», de Colette, atreveu-se a penetrar nos salões da «high society» burguesa londrina. Salvou-se porque era conduzido por actores ingleses, como esse admirável Rex Harrison. Não que «A estreante endiabrada («The reluctant debutante») fira de morte os mitos e as leis da sociedade britanica. Mas é, sem duvida, uma sátira aguçada e assim divertida. A história deliciosa da jovem que se apresenta á sociedade e que não é tão ignorante como seria para supor, as aventuras dessa rapariga, as montras que despedaça e as expressões severas e escandalizadas que provoca são o tema deste filme que ontem se estreou, com êxito, no Monumental.

Filme gracioso, elegante, colorido e movimentado, «A estreante endiabrada» encantou o publico. Bons complementos. — **Visor 57.**

Coliseu

Os dois ultimos espectáculos de uma carreira triunfal. Esta noite, ás 21 e 30, «La Rosa del Azafran», de Guerrero, amanhã, á tarde e á noite, despedida da companhia

Só hoje e amanhã, no Coliseu, espectáculos pela Grande Companhia Espanhola de Operetas e Zarzuelas. Esta noite, ás 21 e 30, repetição de um dos maiores espectáculos da companhia, «La Rosa del Azafran», de Geurrero, com Maria Teresa Pello, Luísa de Cordoba, Tomaz Alvarez e Alfonso Grada. Amanhã, ás 16 horas, as duas magníficas zarzuelas «Los Claveles» e «La Dolorosa». A' noite, num espectáculo que vai ficar memorável, despedida da companhia, com o 1.º acto de «La del Soto del Parral», o 2.º quadro de «Los Bohemios», o 3.º quadro de «Alma de Dios», o 2.º quadro de «La Rosa del Azafran» e o intermédio musical de «Bohemios».

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

utilizados pelo organismo, transformam-se em alcalis, neutralidando a acidez natural dos humores (P. Delore). Os ácidos dos frutos e respectivos sais são alcalinizantes. Não se consegue, por exemplo, acidificar a urina ingerindo sumos de limão ou laranja. Pelo contrário, os sumos destes frutos tornam-na alcalina. Interditar o emprego diário de sumos de frutos nos urémicos, hepáticos e renais significa interpretar ao contrário ou não compreender o exacto mecanismo dos caprichosos processos biológicos e fisiológicos.

Na dietética racional de todas as discrasias ácidas, as frutas ocupam um lugar proeminente. A medicação alcalina, através das rações de frutos, utiliza-se desde há muito tempo no tratamento da diástase artrítica.

Tanto o citrato como o tartarato de sódio, sais essencialmente lixiviantes, são óptimos diuréticos e de fácil manejo nas hidropisias (Boerhaave, van Swieten, Cullen e Sydenham).

Já em 1746 (Guérin) e mais tarde Mascagni (1804) proclamaram a eficácia dos sais de potássio, tão em voga hoje em dia nos suplementos alimentares, no ataque á diástese gotosa, nos reumatismos agudos e crónicos, agredidos a torto e a direito com as cortisonas e as prednisolonas, nem sempre inócuas para o organismo doente, facas de muitos gumes e de árduo manejo.

Labbé preconizou a cura alternada de legumes verdes, ricos em ácidos orgânicos, e de alguns frutos no tratamento da diabetes (medicação alcalina), proibindo a estes mesmos doentes o uso de águas gasosas (perigosa deslocação do ião cálcio).

A batata e o arroz, ambos ricos em potássio, desempenham idêntico papel na alcalinização do organismo. Foi esta particularidade que levou Mossé a aconselhar a batata e o arroz na dieta de trabalho dos diabéticos.

Segundo recentes estatísticas, organizadas pelos serviços de saúde e inquérito social das Nações Unidas, verifica-se que a gota é muito rara entre os Chineses e os Japoneses, devido á dupla ração diária de arroz, rico em sais de potássio.

Sabe-se ainda, após os trabalhos experimentais de Linossier, que um quilo de uvas fornece ao organismo compostos básicos equivalentes a seis gramas de bicarbonato de sódio. Talvez seja esta a razão principal por que a cura de uvas constitui, em certos casos, um imperativo no tratamento dos diabéticos em estado de acidose, caminho andado para o coma.

Marcel Labbé, cientificamente apoiado nos autores italianos, entre eles Elvezio e Melocchi, alinhou ao lado daqueles que intransigentemente defendem a cura de uvas. Tudo depende, porém, da quantidade de glucose que as uvas possuem. Os estudos e as investigações, realizados por Nivière, não particularizam as uvas; relerem se á maioria dos frutos destinados a sumos.

Paralelamente, os carbonatos alcalinos aumentam o volume da urina e favorecem, assim, a eliminação de toxinas, sempre prejudiciais ao metabolismo celular.

Alterando e beneficiando o sistema de regras, fornecendo á água os elementos necessários, conseguiu-se já modificar a composição dos frutos e legumes. Os Austríacos conseguiram deste modo obter espinafres com altas percentagens de ferro e cobalto, oligoelementos necessários ao crescimento. Na água do mar, a propósito de oligoelementos, existem todos os necessários ao homem, nas proporções exactas e adequadas ás necessidades da existência.

O limão é um diurético muito activo nos cardíacos. De resto, a propósito de limão, deveria ser controlado ou banido o uso e abuso do vinagre, cuja percentagem de ácido acético o contra-indica em todas as enfermidades gastrintestinais. Constitui um tóxico perigoso para a saúde e, portanto, para a conservação dos povos. O limão, pelo contrário, aproveita aos que têm saúde ou aos que a perderam.

Os frutos ácidos são úteis para os dispépticos e hipoesténicos, pois combatem a anorexia. Estão indicados nos sanguíneos e dissipam os sinais congestivos, possuindo, paralelamente, acção descongestionante do fígado, influindo na circulação geral, sobretudo naqueles doentes que suportam bem os ricos em celulose.

Talvez venha agora a propósito, ao recordar as propriedades dos cítricos, referir que as essências têm uma notável acção bactericida. Estas essências atacam o meningococos, o bacilo de Eberth, o estafilococos dourado, o bacilo da difteria (Klebs-Löffler), ataque sempre acompanhado de intensa acção anti-séptica. Devido a esta última propriedade, o limão é o medicamento específico de numerosas estomatites e glossites. Harris manda condimentar os alimentos com sumo de limão nos doentes portadores de úlceras gastrintestinais, julgando ser este o processo lógico e natural de fornecer áqueles doentes as vitaminas A, B e C, de que carecem urgentemente.

As ditas vitaminas desempenham um papel muito importante na patogenia das úlceras (Jean Rachet, André Busson e Charles Debray, «Maladies de l'intestin et du péritoine», Paris, 1954).

As compotas de laranjas amargas ou azedas, e as saladas feitas com as mesmas, á maneira oriental, são muito úteis. Estas laranjas amargas, espalhadas hoje no País, como elementos decorativos de jardins e parques públicos, foram introduzidas na Europa pelos Cruzados que, em vagas sucessivas, assaltaram a Palestina e ali procuraram, debalde, constituir um reino.

Mesmo á nossa porta, no Norte de África, são consumidas em grandes quantidades. Os povos semitas divulgaram o seu valor alimentar e terapêutico.

Os pimentos doces possuem percentagens apreciáveis de ácido cítrico. Cozidos e temperados com um fio de azeite e sumo de limão, são muito saborosos e digestivos.

As cerejas, conhecidas e aconselhadas pela Escola de Salerno, são cordiais, estomáquicas e digestivas. Abrem o apetite e temperam a acidez dos humores. As suas propriedades diuréticas provêm da grande percentagem e riqueza de potássio (3,41 grs. por quilo de fruto fresco). Transformadas em compotas e geleias, perdem o excesso de acidez e constituem bom alimento. Contêm: água, glúcidos, ácidos orgânicos e celulose. Conhecem-se desde a idade do bronze antigo, período em que a agricultura sofreu um grande impulso (Vid. Henri Michaud, «Sur la Pierre et l'Argile», Neuchâtel, 1958).

Os sumos de legumes (Orlowsky) combatem o apetite desviado ou amortecido, sendo úteis na hipoacidez gástrica e nos estados febris, estimulando ainda as funções digestivas nos diabéticos.

Sabido é que os frutos contêm também aminoácidos, entre eles a tirosina, lisina, histidina, arginina, triptofano e cestina, indispensáveis á vida e ao crescimento.

O papel desempenhado pela lisina nos fenómenos da nutrição levou alguém a afirmar que constitui um documento biológico do mais alto interesse.

Nakahama e Lapicque referem igualmente a importância dos aminoácidos na alimentação diária e aconselham o uso de suplementos alimentares, importantes para o desenvolvimento dos ossos, músculos, e fixação do cálcio. Por outro lado, completam e garantem o valor biológico na alimentação racional das crianças e adultos.

As necessidades alimentares variam de indivíduo para indivíduo. Sempre foi mais fácil prescreyer uma droga do que delinear um regime dietético em função do sexo, idade, ocupação, extracto social... É bem verdade que a vida não é fácil e as carências abundam em todos os sectores!

A princesa Ana vai aprender francês

A princesa Ana, filha de Isabel II de Inglaterra, vai aprender francês. Para o efeito, chegou a Londres a professora francesa Suzanne Josseron, de 35 anos, que vai dar lições á princesinha, no Palácio de Buckingham. Recém-chegada á capital britanica, foi assim fotografada, durante o seu primeiro passeio na City.

Iniciaram-se as negociações do Ocidente com a Rússia

(Continuação da 1.ª página)

conselheiros no Departamento de Estado, estiveram, durante a noite, no Hospital Walter Reed, para uma conferência de uma hora com John Foster Dulles sobre as próximas negociações com a União Soviética. Acompanharam Herter o subsecretário de Estado adjunto para os assuntos economicos, Douglas Dillon, o subsecretário de Estado adjunto, Robert Murphy, e o secretario de Estado, adjunto, para os assuntos europeus, Livingstone Marchant.

O porta-voz do Departamento disse que a discussão abrangera a conferência dos ministros dos Negocios Estrangeiros em Paris, e o relatório do grupo de trabalho das quatro potências que fazia uma revisão politica em preparação da conferência de Genebra, em Maio.—(R.).

A delegação americana

NOVA YORK, 25 — O secretario de Estado, Christian Herter pediu aos membros mais antigos da comissão de Relações Externas do Senado para o acompanharem á conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros, em Genebra — segundo anuncia o «New York Times».

Num telegrama do seu correspondente em Washington o jornal diz que o secretário de Estado expôs a ideia ao senador William Fulbright, democrático por Arkansas, presidente da comissão, mas que o senador não reagira com entusiasmo.

O telegrama acrescenta que o senador Alexander Williey, de Wisconsin, membro republicano da comissão, parece ter-se mostrado entusiasmado com a possibilidade de ir a Genebra. — (R.).

As duas Alemanhas participam na conferência

BERLIM, 25 — As duas Alemanhas estarão representadas na conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros, em Genebra, segundo o princípio da paridade — afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros de Pankow, Lothard Bolz, numa reunião de duzentos intelectuais, em Rostock. Acrescentou:

«A participação de uma delegação oficial da Republica Democrática Alemã na conferência de Genebra constitui a realização de uma reivindicação apresentada há tantos anos pelo nosso Governo, em nome de todo o povo alemão». — (F. P.).

Vai a Moscovo o burgomestre de Berlim?

BERLIM, 25 — O burgomestre de Berlim-Oeste, Willy Brandt, seria convidado a ir a Moscovo, antes da Conferência de Genebra, — segundo rumores que correm em Bonn e dos quais se faz eco o «Telegraf» jornal de tendência social-democrática de Berlim-Ocidental. — (F. P.).

A opinião de Von Bretano

BONN, 25 — O ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental, Von Brentano, entende que «não há motivo para ter esperanças exageradas na próxima conferência de Genebra.

Num artigo publicado pelo «Sueddeutsche Zeitung», de Munique, o ministro lembra que «a U. R. S. S. tem sempre feito compreender, nos ultimos anos, que não está na disposição de renunciar ao ponto de vista a respeito da Alemanha», e prossegue:

«Não deveria cometer-se, pois, o erro de tomar os desejos pelas realidades. Mas, mesmo os que vão para a Conferência de Genebra sem esperanças excessivas, devem desejar que a reunião tenha pelo menos êxito parcial. Mas o êxito só será possivel se a U. R. S. S. compreender que o mundo livre não irá a Genebra para satisfazer as exigências soviéticas, mas um para proceder a uma séria troca de impressões e para estudar as possibilidades de solução aceitável por todos. As concessões têm de ser recíprocas. Aquele que se diz disposto a renunciar ao máximo das suas exigências, não faz verdadeira concessão». — (F. P.).

A princesa Margarida e a rainha-mãe partiram de Roma para Paris

ROMA, 25.—A rainha-mãe, da Inglaterra, e a princesa Margarida terminaram hoje a sua visita de seis dias a esta cidade. Depois de percorrerem, de manhã, as coudelarias Dormello Olgiata, onde tem sido treinados famosos cavalos de corridas como o «Ribot» e outros, voltaram á embaixada inglesa onde almoçaram, pela ultima vez, antes de tomarem, á tarde o aviao para Paris.

Durante os dias que passou em Roma, a princesa Margarida teve a oportunidade de rever os principais pontos turisticos da capital italiana e de conhecer a vida nocturna da sociedade romana. Com a rainha-mãe, foi recebida em audiência particular pelo Papa João XXIII. Ontem á noite, assistiu a uma recepção no magnifico palácio do príncipe Aspreno Colonna, assistente ao Trono Pontificio e membro da mais alta nobreza romana. O seu palácio é um edificio de grande beleza, ornado de preciosas antiguidades.

Em Paris, contudo, a irmã da rainha da Inglaterra não terá tempo para visitar as «boîtes» e assistir a festas particulares. O embaixador inglês, sir Gladwyn Jebb e sua esposa organizaram um programa muito compacto para os três dias que as reais visitantes contam ficar na capital francesa. Esta tarde, pouco depois da sua chegada, ás 17 e 30, Margarida e sua mãe seguirão imediatamente para a embaixada da Inglaterra, onde haverá uma recepção para a apresentação dos ministros dos países da Comunidade.

A' sua chegada, serão aguardadas, no aeroporto de Bourguet, por um emissario do presidente de Gaulle e por sir Gladwyn e lady Jebb.—(A. N. I.).

Margarida e o príncipe Henrique

ROMA, 25. -As primeiras edições dos jornais mostravam a princesa Margarida e o príncipe Henrique, durante um passeio a cavalo na «villa» Lante. Mais tarde, a princesa posou para ele, que é eximio pintor, durante um almoço no campo.—(Reuter).

*

ROMA, 25.—A princesa Margarida visitou hoje, inesperadamente a residência do príncipe Henry de Hesse, umas três horas antes da sua partida.

O príncipe Henry, solteiro, de 31 anos, acompanhou frequentes vezes a princesa, durante a sua visita.

Na noite passada, assistiram ambos a um baile, onde permaneceram até ás 5 e 30 da manhã.—(R.).

Ciclo de conferências

BRAGA 25. — (Pelo teletone) — O dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional, preside, esta noite, a sessão inaugural do 8.º ciclo de conferências culturais, promovido pelo Municipio local.

Nesta primeira sessão será orador o rev. dr. António Freire, professor do Curso Superior de Letras, da Companhia de Jesus, que apresentará uma comunicação subordinada ao tema «Actualidade da cultura greco-latina».

O segundo centenário de Oeiras

(Continuação da página central)

a pré-história (em que o concelho é muito rico, pois entre outras coisas, possui o castro de Licea, por cima de Barcarena e a gruta da Ribeira da Laje, em Oeiras) até aos tempos presentes. Temos descoberto, nas igrejas, documentos interessantíssimos sobre a história e a vida do concelho que serão expostos e que abrem campos novos á investigação.

Falou dos paramentos, dignos de um museu, dos templos de Barcarena, de Carnaxide, de Lecéa e de Oeiras, estes feitos com tecidos vindos directamente da India. Na igreja de Porto Salvo — a primeira que os Portugueses viam quando vinham para terra, procedentes do Sul, foram descobertas interessantes bulas de bispos a peregrinos, e outros documentos. Quanto a pratas, há-as de grande valor artístico, devendo destacar-se as custódias de Oeiras e de Lecéa e uma cruz alçada, de 1567, da igreja de Carnaxide. Há imagens lindissimas. Na parte bibliográfica, a cargo do dr. Carmelo Rosa, tem-se conseguido obter uma documentação interessantíssima para a história do concelho, bem como numerosas e valiosas estampas, de particulares, do Museu de Artilharia, da Biblioteca Nacional, etc.

Depois, o presidente anunciou que haverá uma Exposição das Actividades Económicas do concelho, num recinto ao ar livre, próximo do Parque Publico.

Disse que haverá também: uma exposição de escultura, aberta a todos os artistas; concertos publicos, para os quais se pediu a colaboração da banda da G. N. R. e de outras, espectáculos de variedades, etc.

Agradeceu a colaboração de várias instituições, como a Fundação Calouste Gulbenkian, o S. N. I., a Biblioteca Nacional.

Quanto ás competições desportivas a Camara aceitou a iniciativa de uma comissão local, dando-lhe o seu patrocínio e fazendo-se representar pelo vereador sr. Manuel Rato.

Um almoço na Estufa Fria

Ao meio-dia, chegou aos paços do concelho o dr. Osório Vaz, governador civil de Lisboa, que depois de receber, nesta sua primeira visita, os cumprimentos do Município, foi convidado a assistir a um almoço, oferecido aos jornalistas, na Estufa Fria, pelo presidente da Camara.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: máxima, 21°,3; mínima, 9°,9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 20°,5; mínima, 11°,6.

— Temperaturas registadas hoje ás 10 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 16°,2; na água do mar, 14°,5.

A ANTENA É IMPORTANTE

UMA ANTENA DE TV PODE SER CAUSA DE MÁ RECEPÇÃO POR VÁRIOS MOTIVOS:

* Má instalação
* Material de inferior qualidade
* Acção corrosiva de humidade

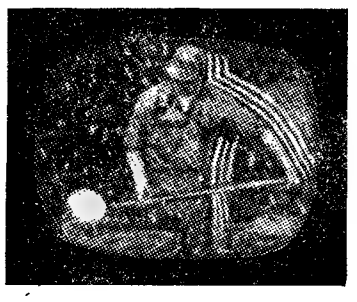


Imagem resultante de deficiências da antena ▶

E CONTRIBUI EFICAZMENTE PARA BOA RECEPÇÃO, SE...

...A sua instalação for confiada a técnicos competentes

◀ Imagem perfeita. Antena a funcionar em boas condições

...O material da antena e os acessórios forem de boa qualidade e preparados para resistir á acção dos elementos atmosféricos

EXIJA QUE A ANTENA E OS ACESSÓRIOS INDICADOS PELO TÉCNICO MONTADOR SEJAM

PHILIPS – KATHREIN

BOLETIM DO DIA

EFEMERIDES

No dia 25 de Abril de 1899 começaram as obras de abertura do Canal de Suez.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «Intriga de amor».
TRINDADE—As 21 e 45—«A espera de Godot».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 «Eles, elas... e os meninos».
AVENIDA — «Seis personagens em busca de autor».
MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Encosta a cabecinha e chora...».
VARIEDADES — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Champanhe saloio»
COLISEU — A's 21.30 — «La Rosa del Azafran».

CINEMAS

TIVOLI—«O grito da furia».
S. LUIS—«Crepusculo vermelho».
S. JORGE — «A verdade em primeira mão».
IMPÉRIO—«Espelho de duas faces»
EDEN—«A ingénua e o solteirão».
POLITEAMA — «Uma luz na floresta».
ODEON — «Rapsódia Portuguesa»
MONUMENTAL—«A estreante endiabrada».
CONDES — «Totó, Vittorio... e a médica!»
ROMA—«A ingénua e o solteirão».
AVIS — «Olhos negros».
ALVALADE — «Crepusculo vermelho».
CAPITOLIO — «Os revoltados do «Caine».
OLIMPIA — «Tempera de heroi».
RESTELO—«Viva o palhaço».
CAMPOLIDE — «O pântano do fogo»
S. JOSE' (Sacavém) — «Vencer ou morrer».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel 782532. Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606. Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.; 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728. Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124, Tel 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 6-D Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213, Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da Veiga, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808, Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909, Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata 220 Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 17 e 15: Noticiário; 17 e 20: Transmissão, do Estádio do Restelo, do relato do desafio de «football» entre as selecções militares de Portugal e da Holanda. No intervalo e no final: Comentários técnicos; 19 e 30: Emissão infantil; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Viola espanhola; 21 e 30: Conjuntos vocais; 21 e 45: Serão para trabalhadores, transmitido da Voz do Operário. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 30: Rádio Rural, programa para os agricultores; 18 e 50: Operetas; 19: Aspectos da musica moderna; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Recital pelo violoncelista Celso de Carvalho; 20 e 20: Temas portugueses; 20 e 30: Musica de tecla; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: 1.º acto da ópera «Falstaff», de Verdi; 21 e 45: Quinzena literária; 22 e 15: Musica sinfónica! 22 e 45: Que quer ouvir?: «Quarteto n.º 6, op. 18, em si bemol maior», de Beethoven, e «Sinfonia n.º 4, em fá menor, op. 36», de Tschaikowsky; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30: Alfarrábio; 17 e 45: Conjuntos; 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Jornal feminino; 18 e 45: Diálogos do Olavo; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Paulette Rolin; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 30: Orquestra de Boris Sarbek; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Solistas; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Baile.

Estação de Miramar — A's 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Orquestras e canções; 18 e 45: Recital de Cruz e Sousa; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Toca Henri Coene; 21 e 45: Brasil; 22: Uma orquestra e uma voz; 22 e 30: Interludio musical; 23: Concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Tangos; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Canta Nat King Cole, 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 20: Musica seleccionada; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, das 17 ás 19, período extraordinário de emissão, com uma reportagem directa do exterior; 21, reabertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, «Juventude no Mundo»; 21 e 35, «Tele-Desporto»; 22, Variedades; 22 e 45, «Na rua e na estrada»; 23, «Musica e artistas»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, fecho da emissão.

HA TRINTA ANOS

«Portugal falará com a América dentro de pouco tempo»—anunciava o «Diário de Lisboa» em 25 de Abril de 1929, e pelo País estendia-se uma rede de 12.000 quilómetros de fios. Em Junho do ano anterior inaugurara-se o serviço telefónico Lisboa-Madrid, e depois com a França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Itália, Suiça, Noruega e Suécia e, dentro em breve, com a Dinamarca, o Luxemburgo, a Checoslováquia etc. E dentro de um ano—anunciava-se—a rede telefónica nacional, permitiria que todas as capitais de distrito ficassem ligadas a Lisboa, e as localidades principais á sede do seu distrito. «É alguma coisa»—comentava-se na notícia. No mesmo dia chegara a Alverca o primeiro avião comercial português.

NOVAS FREGUESIAS DE LISBOA

(3.º Bairro Administrativo)

AMEIXOEIRA

(Sede da Junta — Rua Direita da Ameixoeira, 18 — Telefone 779008

Partindo do cruzamento da Calçada de Carriche com a estrada militar de circunvalação, que limita o concelho, segue, para Nordeste, pela respectiva extrema, até se encontrar com a da estrada militar do Forte da Ameixoeira; inflecte para Sul, continuando, pelo eixo desta estrada, até perto do Forte da Ameixoeira; progride para Sueste pelo ramal (projectado) de ligação á 1.ª circular (igualmente em projecto); desviando-se para Sudoeste, prossegue pelo eixo da 1.ª circular, até encontrar a quinta onde estão instalados os Inválidos do Comércio; contorna, por leste e norte, a dita quinta «excluindo-a), até alcançar a Estrada do Desvio; desce, pelos eixos da Estrada do Desvio e da Calçada de Carriche, até ao ponto de partida.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um tampão para roda de automóvel, dois tampões para depósitos de gasolina, um porta-moedas, uma carteira, uma mira para veículo automóvel, uns óculos graduados, um livro, um casaco, um avental, um esticador, uma manta, uma certidão de casamento, uma blusa, um bilhete de identidade e diversas chaves.

Também se encontram, no Sindicato Nacional dos Motoristas: um porta-moedas, um aparelho para asmático, uma lanterna, um casaco e uma sombrinha.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje, á noite, haverá bailes na Casa das Beiras, Casa do Minho e Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

Amanhã, á tarde, efectuam-se bailes na Associação Luís Braille e Academia 1.º de Setembro de 1867.

—Amanhã, «Ronda do Ritmo» organiza, no Ginásio do Alto do Pina, um espectáculo de variedades com a colaboração de vários artistas de teatro, cinema e rádio.

Restaurante Cortador
OH! LACERDA
Avenida de Berna, 36-A
PRATOS DO DIA
Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada á Portuguesa
Terça-feira — Cozido á Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chambão á moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos
Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57.

— Pelos vistos, aumentaste outra vez o ordenado da tua secretária

Os acordos luso-germânicos sobre os bens alemães em Portugal

O «Diário do Governo» publica, na sua I série, com data de 21 do corrente, o acordo sobre bens alemães em Portugal, assinado em 3 de Abril de 1958 pelos ministros dos Estrangeiros de Portugal e da Alemanha, respectivamente os drs. Paulo Cunha e Heinrich von Brentano. Publica também o decreto que aprovou o referido acordo.

Por esse acordo e «com o fim de satisfazer as pretensões do montante de 144.500.000$00, enunciadas pelos Governos dos Estados Unidos, da França, e do Reino Unido, por si e pelos estados signatários do Acordo de Paris, do dia 14 de Janeiro de 1946, sobre reparações da Alemanha» serão postos á disposição desses governos os bens do Estado Alemão e das pessoas jurídicas alemãs, existentes em forma líquida, incluindo a soma de 12.000.000$00 actualmente em poder dos representantes das três potências; o Governo alemão pagará ao Governo português, em datas fixadas com os governos das três potências, a diferença entre o montante desses bens indicados e a importancia de 144.500.000$00.

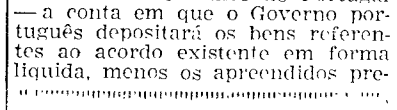
Pelo artigo 2.º, o Governo português receberá do Governo alemão e numa só prestação, a importancia de 250.000 000$00, «em satisfação definitiva das prestações portuguesas, do Estado e de particulares, relativamente ao Estado alemão e a bens alemães que estão sujeitos, no território português, á legislação sobre apreensão preventiva e liquidação».

E' aberta no Banco de Portugal — a conta em que o Governo português depositará os bens referentes ao acordo existente em forma liquida, menos os apreendidos preventivamente a Alemães que em 1 de Setembro de 1939 não estavam domiciliados na Alemanha.

Os restantes bens são libertados, logo que Portugal tenha recebido a importancia indicada no artigo 2.º

No mesmo acordo se prevêem formas de regular os problemas resultantes do antigo «clearing» luso-alemão e normas de excensão do próprio acordo.

Publica-se, também, no «Diário do Governo» a correspondência trocada entre os ministros dos Estrangeiros sobre o acordo.



Torres Vedras

D. MARIA DA CONCEIÇÃO PINTO JORDÃO DE ORNELAS MONTEIRO

FALECEU

Major José de Ornelas Monteiro, filhos, nora, genro, irmã e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, dia 26 pelas 16 horas da sua residência em Torres Vedras, para o cemitério local.

AGENCIA ASSIS SOBREIRO

Foram processados diversos indivíduos por especulação

A Polícia instruiu vários processos contra comerciantes cujos géneros estavam impróprios para serem vendidos ao publico ou que «exageravam» nos seus preços.

Assim foi autoada uma cervejaria-restaurante de Santarém, que na venda de vinho da casa em garrafas, praticava um preço que correspondia a um lucro de 90 %.

Num restaurante do Largo do Intendente, em Lisboa, foram encontrados no balcão e montra frigorífica, com destino á confecção, cerca de 6.500 gramas de várias espécies de peixe que estava impróprio para consumo, sem possibilidade de beneficiação.

Foram processados ainda: uma casa de tecidos, da Rua do Carmo por ter especulado 40$00 em cada metro de um artigo do seu comércio; uma firma industrial, de Lisboa, por ter desviado do seu legal destino, 44.000 quilos de sêmeas e 40.726 de palmiste, vendendo-os a preços especulativos; um comerciante de Loulé, que efectuou o transporte de figo industrial, do Alentejo para o Algarve, sem as respectivas guias de transito; uma firma de acessórios de automóveis, de Vila Nova de Gaia, por especulação na venda de uma grade porta-bagagem; um comerciante de frutos secos, de Olhão, que vendia sêmeas para alimentação de animais, como sendo farinha para gado, por preço superior ao legalmente estabelecido; uma oficina de serralharia, de Vila Real, por especular no trabalho de canalização de água para um alambique; uma firma reparadora de automóveis, de Lisboa, que nuns trabalhos extra-orçamento, debitou 3.264$30 a mais; uma drogaria da Rua da Prata, por especulação no preço de carbonato de cal aromatizado; uma serralharia de S. João do Estoril, que numa conta de 3.829$20, facturou a mais 538$00; uma salsicharia de Aveiro, que vendia fiambre chouriço e banha a preços especulativos.

A vitória da selecção portuguesa

assegura-lhe a participação na 2.ª fase do Torneio Internacional Militar

JOSÉ AUGUSTO
marcador dos golos de Portugal

(Continuação da 1.ª página)

gal, ouvindo-se, nesse momento, os hinos dos dois países.

Os jogadores holandeses vestiam «jersey» cor de laranja e calção branco e os portugueses apresentaram-se de equipamento azul.

Hernani e Renders, os «capitães» dos dois onzes, trocaram galhardetes, procedendo-se, em seguida, ao sorteio dos campos.

As equipas foram ocupar os seus lugares alinhando assim:

PORTUGAL—Vital; Lino e Barbosa; F. Mendes, Miguel Arcanjo, e Morató; José Augusto, Hernani, A. Mendes, Ferreirinha e José Pedro

HOLANDA — Pelt; De Young e Villernis; Vaz Nyk, Renders e Muller; Gerearts, Alma, Theunissen, Loo e De Kreik.

Arbitro: Mendivil (Espanha).

Juizes de linha: Joaquim Campos (Portugal) e Bronkhorst (Holanda).

A bola de saída pertenceu aos Portugueses, que invadiram o meio-campo contrário por intermédio de António Mendes e Hernani, beneficiando, ainda, duma hesitação de Villerius, de que surgiu um «canto». Da marcação não resultou perigo para os visitantes, antes nasceu um contra-ataque, que, mal rematado por Theunissen, acabou por perder-se pela linha de cabeceira.

Os Holandeses voltaram a atacar, anulado por Barbosa, quando o n.º 9 da Holanda pretendia rematar. Depois anotou-se um remate de De Kreik á figura de Vital — indicativo de que os Holandeses estavam a mostrar-se aguerridos.

Os Portugueses reagiram, dando a impressão de que não tinham pressas em alcançar os seus objectivos, pois desenvolviam os lances com calma, de forma que criaram algumas situações embaraçosas para a defesa visitante.

E assim, um remate de Hernani saiu a rasar a barra; Mendes imitou o seu companheiro, para, logo a seguir, obrigar Pelt a segurar a bola.

Aos 11 minutos, os Portugueses passaram a vencedores, abrindo o activo Dos pés de José Pedro saiu um centro largo para o lado oposto correndo ao lance, com muita oportunidade, José Augusto, que, de cabeça, pôde rematar a contar.

A equipa portuguesa, por vezes mostrava-se demasiadamente «parada» sobre o terreno, circunstancia de que o adversário procurava tirar partido, que mais veloz, acarretava preocupações ao sector defensivo dos Portugueses.

Aos 20 minutos, De Kreik e Theunissen acercaram-se perigosamente das redes de Vital, salvando Barbosa a situação quando a bola estava a cerca de 2 metros da baliza

Aos 23 minutos, Alma desferiu um remate que Vital segurou bem e, logo a seguir, verificou-se uma substituição na equipa portuguesa, saindo Hernani para dar lugar a Morais, embora este trocasse com José Augusto.

O grupo português ao aproximar-se o intervalo continuava a mostrar-se equipa sem inspiração, actuando francamente mal e dando largas ao adversário, que por sua vez, poderia ter alterado o resultado... se dispusesse de equipa mais poderosa.

Aos 35 minutos António Mendes atirou um remate defeituoso, quando podia ter seguido com a bola até ás redes de Pelt. Gerearts e Theunissen podiam considerar-se os dianteiros mais perigosos; infiltrando-se com facilidade no nosso meio-campo, embora rematando sem eficiência.

Aos 43 minutos, quando José Augusto se aproximava da grande área contrária foi derrubado por um defesa da Holanda; marcado o respectivo «livre» por A. Mendes, este teve mais um mau pontapé.

Ao intervalo, 1-0 para Portugal.

A segunda parte

Recomeçada a partida notou-se ligeira melhoria no grupo português, que volvidos 5 minutos, tomou o comando da partida, passando a exibir-se no meio campo adversário.

Queremos dizer que os Holandeses mudaram de táctica, procurando o contra-ataque. Aos 10 minutos surgiu uma vistosa avançada, começada em José Augusto e concluida por António Mendes com um remate ás mãos de Pelt. Até aos 15 minutos, embora mantendo o domínio, os Portugueses não tiraram dele qualquer benefício, por falta de rematadores.

O espaço decorrido até á meia hora pouco forneceu digno de apontamento, a não ser, quando aos 21 minutos, António Mendes, apontou com muita força um «livre», deixando Pelt *groggy*, após ter defendido o remate, e numa jogada arriscada de Vital, aos 26 minutos, quando se lançou aos pés de Theunissen, arrebatando-lhe a bola.

A fisionomia da partida não se modificou, pois qualquer dos grupos continuava a exibir-se francamente mal.

Entrou-se no ultimo quarto de hora e os Portugueses logo beneficiaram de um canto que não surtiu efeito. E a seguir, os nossos jogadores deram-se ao luxo de «bonitos» pouco práticos, que serviram para tirar ainda mais interesse á luta.

Aos 34 minutos, Ferreirinha num assomo de energia, rematou rasteiro para obrigar Pelt a uma defesa com segurança.

E, dentro da grande monotonia com que a luta se desenrolava, conseguiram os Portugueses, aos 38 minutos elevar a conta para 2-0, com um golo nascido de um «livre» em que A. Mendes tocou a bola para José Augusto, que rematou a contar.

Dois minutos volvidos, António Mendes obrigou Pelt a nova intervenção.

E com um futebol muito «primitivo», terminou o desafio com a vitória de Portugal, por 2-0.

MÁRIO FRANCO

Uma fase do jogo Portugal-Holanda

Ciclismo

A Volta à Espanha

CORDOVA, 25 — O espanhol Antonio Karmany, foi o vencedor da 2.ª etapa da Volta a Espanha, em 5 h., 57 m. e 31 s., á frente de Campillo, Sorgeloos e Barrutia.

Os nove ciclistas portugueses que continuam na prova, terminaram a corrida de hoje, integrados no pelotão principal, com um atraso de 6 m. e 35 s. em relação ao vencedor da tirada. — (A. N. I.).

A Volta à Tunísia

SUSSE (Tunisia), 25.—A 1.ª tirada da Volta á Tunísia, entre Tunis e Susse foi ganha pelo alemão Ludwig Troche, seguido de: 2.º, Declerq (belga); 3.º, Sweeck (belga); 4.º, Adamsso (sueco); 5.º, Milani (italiano).—(A. N. I. e F. P.).

FOI INAUGURADA

a nova sede do Luso Futebol Clube

BARREIRO, 25 *(Pelo telefone)*. —Esta tarde, ás 17 horas, foram inauguradas, pelo governador civil de Setubal, as novas e modernas instalações do Luso Futebol Clube, prestimosa colectividade desta vila, que este ano comemora o seu 39.º aniversário. O novo edifício, anexo á antiga sede do grupo, fica com um «café», uma biblioteca, um ginásio infantil, um «bar», na cave, e salas de aula para ensino liceal e técnico.

O caso da bailarina Margot

(Continuação da 1.ª página)

lidoro Pinozón e Santiago Urieta, tinham já procurado asilo.

O embaixador brasileiro Jorge Latour, que procedeu imediatamente ás diligências necessárias para obter salvo-condutos para os três políticos, afirmou que, na sua opinião, o Brasil concederia rapidamente asilo e que o dr. Arias, procurado pelo Governo panamiano sob a acusação de actividades revolucionárias, sairia do país «muito em breve».

Um porta-voz governamental panamiano disse que se o Brasil acedesse ao pedido do dr. Arias «o Governo panamiano lhe daria um salvo-conduto».

Segundo informa, Arias e um dos seus «rebeldes» foram levados para a Embaixada do Brasil pelo deputado do Partido Liberal, Alfredo Ramirez. — (F. P. e R.).

A fuga de Arias, dentro da mala de um automóvel

CIDADE DE PANAMÁ, 25 — Foi escondido na mala da retaguarda de um carro que tinha a placa oficial de um deputado, que Roberto Arias conseguiu chegar á capital do Panamá, quando toda a Polícia da Guatemala o procurava na região de Santa Clara.

Parece ter mudado de vestuário no domicílio do deputado Alfredo Ramirez, antigo embaixador do Panamá em Londres, e sempre dentro da mala do carro, fez-se conduzir á Embaixada brasileira, onde o embaixador, Jorge Latour, lhe concedeu o direito de asilo.

Quase no mesmo momento, um dirigente do Movimento de Acção Revolucionária refugiava-se na Embaixada de Cuba.

Ontem explodiram três bombas, uma das quais no Teatro «Eldorado», causando 2 feridos. — (F. P).

ABSOLUTAMENTE CERTO...

A G O R A
continue a poupar dinheiro
compre os mesmos artigos
da
MEIA-HORA
na Rainha das Malhas
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 31-A
(ao Chiado)

437

É UM CIGARRO AO PREÇO DE SEMPRE
E SEMPRE NO DESEJO DE BEM SERVIR!
UMA MARCA QUE FOI A PRIMEIRA NOVIDADE
NA REVELAÇÃO DE NOVAS MARCAS!
FUME UMA VEZ

437

E CONTINUARÁ A PEDIR

QUATRO TRÊS SETE

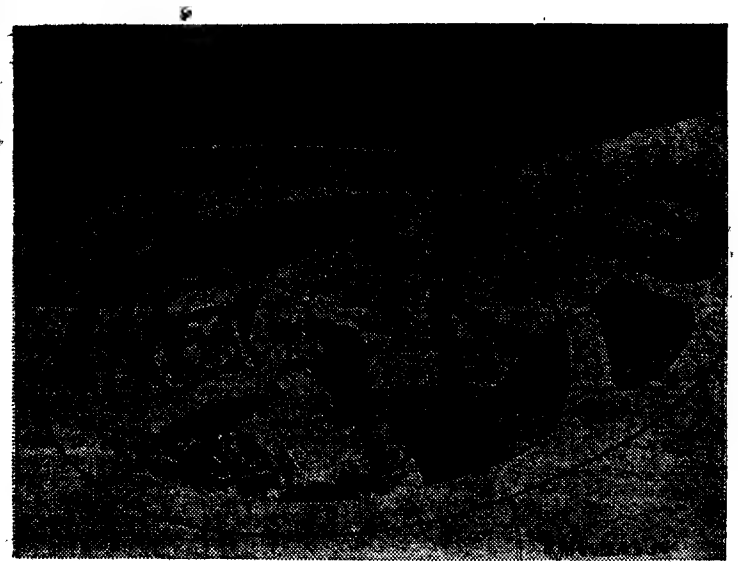
V. EX.ª DEVE PREFERIR O
O FAMOSO ASPIRADOR
RUTON
UMA PRECIOSIDADE NO LAR

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS
Tel. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços, Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
excepto ás 2.as-feiras
Cozinha Portuguesa
(6 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Turismo

magazine

N.º 42

MARAVILHAS DO UNIVERSO



Um dos principais problemas das viagens siderais será a «imponderabilidade», ou seja uma condição caracterizada pela falta de peso. Como reagirá o homem ante ela? Para o saber se estão fazendo experiências que indicarão se o ser humano pode adaptar-se ás novas condições que encontrará no espaço, ou se as viagens interplanetárias lhe estarão para sempre vedadas

Os problemas médicos das viagens siderais

por I. M. LEVITT (Director do Planetário Fels, de Filadélfia)

UM EXCLUSIVO MAGAZINE

Dentro de um ano possìvelmente será lançado no espaço, talvez a umas cinquenta milhas, um ser humano. Será a primeira vez que o homem se aventurará a tais alturas, e a sua primeira experiência dessa terrível condição que é a falta de peso.

Enquanto os motores do foguete que o transporta estão a trabalhar, o passageiro sideral, sujeito aos efeitos da aceleração, sentirá o fenómeno do peso; logo, porém, que parem o piloto sofrerá uma sensação igual á que experimentaria se caísse num ascensor cujos cabos se partissem.

Como reagirá o homem em tal situação? Adaptar-se-á ou reagirá tão desfavoràvelmente que não possa viajar no espaço?

Não pode haver viagens siderais sem uma resposta a estas perguntas. Nas experiências feitas na base de Randolph vários homens realizaram «quedas livres» de trinta e quarenta segundos. Metade deles adoeceu; a outra não sofreu consequências desagradáveis: tiveram, pelo contrário, uma sensação de bem estar, do que parece concluir-se ser inteiramente possível ao ser humano viver nesse novo ambiente. Contudo os médicos que estudam o assunto recomendam cautela e dizem que não se realizaram ainda as experiências suficientes para justificar o optimismo.

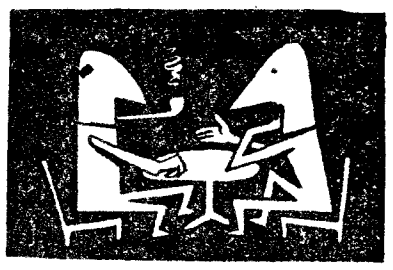
Insuficiências das provas

As experiências feitas são reduzidas. O tenente-coronel David G. Simons, chefe da Secção de Biologia Sideral da base americana de Holloman, afirmou numa conferência proferida no Instituto Franklin de Filadélfia — ao qual pertence o Planetário Fels — que o homem tem de permanecer pelo menos 24 horas no espaço, livre dos efeitos da gravidade, a fim de que possam aceitar-se tais experiências como definitivas. Observa, e bem, que a maioria das pessoas podem resistir, sem enjoar, durante vinte a trinta minutos aos efeitos de um mar muito agitado, mas que depois o enjoo vem. Ora a maior prova «sideral» até hoje tentada durou... um minuto. Fê-la Iven Kincheloe.

O dr. Simons crê que as experiências alcançadas não bastam para obter uma resposta ás citadas

(Continua na 3.ª página)

À MESA DO CAFÉ



O centro da cidade crepita, freme, escalda. Tem a beleza intimidante, imprecisamente feroz, de uma máquina ciclópica, fumegante e barulhenta. Não que eu não a ame. Das ruas atulhadas da capital desprende-se a orquestração da luta quotidiana pela existência, que é épica e arrebatadora. Mas é intensa e exaustiva. Os seus acordes traspassam-nos o corpo, aniquilam-nos.

É para fugir ao seu poder que em cada dia, ao avizinhar-se a hora do crepusculo, depois deliberto das obrigações que me prendem ao redemoínho entontecedor que é a capital efervescente, corro a refugiar-me naquele suburbio á beira-rio, tranquilo como ternissimas tardes outonais. Diante do horizonte largamente rasgado sobre a Barra, da impassível segurança do rio, dos repousados tons com que o poente decorou os céus, refresco os olhos ardidos e a epiderme febril. Ali, a vida parece fluir a um ritmo ainda não contaminado pela desumanização. Adivinha-se o sangue a serenar nas veias.

A partir do fim da tarde, os cafés e as esplanadas enchem-se de pequenos empregados que vêm fumar um cigarro sedativo, fitar o espaço, deixar coalhar nas pupilas absortas os sonhos esquecidos no decurso do dia. A pouco e pouco se vão recordando de si mesmos, reminiscências quase olvidadas. Ao longo da alameda, pares de namorados entrelaçam ternuras.

Em baixo, no areal, a gaiatada encardida que desceu dos casebres de fora-de-portas, pontapeia a bola de trapos, persegue-se em rocambolescas aventuras de invenção. Trazem as fatiotas em farrapos, chupam beatas imundas colhidas nos passeios. Mas dispõem de um parque infantil maior e mais maravilhoso que os meninos ricos da cidade: a sua praia de águas lodosas. Só não têm infancia. Antes de recolher a penates, subirão ás esplanadas a fazer a sua colheita de tostões, que por aqui ainda são livres o pé descalço e a pedincha. Assim ganharão o dia, que em casa de pobre todos pagam comida. Alguns, poucos de entre eles, conseguirão fazer a sua venda de jornais, por conta do vendedor que assentou arraiais num dos cantos da praça.

POESIA SUBURBANA

Por CORREIA DA FONSECA

Entretanto, esbatem-se as ultimas cores diurnas, adelgaça-se a fita luminosa que enruivece a linha do horizonte. Tingem-se as nuvens de coloridos insólitos e, medrosamente, assomam as primeiras estrelas a anunciar a noite. Na outra margem, as luzes da vila debruçada sobre o rio ou as dos casais encravados nas colinas são astros que as calosas mãos humanas ofereceram ao Mundo. Lenta, carregada de peixe, sobe o rio uma traineira. Ouvem-se os passos da poesia a deslizar nas ruas.

E é então que se abate sobre mim a esmagadora felicidade de viver em paz. Volto as costas ao Poente, onde o Sol mergulhou em demanda das Américas. Vejo-me de pé, no extremo de um continente antigo e cansado que a guerra ameaça uma vez mais, e sobe-me á boca o sabor doce destes instantes de silêncio pacífico. Diante de mim através de montes e vales, de rios e de cidades, de homens e de mulheres, é a Europa em paz que eu pressinto, um pouco inquieta, um pouco inconsciente também das

(Continua na 3.ª página)

OS ESCRITORES BRASILEIROS PERANTE OS PROBLEMAS DA SUA ARTE

(inquérito conduzido por Urbano Tavares Rodrigues)

Paulo Bonfim:

Se não nos prevenimos, o mundo mágico da ciência anulará o mundo mágico da poesia

Paulo Bonfim é um poeta jovem, mas já com uma obra vasta e significativa. A concreção na abstrac-

POR
URBANO TAVARES RODRIGUES

ção, tal é a linha que se surpreende, visível e contínua, nos seus livros, particularmente em «Poema da Descoberta», aquele que melhor traduz as suas fundas reclamações de conhecimento, de entendimento

(Continua na 7.ª página)

O REGRESSO DO TRABALHO

Um rancho misto de trabalhadores rurais volta do trabalho. O sol tombou no poente e, á voz do capataz, os instrumentos do labor arrumam-se, endireitam-se os corpos e prepara-se a volta ás camaratas. As mulheres dão um jeito no cabelo e amanham o lenço enquanto os homens amontoam os cestos e outros objectos sobre a camioneta e dão um toque pimpão no boné. Foi o findar de mais uma jornada de trabalho que se repetirá até terminarem a tarefa. Depois voltarão ás suas terras de origem.

Quem viaja pelas estradas do País tem sempre oportunidade de encontrar ranchos como este, porque boa parte do nosso povo vive unido á terra e unido entre si. E' isso que torna características as pessoas das várias regiões, desde a maneira de vestir, á linguagem e á veia lírica. Não nos custa nada aceitar que, uma vez esta camioneta em rodagem pela estrada, a caminho de Benfica do Ribatejo como ia, surgissem cantares que a todos aglutinassem no mesmo recreio espiritual, recitando algumas quadras do grande cancioneiro popular — que é inesgotável — chistosas, tristes, de trabalho ou de réplica em versos improvisados. E' em circunstancias análogas que, sem se poder localizar a origem, surgem letras e canções a enriquecer o património folclórico genuíno, daquele que não é feito de encomenda nem é exportado em papel celofane.

Mas voltemos á nossa camioneta de carga, que neste caso é o transporte colectivo, sem lotação determinada. Há sempre lugar para todos porque o rancho é uma unidade e esta é indestrutível. Até haveria para nós, se a isso nos dispuséssemos. A solidariedade não é um mito e todo o mundo conhece quanto é hospitaleira a nossa gente. Uma vez quebrado o gelo inicial da aproximação, o coração abre-se, as confidências surgem e dentro em pouco somos também mais um entre todos. Ao fim de um copo de vinho a acompanhar o naco de pão com uma roda de chouriço, ficamos perplexos se pensarmos que meia hora antes éramos desconhecidos e mais envergonhados ficaríamos se continuássemos a alimentar o espírito com o afastamento pressuposto pelas condições de vida.

POR
VIRIATO CAMILO

Há sempre lugar para todos porque o rancho é uma unidade...

GANHE 100$00
com um sorriso nos lábios

Demonstra-se que Magazine prestou um grande serviço ao país, Com efeito o vencedor do concurso desta semana descobriu a verdadeira LIMONADA NACIONAL. Esta semana houve além disso muitas novidades: a alegria dos tristes, o medicamento das emissoras descalcificadas, o excepto no caldo de nabos, várias variações sobre temas nacionalistas e o mais que se lerá.

O País ficou esta semana a dever um grande benefício a «MAGAZINE». Não mereceremos a Torre e Espada, mas estamos certos de merecer a Torre e Limonada. O vencedor desta semana descobriu, com efeito, um novo refrigerante de forte sabor nacionalista e cuja matéria-prima é inteiramente portuguesa. Como é natural, espera-se que a industrialização da nova limonada venha ajudar a elevar o nível da nossa população.

O sr. Alberto H. da Silva (morador na Rua de Santo António, 171, 3.º, Porto) é o autor da proeza e comunicou-a modestamente com as seguintes palavras:

FADO é o sumo nacional extraído das cordas da guitarra.

Nada mais simples. Nem é preciso ter unhas. Basta esperar. Desta maneira nem custa acreditar no que nos garante o sr. Pedro Duarte Rodrigues (Lisboa):

FADO é a alegria dos tristes.

Não admira! Agora todos vamos ser ricos a produzir refrigerantes...

Mas não ficam por aqui as vantagens do Fado. Um dos nossos prezados leitores ainda o apresenta como medicamento para as enfermidades ósseas das emissoras radiofónicas:

FADO — receita o sr. Artur da Silva Martins, de Lisboa) — é um «calcio» que certos postos emissores «tomam» em demasia para combaterem a sua fraqueza.

Dá para tudo, não há duvida! E será mesmo uma canção, como também se afirma!

O sr. Manuel S. Neves deixa-nos muitas apreensões a esse respeito. Declara ele:

FADO é uma canção que só o é no seu ambiente; excepto o cantado por Amália Rodrigues.

Isto lembra-me aquela história do aluno que aproveitava todos os momentos para estudar, pois andava empregado. Uma das horas em que não dispensava os livros de estudo era a das refeições. Uma vez ruminava ele assuntos de física quando deparou com o axioma: O TRABALHO DESENVOLVE CALOR. Ora acontecia que nesse preciso instante metia ele uma colherada de sopa na boca. E estava fria. O nosso estudante voltou a ler o axioma: O TRABALHO DESENVOLVE CALOR. Voltou a provar a sopa. Fria, mesmo! Então começou a mexer o caldo com toda a força. Parecendo-lhe que já havia desenvolvido bastante trabalho averiguou o calor produzido. Caramba! Mas a sopa estava fria de todo. Repetiu a experiência, mas sem melhores resultados. Então largou a colher, puxou de uma caneta, debruçou-se para o livro e escreveu por debaixo do axioma: O TRABALHO DESENVOLVE CALOR a seguinte correcção genial: EXCEPTO NO CALDO DE NABOS.

Mas para continuarmos nas vias do nacionalismo. O sr. António Fernandes Caldeira (Moura) oferece-nos estas duas prendas:

1.º: FADO — a unica hipótese que no nosso País se tornou teoria.

2.º: FADO — palavra grave com que se tiram sons agudos.

Estou cêrto de que apresentando o nosso estimado leitor esta sua ultima descoberta ao juri do prémio Nobel não deixará de ganhar o respectivo prémio de Física. Será uma nova modalidade de transformar os sons graves em agudos sem a menor efusão de sangue.

O sr. João Ventura (Coimbra) produziu também uma afirmação nacionalista:

FADO — segundo este autor — é a desculpa nacional para as más coisas que acontecem na vida.

Não estou de acordo: as «boas» ás vezes também são Fado.

Segundo o mesmo tema, o sr. Mário Gonçalves Sena (Lisboa) contribuiu muito para o brilho da Filosofia Portuguesa ao enviar-nos êste postulado por cuja demonstração fica fiador:

FADO! Sem ele não haveria Portugueses.

E' de arromba! E é capaz de ter razão pois o sr. José António Cartaxo Vicente (Lisboa) afirma a mesmíssima coisa por outras palavras:

FADO — é a unica e melhor maneira de um português exprimir as suas paixões (geralmente perante várias garrafas que os esvaziam), quer na Pátria, quer no estrangeiro

A coisa é um pouco complicada, mas, se não erramos, há que distinguir no caso os seguintes aspectos:

1.º — o Fado é o órgão escretor das nossas paixões;

2.º — para não enferrujar necessita de ser lubrificado com vinho.

O sr. Domingos Mesquita (Lisboa) segue a mesma veia nacional:

FADO — narcótico nacional.

E agita-se antes de usar, senão não faz efeito.

Enfim, um bonito enterro. Como diz o sr. Eurico Baptista, de Lisboa:

Se fossem ao meu enterro,
o Futebol e o FADO...
piscava o olho ao coveiro
e dizia-lhe: Obrigado!

Ficava consoladinho, não é verdade? Até se esquecia que tinha falecido... E' quase da mesma opinião o sr. Silvestre Gaudêncio (Unhais da Serra):

FADO é como certos discursos: não enchem barriga, mas consolam.

Uma frase assim, sem reticências, tem um incalculável valor. A pena é nem todos estarmos de acordo em que o Fado seja o consolo dos aflitos. Parece-me que devemos aceitar a opinião do sr. Isidro Paulo Fernandes (Lisboa).

FADO é a arte de cantar sem conseguir espantar os males.

Se aceitarmos este princípio então teremos que emendar o velho rifão de que «quem canta seus males espanta». Os dois ultimos leitores que vamos citar (acabou-se o espaço vital e não temos feitio para conquistar mais pela força) concordam com aquele concorrente. O primeiro é o sr. Luciano Vitorino dos Santos (Lisboa):

FADO — o mais sublime gemido português.

Deve ser o de dor de barriga, com certeza. E' o unico gemido que conheço em ré maior e o ré maior preside sempre ás coisas sublimes. O sr. Carlos Manuel não põe em dúvida a minha hipótese e até acrescenta que de garganta não é:

FADO: expressão duma dor, menos a de garganta.

E para a semana? Para a semana fica a concurso a palavra

VINHO

Não faltará entusiasmo, estou certo. As respostas deverão chegar a MAGAZINE até ao próximo dia 2 de Maio, Rua Luz Soriano, 44 a 48.

Fim de semana feliz
Para onde vai amanhã?

Aparoceram-me em casa mal o dia era nascido, muito mal.

—Vai estar um dia de rosas. Vamos embora...

Arranjei-me á pressa, sumáriamente. O automóvel estava lá em baixo, acabaria de me preparar no carro...

Franqueza: estava a apetecer-me pouco. Programa para aquele domingo nem gravata, nem fazer a barba; ficar em casa tranquilamente, pôr umas leituras em dia, escrever cartas em atrazo. O Sol, o campo, o ar livre, sim senhor, eu sei! Eu sei e não me canso de progar nesta humilde tribuna. Mas ponham-se vocês no meu lugar seis dias por mares e ventos, dar uma topada e levantar uma procela, desamparados, entregues aos lobos... Quem não há-de chegar ao fim deles e ter vontade, sim, mas de mandar os passeios ás urtigas e ficar de cabeça repousada no seio do lar assobiando, o mais britanicamente possível, o «Home, sweet Home!»?

Mas aceitei. Em primeiro lugar, para não decepcionar os amigos; em segundo, porque sempre encontraria matéria para o conselho de fim de semana...

E lá fui. O automóvel digeriu com extrema simplicidade o macarrão sem fim das estradas. Bem pretendi eu saber onde me levavam, mas debalde! Segredo bem defendido.

Não tardou — era já dia — quando a luz se começou a fazer no meu espírito. Deixa ver... Eu conheço isto... Esta paisagem, esta volta aqui do caminho, este muro branco, até este letreiro gigantesco fazem parte da minha bagagem de recordações...

Fora de duvida! Aproximamo-nos da Figueira não tarda muito. O extenso e branco areal que se prolonga até Buarcos convidava-nos para um passeio de matar saudades — e lavar os pulmões alfacinhas. O mar, com sua escadaria de espumas, chegava até mim com a humildade de um cão rafeiro que vê tornar o dono de viagem. Via-se claro até longe — via-se tudo ainda mais real, embora uma nevoazinha, quase imperceptível, sublinhasse a distancia.

Em começo eu a erguer canticos de louvor ás praias portuguesas, que todos os Portugueses deviam conhecer. Sim, ela aqui um bom programa de férias: cada domingo, sua praia. Chega-se ao fim do ano e, se não se viram todas, consegue-se ao menos uma apreciável vista de conjuntos e ter-se-á ideia mais nitida da beleza do mar português.

De alma e olhos confortados tomamos, por volta do meio dia, o caminho do retorno. Precisava de estar em Lisboa cedo — e além disso, para mim, as viagens valem pelo tempo que se perde (ou melhor dizendo: se ganha..) no caminho. A árvore a cuja sombra nos detemos alguns minutos, o mirante natural á beira do caminho que solicita a nossa presença, a flor da cerma (papoilas, vejam só!) que nos pede boleia...

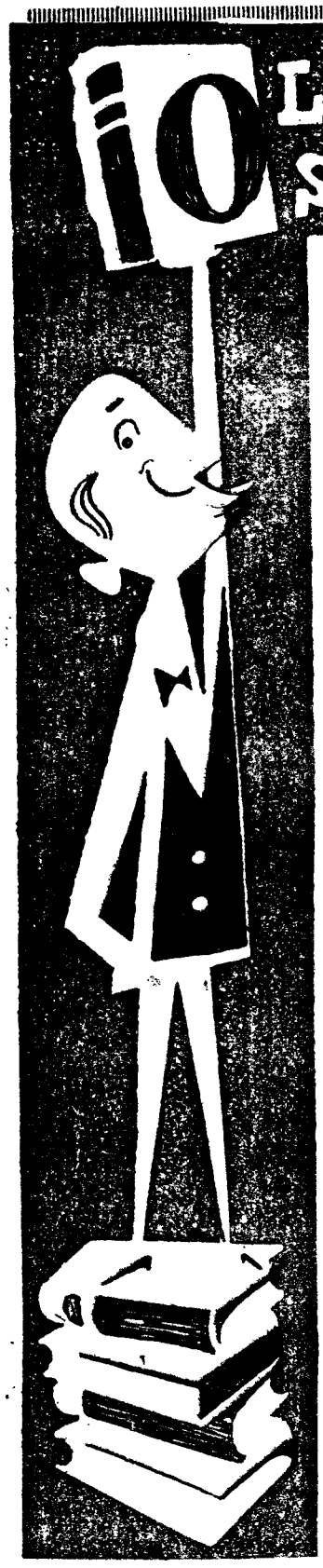
...Foi na capital, ao comprar o «Diário de Lisboa», que soube da tragédia da Figueira da Foz. Não posso descrever o que se passou em mim. Sou de uma terra onde casos de morte de homem nas ondas do mar constituem, por assim dizer, o motivo que constantemente se repete na sinfonia quotidiana. Acrescia que pouco antes da tragédia (minutos talvez) estivera eu em ameno diálogo com o oceano, falso como judas — sem saber que ali perto — 150 metros, dizem — a morte enchia a rede...

Vou eu desaconselhar os meus leitores de coleccionarem, nas férias, praias portuguesas?

Nada disso! Vou reforçar o conselho, pelo contrário com a sugestão de que, assim, poderão amar e conhecer melhor como vive e como morre — a 150 metros da coda! — o povo da nossa Pátria.

Este povo que é a unica, a verdadeira riqueza que possuimos.

CICERONE



Dos três livros que lhes vamos recomendar esta semana, pomos em primeiro lugar

Abadia do pesadelo
de **T. L. Peacock**

Eis um belo remédio para evitar pesadelos, arredar da cabeça as preocupações da vida. Lido ao sábado e domingo entra-se na semana seguinte com outra disposição para enfrentar mais uma semana de trabalho.

Não é remédio que tenha qualquer contra-indicação. Não produz alergias.

O segundo livro que lhes recomendamos vai proporcionar-lhes, estamos certos, um belo prazer espiritual. Referimo-nos a

Leonardo da Vinci e o seu tempo
por **Jaime Brasil**

Lê-se um verdadeiro romance histórico: está recheado de belos pormenores pouco conhecidos sobre a vida em Itália e em França nos tempos da Renascença. E além de tudo isto dá-nos um retrato verdadeiro e bastante amplo de Leonardo da Vinci, um daqueles raríssimos espíritos que, com inteira razão, merecem o título de «imortais».

Finalmente, vamos aconselhar-lhes uma obra cheia de delicadezas, de calor humano, de verdade e que se lê como quem conversa. E' o volume das

CARTAS
de **Katherine Mansfield**

cuja segunda edição acaba de sair, e que bem documenta o alto interesse que despertou no nosso público. Os apreciadores de «Diários» encontrarão nas «Cartas» de Katherine Mansfield o mais verídico e comunicativo dos «Diários». E' como se estivéssemos com alguém, e alguém que era um espírito superior.

Todos estes livros são publicações da Portugália Editora.

disco da semana

MENA MATOS

Sou do contra
Todas me querem

Cantigas ao desafio
Futebol

Columbia SLEM 2016

MENA MATOS vale por ele próprio, e vale pelos bocadinhos de oiro que nos faz reviver em todas as vozes que imita. Popularíssimo na Rádio, consagrado em todo o País, admirado pela espantosa classe do seu trabalho, ele tem sido (muito justamente, aliás) aplaudidíssimo em todas as suas actuações.

Este é o primeiro disco de Mena Matos, e nele se ouvem algumas imitações de categoria internacional. Temos, porém, de fazer uma advertência: não julguem que as vozes e os ruídos que vão escutar, intercalados com engraçadas canções, são as vozes das pessoas que todos conhecemos, ou os ruídos *reais* que parecem ser, hábilmente introduzidos no disco por algum truque de gravação. Por mais incrível que pareça, tudo isso é produzido pela mesma garganta do mesmo homem: MENA MATOS. São imitações excepcionais!

Temos a certeza de que vão apreciar este disco — **pelas magníficas** interpretações que aqui se apresentam, e pela extraordinária categoria deste artista.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97, Lisboa.

CRONICA DA RUA HUMILDE

A Filarmónica desce à Rua

Foi para mim aquele domingo um dia de trabalho duro. Minha avó dizia que de todos os crimes o maior era trabalhar nos dias assinados. E que quem o fizesse ao domingo, Deus Nosso Senhor espetava com ele na Lua, com um carrego de silvas ás costas. O primeiro que fez isso lá está para quem o desejar ver.

Desgraçado de mim, que toda a misericórdia divina, embora inesgotável, me parece insuficiente para amainar-me o pecado! os dias de repouso servem apenas para

me darem mais que fazer — não aproveito o descanso senão trabalhando...

A minha unica esperança reside em que Deus, atendendo á generalização do facto (haverá alguém com domingos e dias santos em Portugal!) lance uma geral amnistia que, por tabela, me alcance.

Dizia eu que naquele dia fui trabalhar desde quase madrugada até muito pelo sol dentro. Acabava de almoçar e fazia tenção de recomeçar a tarefa. Aí me tomou uma subita revolta e resolvi que não senhor!, um minuto de «detente» ninguém me roubaria.

Sento-me no cadeirão á beira da janela. Desdobro o jornal da manhã. Corro os olhos pelos títulos das notícias, á espera de alguma com poder bastante para me sugurar. Em vão.

Pouso-o sobre os joelhos. Olho para diante, sem nenhum objectivo. Para diante, que é muitas vezes a maneira de ver perto...

Inverno ainda, mas quem dirá! Um sol quente inunda a cidade. Um sol azul, pintado por mão de mestre (talvez a mão do da Josefa, que dizem ser o melhor artista pintor cá dos sítios!) arredonda o Mundo de esperança em melhores dias. As árvores ainda raquíticas de Monsanto sobressaem seu verde, que mal passa de um cinzento oliveirino, na mancha vermelha da serra.

Não prossigo. Baixei em terra, os olhos como que me ficam pesados dela, custam a subir, valem arrobas, os demónios! Acabo por lhes fazer a vontade e amarrar ali o burro...

De subito, estoira-me uma bomba nos ouvidos. Dou um pulo na cadeira, admirado de ver a casa em pé. Passam-me pela cabeça ideias absurdas, desencontradas. Espreito pela janela. O movimento é maior do que de costume. Grupinhos no passeio, meia duzia de rapazes gesticulando á porta do Galego. Sossego. Há em todos um ar de ignorancia. Sonhei, foi o que foi. Um pesadelo. Digestão mal feita. Excesso de trabalho, evidente. Bah! Tanta canseira é demasiada! Toca a vestir e espairecer. Ver os amigos, dois dedos de conversa. Lá mais para a noite, então, volta-se á carga...

Eu pronto a sair e novo estrondo a abalar os alicerces do Mundo. Um foguete. Foguetes em Lisboa... Admira-me a história. Desço. Encontro na rua, logo á saída, a senhora Arminda, que me esclarece:

—Foi o grupo daqui que subiu á primeira divisão...

Não percebo bem o que significa isto. Logo encontro, porém quem me explique. Fico a saber que um grupo estar na primeira divisão a jogar a bola significa que faz parte dos melhores de Portugal.

Os homens são nisto mais entusiastas. Dão grandes palmadas nas costas uns dos outros, entram no Galego a escorrupichar. As mulheres encolhem os ombros. Sorriem. Lá se entretêm, as crianças grandes...

Perto das três horas irrompe a banda da Rua Humilde. Doze figuras. O barulho que doze pessoas juntas podem fazer só visto! Atacam uma marcha popular. O povo gosta. Bate palmas...

—A filarmónica! O' Rita, anda ver a filarmónica! — grita uma voz de mulher, para dentro de uma escada.

Sim, filarmónica já houve. E boa! Depois, cada qual para seu lado. Dificuldades... Eram sessenta! Desses restam aqueles doze que de vez em quando se juntam. O povo continua a chamar-lhes pomposamente a filarmónica...

Como marcham bem! Firmes, direitos, passo medido, corpo gingando, ao baloiço da musica! A frente vai o velho Gonçalo, caldeireiro, um dos muitos aqui que se encontram em regime de semidesemprego. E' o saxofone. O garbo dele! Garbo a que nem a labita remendada nem as sapatilhas de carda meio desfeitas conseguem pôr mancha.

Passam agora por mim. Gonçalo pisca-me o olho, á sua beira um garoto dá «vivas» ao clube. Contente, o velhote. Puxa e repuxa pela gaita...

—O' Gonçalo! — pergunta uma voz de mulher — Subiram-te a féria?!

Não sei se o Gonçalo ouviu. Sim ou não, a filarmónica dobra a esquina, sempre garbosa e digna.

Era isto mesmo que ela queria para a filha...

... e conseguiu-o em poucas horas, utilizando a

BUSCH

máquina de tricotar simples ou super-automática

De grande facilidade de manejo e executando rápidamente todos os trabalhos de «tricot»

BUSCH

tem ainda a grande vantagem económica de se poder transformar em duas máquinas

Consulte os Representantes

AGENCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

GENERAL ELECTRIC

O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA

PORTA DE CONGELADORA A TODA A LARGURA

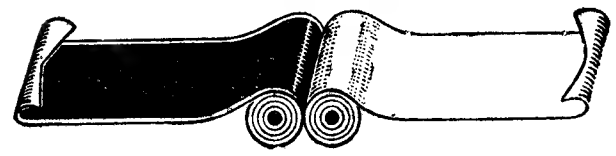
REGULADOR DE TEMPERATURA

PRATELEIRAS REMOVÍVEIS E AJUSTÁVEIS

aspirador GENERAL ELECTRIC

MOBILIDADE COMPLETA
EFICIÊNCIA ABSOLUTA
GRANDE SUCÇÃO
1 ANO DE GARANTIA E... QUE LINHAS MODERNAS!

A VENDA NOS AGENTES DA GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA



PAPEL ALCATROADO

É

JUTA IMPERMEABILIZADA PARA SACARIA
FARINHA DE PEIXE — ROLHAS — DISCOS
PÓ DE CORTIÇA, etc.

JUTALPA

Estrada de Odivelas, 3 — Telef. 910198

Maravilhas da Natureza

(Continuação da 1.ª página)

perguntas. Calcula que tem de passar-se pela rotina completa de um dia inteiro — comidas, estudo dos instrumentos, comunicações com a Terra, sono, etc. — nas condições da imponderabilidade (isto é, fora da acção da gravidade), para se conhecer, de forma exacta, como reagirá o ser humano ante as novas condições do espaço. Poderá dormir, poderá comer sem que os alimentos o repugnem?

O especialista, dr. Werner von Braun, propôs que se envie um homem num foguete Redstone, o qual, durante dez minutos se manterá nas condições mencionadas. Se resistisse sem dificuldade, faria logo uma segunda «viagem» de trinta minutos, num foguete intercontinental como o Atlas ou o Titan.

Finalmente seria posto num satélite que percorreria um órbita determinada, de um dia ou de vários.

Claro que se apresentariam numerosos e graves problemas. Por exemplo este: como se faria o regresso á terra?

A navegação sideral só será uma realidade quando satisfatóriamente se resolverem estes problemas. Os médicos que se dedicam ao asunto consideram-no de solução difícil. Só o tempo o dirá. Entretanto as experiências prosseguirão.

A mesa do café

(Continuação da 1.ª página)

ameaças que sobre a sua cabeça se encastelam ou dissipam. Como nos anos que precederam 1939? Espero que não, oro para que não. E' preciso que não.

E, contudo, agora como há vinte anos, as flores esperam a plena Primavera para desabrochar, os esposos desejam filhos, os bois lavram as terras para futuras sementeiras, as crianças crescem. Mas o aço, hoje como então, corre incandescente para os moldes e converte-se em armas, alinham-se as espoletas em arsenais gigantescos, telegrafam-se notícias alarmantes. Nas chancelarias, homens de boa vontade procuram fórmulas de conciliação. Na penumbra de certos gabinetes, porém, outros homens manipulam a engrenagem infernal dos seus ódios e ambições, planificam a rede das suas intrigas.

Entretanto, ali, no suburbio tranquilo, é a natureza que me fala na sua simples linguagem de paz: é o rio, a que os ultimos reflexos luminosos da Barra emprestam uma vaga fosforescência; são as curvas macias das colinas da outra margem, plácidas e benévolas; é a noite atenta e maternal. Para essa voz antiga, dirijo eu toda a minha sensibilidade comovida. Não sei por quanto tempo ainda ela se poderá fazer ouvir assim, límpida e segura. Como se nos convidasse para um diálogo.

A vida de Liszt

por GUY DE POURTALES

Franz Liszt nasceu sob o signo do cometa, na noite de 2 para 22 de Outubro de 1811. Era tão enfezado que não o julgaram capaz de sobreviver e, durante os primeiros anos foi preciso disputá-lo, sem descanso, á morte. Uma vez, ao regressar a casa, o pai encontrou a mulher prostrada de dor, junto do filho morto. O carpinteiro da aldeia tirou as medidas e preparou o caixão. Mas o pequeno Franz regressou á vida, ao contrário do que dissera o médico.

Estas perturbações duraram até aos seis anos; depois, a saude do pequeno consolidou-se.

Aos seis anos declarou aos pais querer aprender musica sem perda de mais um dia. Ouvira tocar o pai e fugira para o jardim, para reter bem o que acabava de ouvir. E á noite, cantarolou, sem se enganar, tudo quanto ouvira ao piano. Os pais tiveram um sobressalto.

No dia seguinte, Franz teve a sua primeira lição. A partir da décima não tinha já duvidas sobre as possibilidades do filho. Passava horas ao piano. E quando os pais pensavam ter nele uma criança dotada, apareceu-lhes um prodigio. Mas a saude frágil de Franz não suportou o estudo exaustivo a que o pai o obrigou. Mais uma vez o tiveram de disputar á morte. O pequeno venceu a crise, fortificou-se e cresceu. Voltou ás lições que tanto amava.

O primeiro concerto de Liszt foi um êxito. Mas teve um acesso de febre. Mas ali mesmo o pai combinou outro. Estava lançado, o pequeno Franz.

Percorre alguns países da Europa. Mas apesar de todos os êxitos alcançados, o carácter de Franz torna-se sombrio. Uma grande fadiga nervosa sucede a um trabalho excessivo e, no fundo, ele tem uma imensa necessidade de solidão.

Volta para Paris. Convidado para dar lições á jovem Carlina de Saint-Cricq, depressa se apaixona por ela. E é retribuido este grande amor. Na noite em que os dois jovens atingem um unissono perfeito, o conde de Saint-Cricq espera-o á saida:

—Senhor, sou-lhe devedor pelas lições conscienciosas que deu a minha filha. Mas o senhor considerará o seu casamento com Carolina, como eu considero, impossível. Além disso, minha filha desposará o conde de Artigaux, que eu escolhi para ela. Adeus, senhor».

Franz não vacilou. Saiu sem uma palavra. E nunca mais voltou...

Mais tarde, encontrou a condessa Maria d'Agoult, casada, atraente em demasia e de uma grande riqueza; Franz saira do primeiro êxito amoroso com a senhora de La Prunarede e pensava ser capaz de conquistar todas as outras. Com efeito, uma ausência de alguns dias fez o que Franz não soubera fazer. A paixão nasceu, assim, entre eles. Fogem os dois para Genebra e logo organiza uma vida terna e estudiosa Ele toca, ela escreve. Os meses passam. E não tardará muito que a família seja maior. Deste amor nasce uma menina — Blandine. Na sua alegria, Liszt dedica os SINOS ao bebé.

Voltam a Paris. Ali se toca boa musica e Liszt prepara a sua série de concertos. Nascem mais duas crianças. Mas o artista começa a frutificar; o homem não é feliz.

Os filhos de Liszt

Maria compreende. Irritam-se por tolices e excedem-se em ironias. Ela quer impedi-lo de andar pelos salões onde o convidam, mas ele passa sem a sua autorização. Ela trabalha, escreve e esconde os sofrimentos do seu amor próprio. Escreve o seu diário. Franz troça. O Verão envenena-os um contra o outro. Fogem, correm Mundo. Mas, finalmente separam-se. Franz tem a sua glória de artista e Maria os seus triunfos de mulher formosa.

Conhece então uma actriz alemã: Charlotte. Imediatamente se entendem, têm amigos comuns. Mas esta inclinação não impede que Franz se ligue a uma mulher de 57 anos que vive em Berlim: Bettina. O artista passa horas em casa dela, para a ouvir falar. Ele prefere a sua voz fanada ás mais vivas solicitações das jovens berlinenses.

Um dia, inesperadamente, dezasseis anos depois de a ter deixado, Liszt encontra Carolina. No dia seguinte, Franz fez-lhe uma visita. Pouco tinham mudado, nesses dezasseis anos. O contacto entre eles restabelecera-se, sobre o impossível. Carolina contou-lhe os anos de martirio que tinha sido este lapso de tempo. Mas Franz encontrou, nela, um amor místico, «uma fraternidade celeste», como ela lhe chamou. Foi o seu ultimo encontro, mas dele nasceu um dos mais belos «lieders», a que chamou o testamento da sua juventude.

Dois anos depois deste encontro, Franz encontra a princesa Carolina de Sayn-Wittgenstein. Numa hora sabem tudo um do outro. A princesa, senhora de grande fortuna, sente-se presa deste artista maravilhosamente feminino e influenciável, sobre o qual sentia poder tomar uma autoridade que o faria progredir. E cede a esta tentação forte.

Quatro meses permanece ele nesta felicidade, nesta adoração partilhada, no fundo duma solidão que é, para eles, que se amam, a mais urgente das volupias. A princesa trata do divórcio, pois em Liszt encontrara ela o seu senhor. E partem ambos para Paris, onde se rodeiam dos intelectuais e artistas da época.

Franz volta a ver os filhos, quando Cosima e Blandine têm já 16 e 18 anos. E umas belas raparigas que enchem o seu coração de orgulho. Sente-se feliz e embaraçado, diante destas duas beldades que deixara há tantos anos. Pensa em Maria d'Agoult. Aquela paciente enérgica refez verdadeiramente o seu nome e não é possível deixar de admirar a sua vida afastada, o coração tranquilo, o retiro intelectual que para ela criou. Muitos amigos lhe permaneceram fieis e vão visitá-la á sua residência particular.

Franz sabe tudo isto pela perceptora dos filhos.

Eis, em traços largos, o resumo da «VIDA DE LISZT», de Guy de Pourtalés, que Editorial Estudios Cor acaba de editar na sua excelente Colecção «Destinos», onde já foram publicadas a «Vida de Van Gogh», «Vida de Dostoiewsky» «Vida de Toulouse Lautrec», «Vida de Nipuski», «Vida de Isabel I».

Próximamente sairá a grande obra de Marcel de Brion, «A Vida de Atila».

UM VIAJANTE NO TEMP

Os pecados mortais não se podem medir, evidentemente, apenas pelos resultados; é preciso ter em conta as origens, os motivos, as causas e a sua virulência em matéria de tentação. Não basta condenar alguém por concupiscência; tais rigores ás vezes só atingem a vítima e não o verdadeiro réu. A matéria humana, o barro — como se diz em calaão de teologia — é frágil; quebra quando os ardores do forno em que o cozem são demasiado fortes; e quebram também quando vão muitas vezes á fonte. Esta ultima hipótese era a que convinha a José Gorani: vimos, na semana passada, como a tentação do Meio-Dia o fez dançar á uma hora da manhã, semi-nu, pelas ruas eriçadas de escombros da Lisboa do Terramoto. A culpa não era apenas dele. um dos responsáveis era o clima; e outro... Ah! o outro... Talvez ninguém (nem mesmo Camões) tivesse erguido tão acabados louvores em honra da tentação made in Portugal, como o Gorani. E' justo que as mulheres portuguesas o saibam e para que fiquem perfeitamente inteiradas do elogio não académico que provocaram, aqui lhes deixo uma parte das palavras de Gorani, na tradução do Dr. Castelo Branco Chaves:

IMPRESSÕES DUM ESTRANGEIRO

POR

AUGUSTO DA COSTA DIAS

«Quando deixei Portugal, onde tudo presagiava a minha elevação ás mais altas dignidades, todos os que me conheciam ficaram perplexos perante este voluntário abandono da fortuna que me sorria. Atribuiram uns o meu afastamento a uma intriga galante com uma princesa da família real, outro[illegible] mesm[illegible] com [illegible] ro Mi[illegible] tugal, apres[illegible] de; [illegible] Prime[illegible] pulos[illegible] dos s[illegible] cadas[illegible] Já [illegible]

POSTAL ILUSTR

POR

MANUEL AGRA

Sábado é o meu dia. Não o trocava por nada deste Mundo. Dia em que posso deambular, sonhar desprevenidamente, comunicar com as nuvens. Em resumo, como dizem os pequenos do nosso tempo: não fazer nenhum.

Eu, tão parcimonioso em dividir horas e minutos noutros dias, chego á manhã de sábado e parece-me que tudo antes não foi mais do que preparar as malas e agora, liberto dessa preocupação, me entrego inteiro á euforia da largada.

E para quê, afinal?

Ainda mal estou a começá-lo e já tenho saudades do sábado que há-de vir.

Quantas vezes para nada, senão para rondar o jardim em cujos bancos se encostam desempregados a quem já tudo vai faltando, incluindo a esperança. Senão para ver a teimosia charlatanesca dos vendedores ambulantes jogando ás escondidas com a Polícia. Se não para assistir á sopa dos pobres. Senão para ouvir uma história qualquer de uma boca qualquer...

Um dos pontos quase firmes do programa inclui a visita ás livrarias.

Começo por me pendurar da montra, a saber o que atrai e come o vulgo. A saber a cotação oficial (digamos assim) da literatura. Acabo por entrar e seguir direito aos cantos meus conhecidos. Abrir e fechar livros, umas linhas aqui, outras mais adiante. Coleccionar motivos de tristeza, afinal de contas.

Porque os livros são caros. Um livro francês, por exemplo custa em Portugal tanto como um dia de trabalho — e até dois. E' muito. Os Portugueses superiores a duzentas páginas vão pelo mesmo caminho. A pouco e pouco vamos ficando condenados ao suplício de morrer de sede com a nascente a dois palmos...

Não me hei-de esquecer nunca da cena: o homem da lancheira vira e revira nas mãos ainda moídas do ofício, «Quando os lobos uivam».

—Quanto é? — pergunta com voz segura.

—Quarenta escudos.

Torna a virar, torna a revirar. Chocalha, as moedas no bolso. Deita contas á vida. Deixa ver... A féria da semana são duzentos e setenta escudos. Menos quarenta, ficam duzentos e trinta. Tanto para isto, tanto para aquilo... Bom, o melhor ainda é conversar com o travesseiro, pensar melhor no assunto...

Torna a dirigir-se ao empregado:

—Por favor... Podia guardar-mo até amanhã?

—Pois sim.

Vai sair. Com passo incerto. Olhos adiante, olhos atrás. Quando se chega á porta, hesita. Depois corre a entregar as duas notas e receber o livro.

Quantas vezes isto foi comigo! Abre-se um livro, de poesia, digamos. Norge, para dizer tudo, aqui há dias. Lê-se um verso — oh, meia duzia de [illegible] aquele v[illegible] ções desm[illegible] da na vi[illegible] sufocarian[illegible]

E pront[illegible] a um dia [illegible] é nada e[illegible] como os [illegible]

Não é [illegible] muito. Ma[illegible] trar na ci[illegible] cura, afil[illegible]

E' o um[illegible] são meus.

TEMPO DE POMBAL—(2)

o Dr. Cas-
rtugal, on-
a minha
s dignida-
ne conhe-
cos peran-
ndono da
rria. Atri-
fastamen-
lante com
nília real,

outros com um imbróglio do mesmo género com a esposa ou com uma das filhas do Primeiro Ministro. Tontices! Em Portugal, a família reinante só apresentava modelos de virtude; a mulher e as filhas do Primeiro Ministro eram escrupulosíssimas no cumprimento dos seus deveres e assaz dedicadas a seus maridos.

Já indiquei a verdadeira causa da minha saída deste Reino. Não houve outra que não fosse a relutancia que senti por um país onde o despotismo ministerial fora levado ao extremo (...). Lá, os amores com as princesas reais ou com a esposa e filhas do Ministro eram quimeras que só pessoas absolutamente ignorantes dos costumes do país podiam imaginar.

E' certo que com as mulheres portuguesas as intrigas de amor são mais perdoáveis que com as mulheres de qulaquer outro país, pois incontestávelmente são as mais belas e sedutoras de todas as europeias. Nelas, as graças perduram além da mocidade.

As portuguesas, que em geral conservam as suas belezas pelos anos fora, durante a mocidade são muito belas. Não há País onde as mulheres se apresentem mais sedutoramente. Desconhecem as modas francesas e manifestam até certo desprezo por elas. Aliás, nenhuma mulher portuguesa estaria disposta a abandonar o trajo do seu País, que tanto a favorece e lhe realça a beleza e as graças peculiares.

Da cabeleira tiravam elas grande partido; usavam-na caída pelas costas ou então apertada com fitas ornadas de flores ou de diamantes. Emoldurava-lhes o rosto duas madeixas de cabelo, que bem mereciam ser cantadas por Pope, e onde também se viam aplicações de flores ou de diamantes. No alto da cabeça seguravam o cabelo com pentes ornados de diamantes ou então com guirlandas floridas. De manhã usavam umas capas que punham com uma graça tão particular que não havia estrangeira que as soubesse imitar. A' tarde vestiam a rigor. As mangas dos seus corpetes desciam até aos pulsos, mas tinham uma abertura pela qual se divizava a alvura, o contorno e a pele aveludada do braço. O seio andava coberto e apenas se vislumbrava o suficiente para desejar ver o resto, pois que as portuguesas possuem, em geral, um seio muito belo. Quando consideramos estes colos de alabastro e estes seios modelados pela mão benemerente da Natureza, ornados de colares, os pulsos de braceletes e a cintura igualmente enriquecida de ornamentos, as mãos sempre belas, quando tal considerámos, dizia, compreendemos imediatamente como tais mulheres inspiram aos homens tão violentas paixões.

Os homens, em Portugal, não me parecem (!) nem belos nem ao menos amáveis; mas as suas mulheres eram-no sem duvida alguma. Os olhos destas encantadoras portuguesas são negros e expressivos; os dentes brancos e regulares. Na sua conversação havia grande aprazimento e as maneiras eram afáveis, naturais e distintas. Falai a estas encantadoras criaturas e elas vos dirão que o amor abrasa mas é doce, que

arde mas não queima nem consome, que brilha sem cegar, purifica mas não destroi e que, por mais ardente, é sem pena que se sofre.»

Eis o verdadeiro testemunho de um Don Juan e de um turista. Turista já se percebe porquê: apresenta belas mulheres com um jardim de flores e diamantes nos cabelos, de colos ornados de colares, de pulsos tatuados de braceletes e de cintura franjada de ornamentos — e faz destes «pon-pons» de luxo o protótipo da mulher portuguesa... Eis um excelente funcionário de uma repartição de turismo do século XX!

Quanto ao Don Juan, não conseguiu furtar-se a mostrar o feitio: não contente com fazer um arraial festivo á Eva portuguesa, para acentuar maisas pinturas descaiu-se com aquele desabafo muito exclusivista. «Os homens, em Portugal, não me parecem nem belos nem ao menos amáveis». Em delitos de capoeira não causará admiração ouvir assim cantar um galo: é hábito.

USTRADO

travessei-
unto...
npregado:
uardar-mo

incerto.
ás. Quan-
ta. Depois
s notas

comigo!
esia, diga-
udo, aquí
- oh, meia

duzia de palavras! E de repente aquele verso assume proporções desmedidas ,subjuga-nos, manda na vida. Parece que sem ele sufocariamos...

E pronto. Paga-se o equivalente a um dia de trabalho, por algo que é nada e tudo, banal e essencial, como os olhos das crianças.

Não é muito, aceito. Nada seria muito. Mas ver assim a beleza entrar na circulação, na oferta e procura, aflige-me.

E' o unico senão dos sábados que são meus.

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

DEPOIS DE PRIMO MORTO

Acabo de passar pela transformação mais radical da minha vida. Tão grande que poderei considerar em mim duas existências divididas por um acontecimento que, á primeira vista ou seja, á vista desarmada e desprevenida, se recomendava por todas as banalidades próprias dos lugares comuns. Há lá coisa mais corriqueira do que a morte?

Toda a gente morre, não há duvida. Eis uma actividade em que todos os paroquianos acabam por votar no mesmo partido e pelo sistema directo, pessoal e intransmissível. Meu primo Salustiano não fugiu a este sagrado dever da cidadania. Morreu. Retirou-se da vida activa. Foi gozar três palmos de terra bem merecidos. Antes disso houve um enterro de primeira classe. Com discursos. Fraques. Sujeitos que pareciam figurinos sociais e que nunca supusemos conhecessem o nosso querido Salustiano.

Enquanto se aguentou na camara ardente, antes de o embarem estupidamente como qualquer burocrático encomenda postal (Via-Céu). Salustiano estava muito composto. Grave e solene, como um sujeito que tem uma importante comunicação a fazer. Nós é que não entendiamos o que pudesse comunicar-nos: esmagados pelo cheiro a cera derretida, só pensávamos no Sol, no ar livre — ambições galérdias que nos deviam envergonhar.

Claro que tinhamos uma desculpa: meu primo nunca tivera nada de importante a dizer á família, a não ser que, de ano para ano, os negócios estavam mais ruins. Nós sempre dissemos (e tinha o valor de lei): *ascético como Salustiano, poupado como Salustiano, previdente como Salustiano.* Por isso nunca o julgámos capaz de se abotoar com o mais insignificante dos Conselhos de Administração da mais misericordiosa das Companhias. Companhias, aliás, apenas lhe conhecemos uma: a da prima Alfredina, senhora de muitas virtudes e de muito buço, que aspirava pela restauração da monarquia.

O primo Salustiano, talvez para corresponder ás inclinações ideológicas da sua *companhia*, fazia todos os anos o discurso da coroa sobre *as privações, base da riqueza.* Em consequência disso, quando a desgraçada necessidade nos apoquentava (aí por volta dos dias 20) nós só nos lembrávamos do primo Salustiano e insistimos em que nos emprestasse a juros bastante altos, de forma a podermos auxiliá-lo na vida. E ele só aceitava depois de muito instarmos — quase á força quase de rastos.

Antes que ele se retirasse da vida, a avó Amélia resolveu antecipar-se na reforma mortal. Entregámos a Salustiano o carrego fatigante de levar a bom porto a herança da veneranda senhora. Ele chorou e arredando a comoção como se estivesse a passar a cabeça através de um reposteiro, Salustiano fez largas considerações económicas sobre a lei dos meios, falou sobre o augusto significado das heranças — o passado a continuar-se no presente, a tradição, etc. — falou contra a ingratidão, condenou a concupiscência do porta-moedas. Toda a família esteve de acordo em que só o primo Salustiano tinha cultura e sentimento para sobraçar a herança da avó Amélia.

Afinal o nosso ídolo familiar era completamente diferente do que nós sonhávamos—e ninguém sonhou sonhos mais puros do que nós todos! Afinal — e aí é que não nos perdoamos uns aos outros — só depois de morto é que conhecemos a vida do primo. Embora tivesse feito precisamente os setenta anos, a sua morte apanhou-nos desprevenidos. Que tristeza! Todos diziamos em coro: *que vai ser de nós sem o Salustiano?* E olhando a sua expressão grave na moldura do caixão, nós percebiamos muito bem que ele nos queria comunicar alguma coisa de excepcional importancia, talvez uma daquelas revelações definitivas que transforma a face do Mundo e obrigam os homens a ir viver para a outra face. Só no outro dia de manhã é que soubemos o que Salustiano nos queria dizer. Por sinal fui até eu quem abriu o jornal. Atordoado com o que lia, ergui os olhos para a família e ouvi dizer á tia Angélica: «Credo, menino, olho que ficas estrábico!».

E como eu não melhorasse, deram-me um copo de água, perguntaram-me o que tinha, justaram-me palmadinhas nas costas, disseram «coitado é o desgosto, ele era muito amigo do primo». Em ouvindo isto senti uma onda de revolta a exaltar-me e então ergui-me, afinei as cordas vocais, varri a família com um olhar dominador, e exclamei:

«Traiu-nos e traiu a pobre senhora!» — O meu tio Pedro mirou-me com vagares de clínico e como era um positivista quis saber o nome do traidor. — «O traidor? ,pobres almas ingénuas pois quem houvera de ser senão o Salustiano?».

«O Salustiano?» — lamentou-se a família, e parecia um coro grego. — «Tu estás doido!» — trauteou um solista. «Ai que ele está possesso» — doeu-se a tia Angélica. Eu deixei dizer os apartes que lhe deu na gana. Contra factos não haveria argumentos e eu tinha todos os argumentos na mão. Sim, eu tinha todos os argumentos na mão! E tinha ainda dentro de mim a gasolina de me sentir ludibriado anos sem conto. Quando já haviam esgotado os recursos parlamentares e caiu sobre a família um silêncio mortal, eu ergui-me novamente e, apontando com singular nobreza para o jornal, senti dentro de mim a alma de D. Afonso de Albuquerque quando garantia ao gentio que as páreas dele eram duras de roer. «Leiam!» — convidei. «Leiam!» — repeti. «Leiam!» — insisti, e com a fala embargada pela comoção, ainda consegui dizer: «Mistificou-nos a nós e traiu a pobre senhora. Afinal não tinha só a prima Alfredina, tinha muitas companhias». E chorava.

A família debruçou-se sobre o jornal, uma página inteira de um grande jornal da manhã, povoada de cruzes como um cemitério de guerra, e dedicada inteiramente ao nosso primo. A Companhia S. A. R. L., A Empresa S. A. R. L., A Sociedade S. A. R. L. — milhentas companhias anónimas — anónimas ainda por cima!—cumpriam todas, com a maior desfaçatez, o doloroso dever de participar que morrera o seu querido presidente do Conselho de Administração.

E esse presidente era o Salustiano! Como pudera ele esconder de todos nós tantas manifestações de erotismo económico? Eis um mistério. Mas interessa meditar sobre ele. Eu penso que a propaganda vale muito. No fim de contas, por forte que a coisa nos doa, a verdade é que nos deixámos encadear pela propaganda e o primo Salustiano era mestre nessa Arte. Tartufo tinha razão — é o que digo para a família e até a prima Alfredina concorda comigo. Salustiano possuia um verdadeiro narém, num século em que, entre civilizados, a poligamia é proibida.

DIOGENES

O OURO...

Esse senhor das vossas ambições

Boas tardes Maria José, boas tardes senhor de cara dura e de óculos carregados, de aros de tartaruga. E o senhor? Com este belo Sol de Primavera já é tempo de largar as pantufas e esse pigarro impertinente. Conversemos um pouco.

«Que belo o seu anel, Maria José. Como vocês, as mulheres, gostam do ouro...»

Escusado será falar. Adivinho aquilo que pensou.

«E os homens também».

Essa cor amarela e luminosa, esse brilho quente têm feito perder a cabeça a muita gente. Vá, não divaguemos. Não seríamos capazes de, de um momento para o outro, endireitar o Mundo. Outra vez o seu anel. Lembra-se de que se lava sem retirá-lo do dedo, lembre-se de que o sujeita todos os dias á acção dos agentes físicos. E ele não perde a cor, não perde esse brilho quente. Que aconteceria, Maria José, se o seu anel fosse de ferro, fosse de cobre. Ferrugem... Azebre... ferro e cobre, em contacto com o ar, revestem-se de uma película: castanha para o primeiro, verde para o segundo. Mudança de cor... Raspe, com uma espátula essa película, leve-a a um laboratório e espere pelo boletim de análise.

POR
MANUEL DO NASCIMENTO

«Oxido de ferro... Oxido de cobre... Novas substancias, propriedades diferentes. Estamos em presença de um fenómeno químico. O ferro e o cobre roubaram ao ar atmosférico parte do seu oxigénio, combinaram-se com ele. Mas o seu anel permanece inalterável. A acção dos agentes físicos não o marcou.

— Sim, senhor dos óculos de aros de tartaruga, sei que sabe de química. Sei que não podemos generalizar a experiência. A água régia, o mercurio, o cloro e o cianeto de potássio atacam o ouro. Era de uma vez o seu precioso anel, Maria José.

Agora uma pergunta impertinente. O que é um laminador? Sabem o que é um laminador? Com ele vamos demonstrar outra das propriedades do ouro Suponham dois cilindros, girando um sobre o outro, com um mecanismo que os afasta ou aproxima de acordo com as circunstancias. Um grama de ouro, espalmado no laminador, transformar-se-á numa folha com vinte e nove metros e oitenta centímetros quadrados de superfície, com a espessura de uma décima milésima parte do milímetro.

Agora, um pouco de história...

...O ouro

Na Idade da Pedra, na Idade do bronze, o homem não tinha preocupações com o vestuário, não ouvia rádio, nem ia ao cinema. Vivia o mais sumáriamente possível. Bastava-lhe uma pele para se cobrir, comia frutos que colhia sem o receio de ser visto pelo dono da propriedade, caçava os animais necessários ao seu sustento. Ele próprio confeccionava o vestuário e na sua casa, a caverna, não tinha a possibilidade de instalar um sistema de aquecimento. Fabricava também as armas com que se servia.

Mas o numero dos homens começou a aumentar e com esse aumento surge a divisão do trabalho. de caçador passa á pastorícia e desta á agricultura. Do acaso, da incerteza da alimentação, vai procurando um alvo. Necessita criar. Os gados vão dar-lhe alimentos e peles, o labor agrícola lhe vai aumentando actividades e géneros de consumo. Cada uma destas mudanças de vida originou uma mutação no padrão de troca. Primeiro as peles com que se cobria, depois o gado que apascentava e, por fim, os cereais que passou a cultivar.

(Continua no próximo numero)

A SOUPA DE TOUCINHO

Escaldar o toucinho. Meter em água fria. Colocar numa panela, o toucinho, as batatas, cortadas ou não, a couve também escaldada e um raminho de cheiros. Deitar água fervente e pôr sobre lume forte. Se fizer espuma, tire-lha. Tape, enquanto ferve, mas agora

em fogo lento. Isto durante três horas. Corte fatias grossas de pão, coloque numa terrina e deite um pouco do caldo. Na altura de servir, deitar toda a sopa. Tempere agora bem de sal, um pouco de hortelã e sirva. (Para que fique mais bonita a terrina, corte as batatas e a couve em bocados).

OS LEGUMES

Os legumes têm um papel de primeira importancia na alimentação; e cada vez o seu consumo é maior.

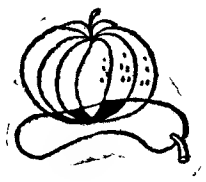
Os legumes contêm uma notável dose de sais minerais, notadamente ferro em

todos os legumes verdes; contêm, também, vitaminas indispensáveis a um bom equilíbrio organico.

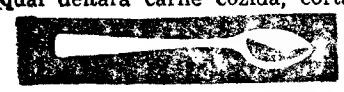
Os legumes podem ser preparados de diferentes maneiras e dão pratos muito agradáveis.

CARNE À DUQUESA

Faça um puré de batatas bastante espesso. Deite-lhe duas colheres de manteiga e dois ovos inteiros. Depois de bem mexido, coloque em volta de um prato de ir ao forno.



Forme uma coroa, na centro da qual deitará carne cozida, cortada



em fatias. Cubra a carne com o seguinte molho: escurecer uma colher de sopa de farinha em 40 gramas de margarina. Juntar três co-

lheres, também de sopa, de molho de tomate, 100 gramas de cogumelos picados, salsa e três dentes de alho picados. Deitar este molho sobre a carne, depois de ter fervido alguns minutos. Polvilhar com queijo ralado e meter no forno. Servir quente, acompanhando com salada verde variada.

OS MÔLHOS

Os molhos, são obtidos, geralmente, com leite e ovos. Pelo menos os mais vulgares: porque querendo complicar e refinar, temos ainda as natas, o «chantilly», etc. São alimentos delicados e muito nutritivos. Os ovos, com ou sem clara, com ou sem gema, não são indispensáveis. As claras, batidas em castelo, tornam os molhos mais leves e delicados.

Os molhos apresentam-se de diversas

maneiras: ou como acompanhamento ou como variante de um prato que já serviu ou como melhor efeito. Podem também ser servidos em molheiras ou pequenas tigelas de Pyrex, próprias para o efeito. Assim servidos, podem ser amornados em banho-Maria.

UM PUDIM INSTÂNTANEO

Preparar um pudim «Royal» de baunilha e outro de chocolate, seguindo as instruções do pacote.

Não deitar mais leite, para ser rápida a solidificação. Numa forma molhada e escorrida, deitar alternadamente, colheradas de um e outro das pudins. Meter no frigorí-

fico ou, não o tendo, fazer de véspera. Desenformar e decorar, em volta, com frutas cristalizadas de cores vivas.

QUER UM PRATO RÁPIDO, COM MÔLHO BRANCO?

Em pequenas tigelas de Pirex, deite umas colheres de molho branco ou Bechamel. Abra, por cima de cada uma,

um ovo bem fresco para ficar inteiro. Polvilhe (ou não) com pimenta e meta no forno, apenas o tempo de escalfar os ovos. E' um prato bonito que pode acrescentar um almoço, se os amigos vierem á ultima hora... sem prevenir.

SABE COMER
QUEM SABE ESCOLHER

nos restaurantes

BELO HORIZONTE
Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442

SOLAR BOÉMIO
R. dos Correeiros, 125-129—T. 28277

A GAIVOTA
L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21588

FLOR DE SÃO PAULO
Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 28017

TODAS AS VANTAGENS
DA COZINHA CASEIRA

e dum serviço rápido e económico

SABE COMER

Algumas verdades sobre as conservas

Não digo que se comam em vez de alimentos frescos. Mas as conservas têm o seu lugar, a hora própria, os dias em que podem comer-se. Já falámos, há dias, na substituição do óleo de fígado de

bacalhau mal tolerado, por sardinhas em azeite. Isto para as crianças.

Também no campismo, nos fins de semana, as conservas são uma boa companhia das donas de casa. Sobretudo se as visitas chegaram inopinadamente, se o peixeiro não veio, se chegou atrasada ao talho, se a criada saiu ou se a deixou na cidade e está sòzinha no campo, etc.

Sejam sardinhas, atum, ervilhas «foie-gras», podemos ter resolvido o problema de comer em qualquer lado, sem ter que fazer o que outrora faziam os peregrinos: esten-

der a mão de porta em porta, através das estradas...

Tenha na despensa uma provisão de conservas, sopas desidratadas e verá se tem receio de estar fora.

Mas, perguntarão as leitoras; comer muitas conservas não é perigoso? Não correremos o risco de nos envenenarmos, de desvitaminarmo-nos, de enfraquecer, de apanhar males de estomago?

Assim...
NÃO PODE TRABALHAR
...SEJA QUAL FOR A SUA ACTIVIDADE, TORNA-SE NECESSÁRIO O REVIGORAMENTO FÍSICO E MENTAL PARA O DESEMPENHO NATURAL DAS SUAS FUNÇÕES.
OVOMALTINE
ALIMENTO INCOMPARÁVEL DAR-LHE-Á A CONTRIBUIÇÃO DE EQUILÍBRIO ENTRE A FORÇA FÍSICA E A FORÇA INTELECTUAL
OVOMALTINE
DAR-LHE-Á FORÇAS
PRODUTO VENDIDO EM PORTUGAL PELA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PRODUTOS WANDER, LDA.
AV. SIDÓNIO PAIS, 24 ½ - LISBOA

Mas lembremo-nos que desde a antiguidade, os homens arrecadaram, de Verão, a subsistência para o duro Inverno. Para isso, usaram vários processos: salgaram, secaram, fumaram.

Já os Gauleses usaram, nas duras campanhas de guerra, carne em pó; e os Hunos, segundo se diz, conservavam a carne entre a sela e o dorso dos cavalos!

Com o correr dos tempos, novos processos apareceram para permitir á dona de casa conservar, de uma estação á outra, os vários alimentos. Nasceram as compotas e

os doces para conservar as frutas; a carne em gordura, os legumes em salmoura e as conservas.

As conservas são preparadas de modo a evitar a putrefação e matar os germes pelo calor.

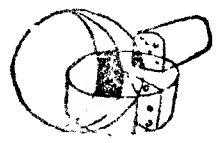
Claro que a dona de casa deve saber algo sobre as conservas que lhe permita saber se o que come, é bom ou não.

Os casos de intoxicação pelas conservas enlatadas, são, felizmente, muito raros. E' preciso examinar com atenção as latas: se não estão opadas, isto é, inchadas, se não produz gás ao abrir-se, se deita cheiro agradável — podemos comê-la sem receio.

Quanto ás vitaminas, é certo que, no princípio do nosso século,

os exploradores sofriam — e morriam até—pela prolongada absorção de conservas. Mas desde 1932, uma brigada de homens pôde viver, durante treze meses, apenas alimentando-se de produtos enlatados. Hoje, os produtos não são alterados pela esterilização, quando esta é feita em boas condições. Mas são condições que todo o conserveiro conhece.

Em resumo, se a alimentação não deve basear-se apenas em con-



servas, pode contudo, incluir uma grande parte delas, sem perigo. Podemos mesmo dizer que as conservas são preferíveis aos alimentos frescos, guardados por muito tempo...

LARANJA DO RAMO! LARANJA DO RAMO...

Fruta de sol, a laranja protege do frio. É vulgar dizer-se porque razão a laranja, sendo um fruto que refresca, não é um fruto de Verão. Mas tudo na natureza está certo. Está certo que as laranjas amadureçam no Inverno. As laranjas são uma fonte das mais ricas de vitamina C (ácido ascórbico), cujo papel é de capital importancia na resistência ao frio e ás infecções.

Da nascença á velhice, a laranja ou seus parentes — limão e tangerinas — pode e deve ser consumido em quantidade.

A laranja que nos veio da Palestina com os Cruzados, contém inumeras variedades, desde a laranja amarga de que se pode preparar vários doces, á laranja doce, amarela e sanguínea, da Espanha, de Malta ou da Africa do Norte.

A laranja fornece ao organismo, por cada 100 gramas: 51 calorias, 0,2 de ferro, 45 miligramas de cálcio e 21 miligramas de fósforo. Contém vitamina B1 e B2, é rica em vitamina A e, sobretudo, em vitamina C, como já dissemos.

Conforme a estação do ano, assim varia a dose de ácido ascórbico que a laranja contém, sendo mais rica no Inverno. A origem e o modo de conservação, têm influência, também. A pele tem tanta vantagem como a polpa.

O sumo de laranja, que tão bem completa a alimentação de lactente, deve ser preparado no próprio momento de ser consumido, para evitar a perda da vitamina C.

Como deve consumir-se a laranja?

— Em sumo puro: com água, gelo e açucar. Também se pode tomar em forma de ponche, ou seja a laranja quente.

— Laranjas frescas ou tangerinas cortadas ao meio e açucaradas.

— Salada de laranjas cortadas em rodelas finas e polvilhadas com «Rhum», «Cointreau» e uma pitada de canela; ou misturadas com rodelas de bananas, pedaços de peras bem maduras, e nozes partidas.

— Em compotas ou doces.

— Sobremesas variadas, com «suflés», tortas, «mousses», etc.

Qualquer bom manual de cozinha trata destas receitas de compotas e doces, «suflés», etc.

VERSO E REVERSO DA SEMANA

I

Nasser pretende dominar o Iraque ?
Foster Dulles agora deixa o leme ?
No caso de Berlim quem é que treme ?
Há crise ou recepção ? Haverá craque ?

Nas Antilhas uma ilha posta a saque ?
É pelo conde que a Soraya geme ?
Vale mais a B. B. ou a M. M. ?
Akihito fez bem em ir de fraque ?

Houve cinquenta mortos ? Dez feridos ?
Haverá reunião dos entendidos ?
Desta forma ou daquela ? E o que há mais... ?

...Livra ! Os leitores hoje devem ter
vasta cultura, para responder
às mil e uma perguntas dos jornais !

II

Há crise no Teatro e Cinema.
Crise na Rádio, na literatura,
na pobre da TV que há pouco dura,
no jornalismo, até, a crise é o tema...

Na Economia então a crise algema.
Crise nos preços que ninguém segura.
De oiro nos Bancos, crise de fartura,
em mim — é crise de penúria extrema...

Crise de vertebrais colunas rectas.
Até no futebol crise de atletas.
Farta crise moral se reconhece.

Neste país, em qualquer chão que pise,
não pode duvidar-se: quanto a crise
só a palavra CRISE a não conhece.

ALFA

OS ESCRITORES BRASILEIROS

(Continuação da 1.ª página)

cósmico, de apreensão da existência em si e nos seres que o rodeiam. Se, por vezes, esta poesia pensante toma o tom da máxima ou da exortação («Deixa que as coisas te interpretem,/que o vento sinta tua pele»), logo a imaginação plástica e dramática de Paulo Bonfim, transpondo as fronteiras da racionalidade, se resgata de tal cerebralismo pela cor, pela invenção, pela nitidez das imagens que contêm o segredo das coisas, alusões á unidade essencial do universo («Nos copos do veneno/sou olhos. / No laço das cordas / sou trança. / No fundo do abismo / sou música»).

Paulo Bonfim nasceu em São Paulo, em 1926. Aos 20 anos, publicou o seu primeiro livro — «António Triste» — poemas galardoados em 1947 pela Academia Brasileira de Letras, com o Prémio «Olavo Bilac». Em 1951, após uma longa pausa de conquista e ascese interior, Paulo Bonfim deu á estampa «Transfiguração», a que se seguiram novos livros de poesia: «Relógio do Sol» (1953), «Cantiga o Desencontro» (1954), «Poema do Silêncio» (1954), «Sintonia Branca» (1955), «Armorial» (1956), «Quinze anos de poesia» (1957) e, finalmente, em 1958, «Poema da Descoberta».

Paulo Bonfim, que também prepara um romance e escreve, intervalarmente, para os jornais, para a rádio e televisão, publicará um livro de «Sonetos», de que hoje trazemos dois inéditos ao conhecimento do público português.

Ao nosso questionário respondeu Paulo Bonfim do seguinte modo:

— *Acredita num valor ético da obra de arte?*

— O mistério da arte pertence a uma outra dimensão, no entanto acredito que esse mistério possa tornar o Mundo melhor.

— *Suas preferências no domínio literário, musical e plástico.*

— São tantas que não caberiam num questionário. Acredito que no homem moderno haja uma multiplicidade de facetas aparentemente desconcertantes e contraditórias. Tanto podemos navegar numa «Barcarola» de Rui Fernandes como nos submarinos metafísicos de Kierkegaard e Heidegger. Do mesmo modo podemos sentir uma velha ária medieval ou a música decafónica. Em pintura, seremos uns em face dos primitivos, e outros em face dos mais recentes caminhos pictóricos. A medida que nos descobrimos, descobrimos também a vida, sentindo que carregamos em nós as almas de nossos antepassados, que adquirem, através de nós, novas formas vivenciais.

— *Estará a literatura de nosso tempo destinada a sofrer uma concorrência de influências da rádio e da televisão?*

— A literatura que sempre expressou com fidelidade o seu momento histórico, tem hoje que se unir á rádio, á televisão e ao cinema, assim como a todos os progressos técnicos de nosso século. Acredito que esta fase de adaptação seja dolorosa, porém, indispensável. Se não nos prevenirmos, dentro de pouco tempo o Mundo mágico da ciência anulará o mundo mágico da poesia. O artista não deve procurar fugir da máquina, mas sim entendê-la e superá-la, rasgando novos horizontes em sua intuição criadora.

— *Que romance gostaria de escrever?*

— Um romance que tivesse como personagens as forças da natureza, e como cenário a alma do homem.

Dois sonetos inédios de Paulo Bomfim

Agora, peço muito que me ajudes
A retornar ao ponto de partida
Novos olhos revejam minha vida
Antes que ela transborde dos açudes.

Despirei nesse instante as atitudes,
Minha roupa de estrelas já serzida,
O chapeu de alvoradas e a esquecida
Capa de chuvas e de ventos rudes.

Comigo ficarão unicamente
Os versos que escrevi e as derradeiras
Flores que desfolhaste em minha mente.

Depois, no grande espelho, a tarde é calma:
— Saber que passo além destas fronteiras,
Com meus disfarces já cobertos de alma!

Jazo em mim modelando meus espaços,
Ninguém me conte a sombra e seus enredos,
Pois sei confiar na força destes braços,
E conduzir a argila além dos dedos.

Se a vida ainda retém sobre os penedos
O mistério sem luz dos astros baços
Que seja eu quem descubra esses segredos
E deixe o mar sem nuvens de sargaços

Mas, se a vida me esconde o que procuro,
E a voz do sangue espanta o desatino
Das formas deste espaço que procuro...

Invocarei aqui um céu mais forte,
Para que eu seja enfim o meu destino
E os olhos possam ver além da morte.

uns olhos meio doces, meio traiçoeiros, uma morena que adora a arte como aristocrata. Estavam radiantes.

—Vê lá se adoeces agora... Era o que faltava.

—Não penses nisso... — respondi-lhe num á-vontade pouco habitual em mim — primeiro porque não estou doente; segundo porque nem sequer me doe a cabeça. Não me apetecia sair... Tenho de arrumar uns papeis velhos, deixar tudo em ordem...

—Não me digas que estás a arranjar as malas!

—Ainda não. Tenho tempo até ao fim do mês.

—Mas pensas deixar a mina.

—Talvez...

—Não sei o que pretendes insinuar?

—Nada...

A mulher do Seabra fitou-me. Estava confundida. Aproximou-se de Janette e perguntou-lhe qualquer coisa. Seabra bateu com os dedos no tampo da secretária como se estivesse ensaiando, ao piano, uma melodia macabra.

—Mas é certo que estás resolvido a partir?

—Sim.

—E não posso saber porquê?

—Porque nunca seria capaz de trabalhar dirigido por ti. Esteve aqui um homem leal com quem me habituei a lidar. Não quero comprometer a minha vida na mina, nem a saudade que vou levar disto tudo.

Mordi os lábios. Vieram-me as lágrimas aos olhos. Continuei:

—Sei que darás um bom director, porque não és um técnico. Eu sou mineiro... As minas não acabam aqui no perímetro da concessão.

—Crias-me um problema. Tinha confiança em ti. A tua situação melhoraria...

—Acho que é melhor saires. Preferimos estar sós. Conta comigo até ao fim do mês.

* * *

O Seabra partiu amarfanhado e a Janette veio para junto de mim.

—Não esperava...

—Mas não esperavas o quê?

—Que fosses tão duro.

Sim, também eu não esperava. Contas velhas. Seabra sabia muito bem qual era a minha disposição. Desde o dia da sua chegada que nos olhávamos como dois galos em véspera de combate.

Depois da cena, sinto-me inferior. Os outros dirão da grandeza do meu gesto. Nada, nada disso. Soube-me bem mas não posso mentir a mim próprio.

Naquela noite do jantar em casa dos donos da mina vi uma das cenas de colégio que me marcou para toda a vida. Vi o Seabra esmurrar a cara dum negro, um infantil que ainda não tinha dez anos. Mas quem foi, quem foi que esbofeteou o Seabra... O Pira? O Rosado? Sim foi o Rosado e foi o Rosado quem não me deixou atirar-me a ele. Que não, que não valia a pena, que o Seabra já tinha a sua conta... Mas seria este ódio sem causa recente a razão de eu me despedir da mina? O pequeno negro... Os mi-

Cinicamente respondi que não valia a pena preocupar-se mais com o assunto. Mordi um lábio. Convencional, que «tipo» convencional que sou.

— Amanhã queria ir á cidade.

— A que horas?

— As horas que estiveres disponível.

A mina... Pensei no trabalho que teria de fazer de manhã. Continuar a ratificação do Grupo 3... A tarde: marcação da nova rede até aos registos do Vale

Podemos vir á tarde.

— Esteve cá o mineiro do contrabando. Não te esqueças de que vamos almoçar com ele

O Mota... Duas células de concentração avariadas...

—Tenho de ir á lavandaria.

— Vou contigo.

Levantámo-nos da mesa.

— Vou buscar o casaco.

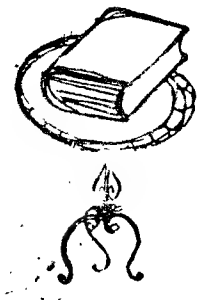
Anoitecia. Esperei a Janette no alpendre da casa de jantar. Correu para mim e deu-me um beijo na boca. Depois passou-me a mão pelo ombro. A lua espreitava por entre as lombas da serra. Uma lua vedada, alaranjada, de bazar chinês.

O rosto de Janette, iluminado, ganhava em harmonia.

— Olha para cima!

Fiquei algum tempo preso áqueles olhos luminosos. A seguir voltei-me para o lado da aldeia. Os contornos das casas, esbatidos, pareciam-me longínquos. «Cá estou como o Skalton, a reter tudos. Sim, levarei saudades. Saudades destes velhos casarões cinzentos, destes homens duros que são verdadeiros homens.

Fitei novamente Janette. E senti vontade, uma vontade que me custou vencer de contar-lhe tudo, de dizer que tinha beijado aquela mulher ousadamente loira, só porque nessa manhã em que partimos sózinhos para a cidade precisava de beijar alguém para abafar o ódio que tinha em mim próprio.



Um piloto que não regressou

POR
ALFREDO BRAZ

A nossa época está sobrecarregada de mitos e de símbolos. Tantos eles são, com tal rapidez se sucedem que a sua duração é cada vez mais efémera. O nome de Richard Hillary, piloto da R. A. F., morto durante um voo de treino, na noite do dia 7 de Janeiro de 1943 e autor de um dos mais importantes livros relativos á ultima guerra, começa a cair no esquecimento. E não é para admirar, porque os escassos dezasseis anos que medeiam entre a queda do «Spitfaire» pilotado por Hillary e os nossos dias é já um enorme período nesta época que parece apostada em caminhar para o abismo com uma velocidade supersónica.

O próprio Richard Hillary, como muito bem assinala o conhecido escritor Arthur Koestler, num curioso estudo dedicado á memória do jovem piloto, foi o primeiro a ter a exacta noção do valor simbólico do seu sacrifício, embora não tivesse conseguido saber muito bem o que poderia ele realmente simbolizar.

«Ora, a vida e a morte de Hillary foram de certo modo simbólicas e ele sabia-o — mas um símbolo precisamente de quê? Era isto que ele não sabia e teria gostado de saber» — escreve Koestler e, em confirmação do seu ponto de vista, transcreve o seguinte trecho de uma carta escrita pelo mesmo Richard Hillary:

«...Escrevo isto antes de ir deitar-me e sinto-me um pouco mal, pois soube hoje que Colin Pinckney foi morto em Singapura. Você não o conhece, mas conhecê-lo-á, e espero que gostará dele, assim que leia o seu livro. A sua morte é um «post-scriptum» perfeito e apesar disto levanta no meu espírito novamente a pergunta: Qual a responsabilidade que cabe ao homem que fica? Eu digo homem e não homens, pois sou agora o ultimo. É estranho que eu, que sempre dei menos, deva ser aquele que ficou Sinto-me perplexo...».

«Sou agora o ultimo». Mas o ultimo de quê? O ultimo dos combatentes? O ultimo dos pilotos da R. A. F.? Não! O ultimo de um grupo restrito: os universitários de Oxford e de Cambridge, os alunos selectos de despendiosíssimos colégios, os jovens que foram arrancados do seu comodismo, do seu snobismo, da sua falta de fé em si próprios ou em algo que os transcendesse, para serem lançados numa das mais cruentas e heroicas batalhas até hoje travadas em defesa da dignidade humana. E isto explica bem as perplexidades de Hillary, como também define a natureza do símbolo que ele incarna.

A juventude de Oxford e muito particularmente a do Trinity College, «espécie de incubadora de toda uma classe social, onde o autor de «The Last Enemy» esteve metido, era constituida por rapazes «quando não os mais ricos, sempre filhos de famílias bem acomodadas». É Richard Hillary quem no-lo diz no seu livro, dando-nos igualmente conta do estado de espírito da Universidade. «Os nossos horizontes não podiam ser mais limitados», escreve ainda Hillary e mais adiante acrescenta: «Faltava-nos um sentimento profundo capaz de arrastar-nos». Parecia haver neles, em contrapartida, um total desprezo por toda a cultura intelectual que se mostrasse interessada pelos grandes problemas humanos, um paralisante medo de ser ou de parecer sentimental — «todos julgavamos indispensável não nos deixarmos dominar pelas emoções e menos exteriorizá-las» —, uma completa indiferença pelos destinos da sua pátria e dos outros homens. E a actividade desportiva, as regatas, as clássicas competições Oxford-Cambridge, como válvula de escape para uma natural e generosa energia de animais jovens recalcada pelo snobismo, a descrença e o tédio.

Está claro que essa indiferença manifestada pelos mais acomodados universitários britanicos era mera aparência, porque a juventude nunca pode ser indiferente. Nem indiferente nem céptica. Mas desprezando profundamente o mundo mediocre a que deviam os seus privilégios e sentindo-se incapazes de desfazerem os laços que ele os prendiam, este jovens pretenderam ocultar o seu desespero com uma atitude despiciente, enfastiada e cínica.

Porém, nenhuma camuflagem intelectual conseguirá esconder a realidade da alma generosa e heroica de Richard Hillary aos olhos do mais desprevenido dos leitores de «O Ultimo Inimigo». Como poderia este jovem entregar duas vezes ás chamas o seu próprio corpo se ele não tivesse uma oculta e ardente fé na nobreza dos ideias por que combatia? E como de outra maneira compreender que ele tenha estimado e admirado acima de todos os outros amigos o jovem Peter Pease, o unico de entre todos que não se envergonhava de proclamar a sua fé e os seus ideais, o mesmo Peter a quem Hillary diz: «Numa época em que amar a pátria é vulgar, amar Deus é fora de moda e amar a Humanidade é sentimentalismo, você o faz».?

A primeira vez que se queimou o corpo do desditoso aviador da R. A. F. foi numa clara manhã de Setembro, após o combate com um «Mansserschmitt». Eram dez horas quando os altofalantes do aeródromo de Hornchurch, perto de Londres, transmitiram a ordem do chefe da base:

«Esquadrilha 603! Esquadrilha 603! Descole e patrulhe em circuito... Os pilotos receberão instruções no ar... Esquadrilha 603! Saia com a maior rapidez!».

Richard Hillary levantou com o seu «Spitfaire» e, depois de abater um aparelho alemão, teve de abandonar em pára-quedas o avião em chamas e foi cair no mar. O relato que no seu livro ele faz do tempo em que, graças ao seu casaco salva-vidas, esteve a flutuar no mar do Norte, é dos mais pungentes que tenho lido em toda a minha vida. A descoberta das mãos horrivelmente queimadas, a terrivel sensação produzida pelo Sol nas queimaduras do rosto, a cegueira que sobreveio e, por ultimo, a desesperada tentativa de apressar o fim abrindo a válvula do casaco salva-vidas, tudo isto é descrito com espantoso realismo.

Mas a tentativa de suicidio falhou em consequência de Hillary estar enredado no pára-quedas, o piloto foi salvo por um barco de reconhecimento e conduzido a um hospital onde lhe refizeram as mãos e o rosto.

Depois — e neste acto se contém a particularidade simbólica do caso de Hillary — insistiu para regressar á aviação, conseguiu iludir a inspecção médica e voltou a voar. Mas porque voltou ele? Porque voltou, apesar de suas mãos, que pareciam garras de aves, não terem força para accionarem o freio do avião e o trem de aterragem? Por quê, se os seus olhos, dotados de pálpebras artificiais, erravam a leitura do altimetro? Sim, por quê? Para «pagar tributo aos camaradas mortos», como ele próprio afirma no seu livro? Por «l'espoir de la fraternité», como ele diz numa das suas cartas?

Penso que só isso não bastaria para justificar um tal sacrifício, uma dádiva tão completa. Estou certo de que Hillary voltou por fidelidade ao mundo de Peter Pease, um mundo juvenil e integro que sabia ter de aceitar com coragem, lucidez e decisão, em nome da liberdade e da dignidade da pessoa humana, o desafio que lhe fora lançado por uma outra juventude fanática e brutal. E nessa luta terrivel os jovens de Dunquerque e da batalha de Inglaterra, e entre eles os aparentemente céptico universitários britanicos, mostraram ao Mundo que valiam bem mais do que os seus orgulhosos desdenhadores.

Richard Hillary morreu, em consequência de um inexplicável acidente fé na nobreza dos ideais por nocturno, com a idade de vinte e três anos. O seu corpo foi completamente consumido pelas chamas, mas o seu admirável sacrifício deverá permanecer como um símbolo e um exemplo.

ALFREDO BRÁS

ÚLTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL, LDA.

A vida quotidiana no tempo de Joana D'Arc
por MARCELIN DE TOURNEAUX

OS PIONEIROS
por JACK SCHAEFER

leia
(não pode deixar de ser)

Próximamente, prepare-se para a novidade :
CALÍGULA seguido de O EQUÍVOCO
por ALBERT CAMUS

XVI

O José da Burra trouxe-me esta tarde uma carta. Fiquei a olhá-lo por algum tempo. Bom velho. Os seus olhos brilhantes espreitam-me sempre, debaixo do chapéu. Uma espera um tanto maldosa. Nunca me deixa sem que eu rasgue o envelope. Às vezes faço-o como se as mãos fossem garras de Ave de rapina. E ele fica a olhar-me. Se esboço um sorriso levanta um pouco a cabeça e os olhos brilhantes e negros parece que lhe saltam das abas do chapéu, e atira:

—Boas novas?

Hoje, nem uma palavra. Amarrotei o envelope... Partiu. Nem uma palavra... Subiu a encosta de cabeça baixa. Ainda o quis chamar para que bebesse um copo de vinho. Encolhi os ombros.

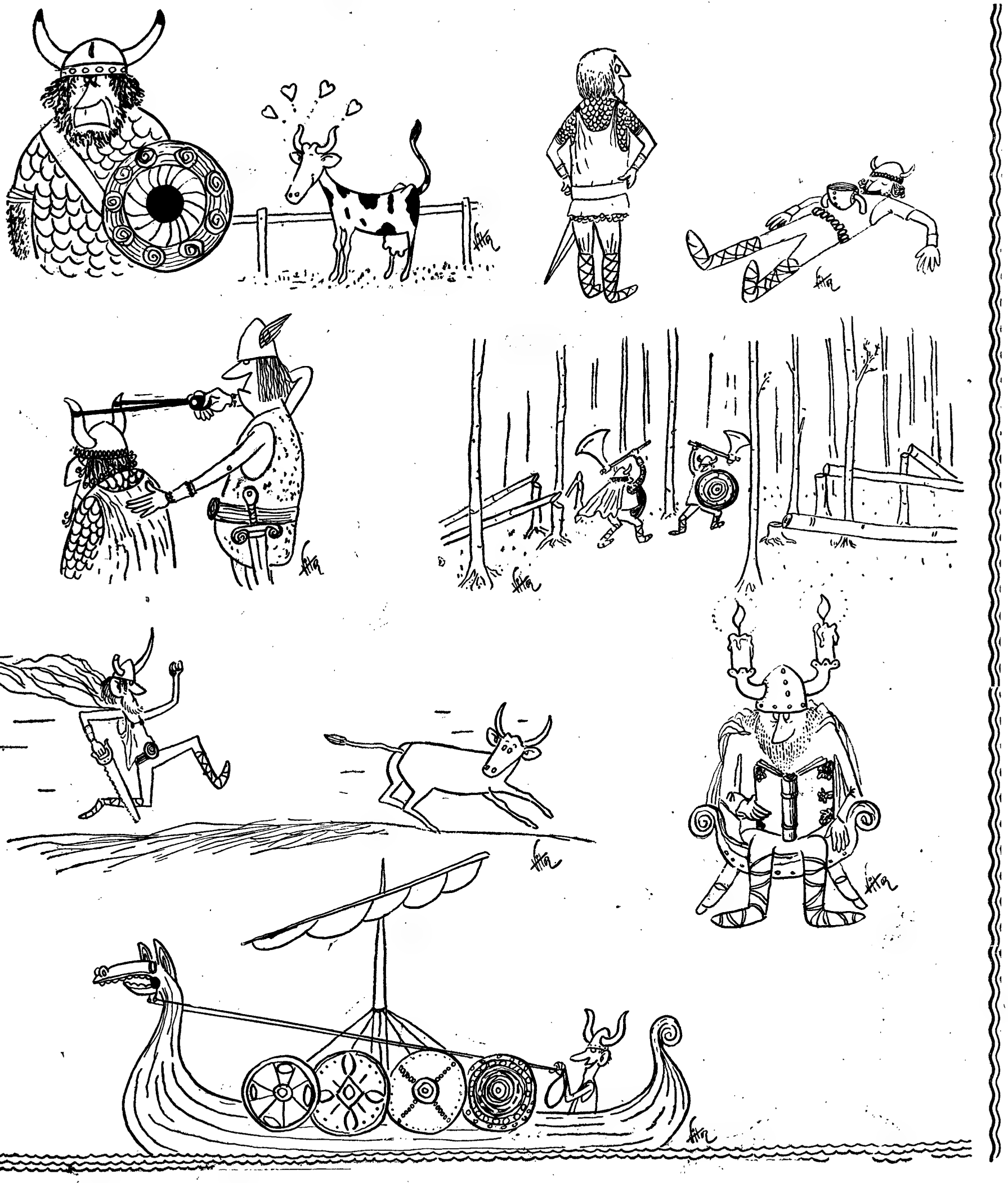
Uma carta da sede da empresa... Nomearam o Seabra director da mina. Irritei-me. Não porque pretendesse o lugar. Sinto-me satisfeito por não ser da confiança dos homens da administração. Um director de uma mina é uma espécie de capataz-geral. Quase nunca um técnico. Metido na engrenagem, um mineiro para si deixa de ser um homem, transforma-se numa unidade. Põe os olhos no unico deus que existe na mina... a administração. Sente-se senhor e culpado de tudo... E não quer ser culpado. Espremer como uma prensa hidráulica, arranja complexos. Não, não quer ser culpado de tudo. E' preciso fazer melhor e fazer melhor, para o director de uma mina, é aumentar a produção. Aperta... Gostaria que as horas tivessem cento e vinte minutos e que o estômago dos homens fosse mais pequeno. Os mesmos olhares do Silva, quando os mineiros vencidos de cansaço, largam as brocas ou as picaretas...

* * *

O Seabra esteve em nossa casa esta noite. Mandou-me chamar por aquele escombreiro que sofre de asma. Mandei-lhe dizer que me doía a cabeça, que não sairia. Veio com a mulher. Uma morena languida com

Os Vikings

por Vítor Milheirão



CRÓNICA CINEGÉTICA

E' necessário facultar às venatórias

meios com que possam proteger a fauna indígena

O estado, verdadeiramente pudendo, a que chegaram, no Continente, os assuntos relacionados com o fomento e protecção cinegéticos, muito especialmente no capitulo da fiscalização, leva-nos a abordar de novo este problema, que alguns consideram momentoso dado ter sido há pouco na Assembleia Nacional, o fomento piscícola. A caça é irmã gémea na desventura da fauna das águas interiores do País. **Aguarda, há anos já, medidas que evitem o total exterminio de tão grande riqueza nacional. E' que as** medidas proteccionistas que vêm sendo tomadas para a proteger resumem-se a pouco mais de interditar o exercício da caça em grandes extensões territoriais retardando o período venatório ou antecipando o defeso, medida que embora louváveis á falta de outras, são cumpridas apenas pelos poucos que respeitam a lei.

Do estado de abandono a que, por carência de vigilancia nos campos e de legislação punitiva devidamente actualizada, se permitiu que chegassem as águas dos rios e ribeiros do nosso País tratou a Assembleia Nacional. Vótos sinceros fazemos para que, em relação á fauna piscicola não fique apenas no decreto. E o que nos parece digno de salientar é que tudo quanto se disse naquele areópago sobre as formas de destruição, verdadeiramente vandálicas da riqueza piscícola pode aplicar-se, sem grandes diferenças, pois a havê-las serão para agravar o cáos, á fauna cinegética. Para destruir as espécies ictiológicas todos os processos servem desde o emprego dos produtos altamente tóxicos, á rede e á poluição das águas com manifesto despreso pela lei e pelos legítimos direitos do nosso semelhante e até, acrescentemos, da alimentação das populações pobres das regiões onde tais poluições se verificam com frequência que não pode nem deve tolerar-se por mais tempo.

Com a caça sucede precisamente o mesmo. Armadilhas, produtos tóxicos, furão, rede, caça em tempo de defeso, etc., tudo isto e o que fica por dizer por demais conhecido e sabido de todos aqueles que a estes assuntos dedicam atenção, serve aos vandalos para a destruir.

Regiões onde o uso do furão não é nem deve ser permitido, dada a reconhecida escassez de coelhos, são assiduamente percorridas e dizimadas, com o uso da rede ou a tiro. Num á-vontade que arrepia e confrange, desde a abertura da caça ás rolas, para a prática da qual se concede demasiada liberdade de acção, especialmente nos terrenos do Alentejo, atenta a compungente e precaridade da fiscalização e da importancia, simplesmente irrisória, da multa que aos vandalos será aplicada caso sejam encontrados a prevaricar, o que só muito raramente se verifica, destroi-se a caça selváticamente em todo o tempo e em todo o País. Pode mesmo afirmar-se sem receio de errar que para muitás centenas de individuos não existe defeso nem leis.

Por outro lado, nestes ultimos 30 anos, o numero de praticantes, devidamente documentados, do exercício venatório subiu astronómicamente em relação á protecção que é dispensada á caça, enquanto a área livre de caçar foi sensivelmente reduzida, e ainda o está sendo, pois de então para cá foram submetidos ao sistema de reserva de caça do regime florestal muitas dezenas de milhar de hectares de terreno. Estas reservas porém, ao contrário daquilo que muita gente propala, não evitaram a descida apavorante e sempre crescente de densidade de espécies indígenas, parecendo portanto necessário instituir reservas exclusivamente destinadas a fomentar a caça. As que existem, entre nós, não têm essa finalidade como muito bem se sabe; de admirar é portanto, que se tente desvirtuar a verdade dos factos. Dizer-se que se não houvesse coutadas já não havia em Portugal caça é filosofia da mais inclinada a falsear a verdade dos factos. Constitui flagrante sofisma dizer-se que se não houvesse coutos não tinhamos caça. Coutos, sim, mas coutos no verdadeiro significado do termo é que se tornam necessários e não monopólio de uma coisa nacional em proveito apenas de alguns.

Em 1926, ano em que a submissão de terrenos ao sistema de reserva de caça, tomou apavorante incremento no nosso País, o numero de licenças de caçar emitidas era de 50.000. Deste numero 30.808 pertenciam ao Sul e as restantes, 19.192, ao Norte e ao Centro, dado que, cinegéticamente, o País estava dividido apenas em duas regiões com igual numero de comissões venatórias regionais. O numero das licenças emitidas nos ultimos dois anos aproxima-se de 140.000, verificando-se assim um aumento de 90.000 licenças, bastantes das quais, no entanto, servem só para dar a cães de luxo a categoria de caça. Deve ainda salientar-se que o numero de licenças aqui referidas não representa, o numero de caçadores existentes no País, que é, cremos, menor do que o numero de licenças emitidas embora saibamos que há muitas centenas de furtivos, havendo também, em contrapartida, centenas de licenças em nome de individuos que não exercem a caça.

Não há fiscalização porque as venatórias não podem mantê-la aturadamente

Para que possa haver vigilancia nos campos tanto no período de defeso como na época venatória, como muitas pessoas preconizam, no sentido evidente de coibir os abusos que se praticam em toda a parte e em todo o tempo, mesmo na época das criações, torna-se necessário dispôr de uma rede de fiscalização que actue persistentemente, quer de dia quer de noite. Sendo de 273 o numero de concelhos de que o nosso Continente se compõe, parece que não seriam demasiados 1.700 guardas o que daria uma média de 6 por cada concelho. Mas quanto custava a manutenção de um corpo de fiscais com este numero de unidades? Para as possibilidades dos caçadores portugueses uma quantia verdadeiramente astronómica, incomportável com os proventos da maioria esmagadora destes desportistas, pois é de cerca de 20.000 contos anuais, o que equivale a dizer que cada caçador teria a pagar, com destino á fiscalização, cerca de 2.500$00, anualmente! Comparada esta quantia com a que hoje pagamos para as venatórias, 20$00, a diferença é grande, convenhamos.

Mas não comportando a magra bolsa da quase totalidade dos caçadores portugueses, alguns dos quais fazem da caça modo de vida e outros buscam nela parte importante do seu sustento, o pagamento daquela quantia, só possível a magnates ou reis de qualquer coisa, vamos deixar exterminar a fauna até ao ponto de não ficar no Continente um exemplar de coelhó, lebre ou perdiz nos terrenos onde, por óra, é lícito a todos caçar? Vamos permitir que o problema se agrave ainda mais e que os vandalos continuem desenfreadamente a campear, exterminando tão valiosa riqueza publica? Mesmo os que auferimos proventos mais modestos não podemos continuar a regatear a nossa justa contribuição para se pôr termo ao estado, simplesmente vergonhoso, que o problema venatório português atravessa, com tendência, sempre crescente, para se agravar se não se poder pôr fim ou pelo menos diminuir a nefasta acção do exército de depradadores que, confiados na impunidade que resulta da precaridade de meios de defesa e protecção da fauna, podem continuar a agir na maior parte das vezes impunemente.

Teremos, pois, nós os caçadores, de contribuir com uma importancia considerada razoável a fim de proporcionarmos ás Comissões Venatórias os meios económicos que lhes facultem o desempenho, tanto quanto possivel cabal, da sua missão que nem por ser exercida gratuitamente deixa de ser espinhosa. Se não podemos manter em cada concelho 6 elementos fiscais — e em muitos deles este aparentemente elevado numero seria manifestamente insuficiente para incutir algum respeito á avalanche selvática que impera na maior parte do País — façamos o que for possivel fazer para que em cada concelho possa haver pelo menos 2 fiscais. E já teremos dado um passo em frente. Tal como nos encontramos, com menos de uma centena de guardas da caça para fiscalizar 273 concelhos, não dá outra perspectiva se não de agravamento.

De restò, se quisermos ser coerentes, o que para muitas pessoas é difícil, calculemos a quanto montavam os nossos proventos, em 1934, ano da publicação do Código vigente, e a quanto se elevam hoje. Quanto custava 1 quilo de pólvora, 1 de chumbo, 1 cento de cartuchos, uma caixa de fulminantes; por quanto se vendia 1 coelho, uma lebre e uma perdiz, e, finalmente, o custo da licença de caçar em 1934 e presentemente. E depois raciocinemos...

NABAIS DA CUNHA

FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem redução em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

BÉLGICA

LIÈGE — (de 25 de Abril a 10 de Maio de 1959).

BRUXELAS — (de 30 de Abril a 11 de Maio de 1959).

FRANÇA

PARIS—(de 1 a 18 de Maio de 1959).

ESPANHA

VALÊNCIA — (de 1 a 20 de Maio de 1959).

SUÉCIA

GOTEBORG — (de 2 a 10 de Maio de 1959).

Pedir esclarecimentos:

—na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio).

—nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

LIVROS NOVOS

«Vida do Padre Francisco Xavier», por João de Lucena

Em nova edição actualizada na grafia e na pontuação, publicou a União Gráfica o 1.º volume da biografia do grande missionário do Oriente, editada pela primeira vez em 1600 e escrita pelo Padre João de Lucena. E' assim posta ao alcance mais fácil do publico estudioso esta obra erudita em que se documentam aspectos primaciais do esforço português em terras orientais durante o século XVI, sobretudo no capítulo da evangelização. A edição é gráficamente sóbria, criteriosamente organizada e de leitura sugestiva, que as anotações judiciosas e oportunas facilitam.

«Situação Jurídica das Misericórdias Portuguesas», por J. Quelhas Bigotte

O autor, doutorado em Direito Canónico, apresenta neste estudo, que foi editado sob patrocínio da Fundação Gulbenkian, uma exaustiva análise histórico-jurídica sobre os fundamentos legais da acção das Misericórdias em Portugal e a natureza destas instituições de assistência á face do Direito. As relações entre as Misericórdias e a Igreja são, também, meticulosamente estudadas pelo dr. Quelhas Bigotte que, nas conclusões do seu trabalho, defende a tese da salvaguarda do carácter religioso das Misericórdias e propõe a elaboração de um acordo entre a Igreja e o Estado ou «Código das Misericórdias», sobre as matérias em divergência.

«Lisboa, cidade das mil cores»

A Camara Municipal de Lisboa editou em volume de valiosas colaborações e elegante estrutura gráfica um documentário sobre a Lisboa de hoje, em síntese do passado e do presente, rematando com um guia prático de indicações úteis sobre a cidade. Escritores, jornalistas, pintores e decoradores trouxeram o seu contributo a esta obra que bem revela as preocupações culturais e turísticas dos dirigentes do nosso município.

«Ovar turistica, comercial e industrial

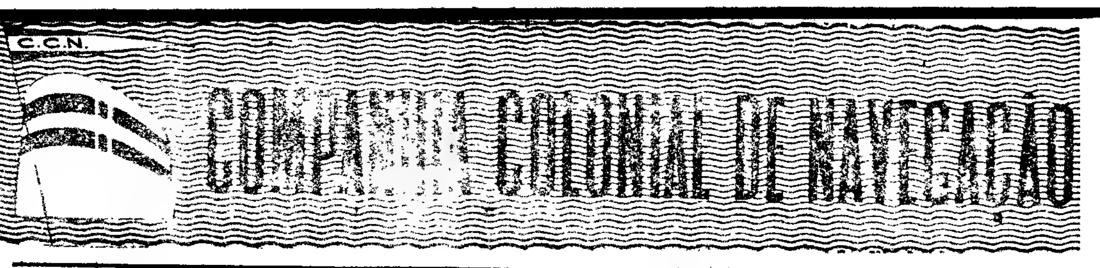
Com o patrocínio da Camara Municipal e Junta de Turismo organizaram José Penicheiro e José Maria Graça um sugestivo guia do concelho e vila de Ovar nos mais variados aspectos do seu património artístico, paisagístico e cultural e das suas actividades económicas. O volume insere numerosas fotografias e desenhos alusivos, colaboração cuidada e informação local e regional copiosa.

«Epopeia do Emigrante Insular», por Mota de Vasconcelos

Jornalista e publicista de vasta obra, consagrou-se Mota de Vasconcelos, nos últimos tempos, á consagração do esforço dos emigrantes da Madeira e dos Açores, que têm levado para terras remotas e, em especial, para as Américas, o seu trabalho e as suas virtudes portuguesas. A obra agora publicada sob aquele título, com informação ampla e muitas vezes de largo interesse geral, escrita com vibração e entusiasmo e documentada com valiosos depoimentos, fica a constituir um elucidativo património de referências sobre a emigração insular e o seu significado nacional.

«A preparação profissional na industrialização da construção civil», pelo eng. Manuel Bravo

Em separata da revista «Técnica» publicou o sr. eng.º Manuel Bravo, assistente do Instituto Superior Técnico e engenheiro-chefe de uma grande organização construtora, este oportuno estudo sobre formação profissional especializada. E' opinião justificada do autor que a industria de construção civil não tem acompanhado na preparação de mão-de-obra nem na técnica as exigências profundamente transformadas dessa actividade no nosso tempo. Depois de analisar a distribuição da mão-de-obra em Portugal, o volume da construção nos últimos anos e a distribuição das escolas profissionais, o eng.º Manuel Bravo define as bases de um plano de industrialização da construção civil e da formação dos quadros que hão-de servir o seu desenvolvimento. O presente estudo tem interesse relevante para os vastos sectores técnicos e industriais da especialidade.



PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PATRIA» 27 de Abril	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário).
«UIGE» 11 de Maio	Com escala prévia por Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçâmedes. Carrega em Lisboa de 4 a 6 de Maio.
«LUANDA» 18 de Maio	Com escala por Leixões, para: S. Tomé (se necessário), Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala. Carrega em Lisboa até 16 de Maio.
«AMBOIM» 23 de Maio	Com escala por Leixões, para: Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçâmedes. Carrega em Lisboa até 21 de Maio.
«IMPÉRIO» 29 de Maio	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário). Carrega em Lisboa de 24 a 26 de Maio.
«VERA CRUZ» 20 de Junho	Para: Luanda e Lobito. Carrega de 14 a 17 de Junho.
«UIGE» 27 de Junho	Com escala prévia por Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçâmedes. Carrega de 19 a 22 de Junho.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 29 de Abril 25 de Maio (ás 12 horas)	Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 19 de Maio 19 de Junho (ás 16 horas)	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

[illegible] 63 — Telefs. [illegible] — PORTO Rua Infante D. Henrique, 9 — Telf. 23342

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇOES E IMPOSTOS — Estão a pagamento durante o mês de Abril corrente, as seguintes:

Contribuição Predial — A segunda prestação trimestral sem juros de mora e ainda a primeira prestação com juros.

Contribuição Industrial — A segunda prestação trimestral sem juros de mora.

Imposto Profissional, Profissões Liberais e Assalariados — A segunda prestação trimestral, sem juros de mora.

TAXA MILITAR — O pagamento voluntário da taxa militar é realizado em qualquer tesouraria da Fazenda Publica dos concelhos ou bairros. A respeitante aos individuos recenseados nos *concelhos de Lisboa e Porto* só pode ser paga no bairro fiscal a que pertence a freguesia recenseadora, quando o interessado o não pretenda fazer *noutro concelho*.

O pagamento da taxa será efectuado nos meses de Abril e Maio, sendo a anuidade, actualmente, de 60$00.

No Ultramar o pagamento será feito durante os mesmos meses de Abril e Maio nas competentes repartições dos Serviços de Fazenda.

Os residentes no estrangeiro que peçam o adiamento de incorporação efectuarão o pagamento no consulado respectivo, no acto da apresentação do requerimento feito para aquele fim.

A anuidade da taxa militar é de 120$00 para os refractários, compelidos ou para aqueles mancebos que faltarem sem motivo justificado á inspecção, quando, como resultado dela, fiquem isentos, adiados ou destinados á organização territorial do Exército.

E' permitida a remição de todas as anuidades vincendas a qual beneficiará do desconto seguinte:

1 anuidade se o numero for de 5 a 7;
2 anuidades se o numero for de 8 a 11;
3 anuidades se o numero for de 12 a 16;
4 anuidades se o numero for de 17 a 20;
5 anuidades se o numero for de 21 e 25.

LICENÇA DE COMÉRCIO E INDUSTRIA — Encontra-se a pagamento nos Paços do Concelho durante o corrente mês de Abril ou em Maio e Junho com juros de mora.

O tempo e as culturas

De um modo geral, as condições do tempo durante os ultimos dez dias, continuaram a ser favoráveis ás diversas culturas, segundo informa o Boletim Meteorológico para a Agricultura, editado pelo Serviço Meteorológico Nacional. Os favais, as culturas cerealíferas e as forragens apresentam melhoria no seu aspecto vegetativo; no entanto o vento forte que houve por vezes prejudicou as árvores de fruto que se encontram na fase de floração.

Continuaram a efectuar-se os trabalhos agrícolas próprios da época, tais como a plantação da batata, grão-de-bico e chícharo, cavas e empas nas vinhas, sementeiras de milho, mondas, limpeza dos olivais, etc., e, sempre que possível, a preparação das terras para as novas sementeiras. Em algumas regiões, como prevenção contra os ataques de míldio, tem-se procedido aos tratamentos anticriptogamicos nas vinhas e nos batatais.

A REEDUCAÇÃO da voz humana pelos processos da técnica moderna

O problema da reeducação da voz humana, pelos processos da técnica moderna, focado pelo «Diário de Lisboa», a propósito da acção que vem sendo exercida em Portugal pela sr.ª D. Leonor Viana da Mota, a quem a Fundação Gulbenkian facultou a especialização no estrangeiro, tem merecido a atenção das entidades oficiais e a reeducação fonética pratica-se, com êxito, também nos Hospitais Civis de Lisboa.

Dessa missão está encarregada a sr.ª D. Irene Mercier, foniata e ortofonista, que exerce a sua actividade, há seis anos, no Serviço 8 (Otorrinolaringologia), do qual é director o sr. prof. Carlos Larroudé. Estudou em Inglaterra e França, frequentando, em Paris, a Faculdade de Medicina e a Sorbonne, onde estudou nos centros especializados hospitalares, bem cómo em Madrid e Barcelona. Sob a sua direcção, faz-se a reeducação de laringectomizados (pessoas ás quais é extirpada a laringe) e tratam-se outros defeitos da voz e da fala, como disartrias, dislálias, dislexias, disforias, gaguês, etc. Alguns casos interessantes foram apresentados pelo prof. Larroudé na Sociedade Médica dos Hospitais.

ANTIGOS ALUNOS do Liceu Gil Vicente

No dia 3 de Maio realiza-se, ás 12 e 30, no Liceu Gil Vicente, o 22.º almoço anual de confraternização dos antigos alunos daquele estabelecimento de ensino. A inscrição, que pode ser feita pelo telefone 24429, encontra-se aberta na Rua da Prata, 252.

FÁTIMA

EXCURSÃO EM MODERNOS AUTOCARROS

Dias 12 e 13 de Maio

Informações e inscrições: R. Jardim do Regedor, 35 — LISBOA

Telefones: 30971 e 30972

Ainda os mosaicos de Ravena...

Conforme referira aqui (v. *Magazine* de 14 de Março), tão escassas e infimas haviam sido as notícias da grande Imprensa diária alfacinha acerca da vinda a Lisboa da magna exposição dos mosaicos de Ravena, que, mal me constara a inauguração — nas salas do S. N. I., me apressei a deslocar-me á luzente capital, expressamente para contemplar a maravilha, — não fosse ela, na mesma atmosfera deploravel de silêncio jornalístico, levantar voo sem que eu tivesse conseguido pôr-lhe a vista em cima... Não me explico ainda este espantoso silêncio quase sepulcral da parte de jornais que diariamente noticiam, com a maior diligência, as mais microscópicas ninharias, tratando-se de um acontecimento artístico-cultural, sem duvida o mais transcendente da temporada. Felizmente que esse olvido imperdoável não impediu o publico, decerto informado por outras vias casuais de acorrer continuadamente a admirar as coisas maravilhosas que a seus olhos ali se ofereciam. De facto, durante as três tardes em que ali passei várias horas seguidas, não vi, de entre a multidão que afluia, constantemente, quem não se mostrasse positivamente encantado com o que contemplava. Homens, senhoras, novos e velhos, raparigas, rapazes, operários, estudantes, gente de todas as classes e idades, culturas e condições, vi desfilarem pelas duas grandes salas parando, examinando, extasiando-se, perguntando para se esclarecer, consultando o catálogo com interesse cultural visível pelo que ali se apresentava. E a mim, aparentemente simples mirone como eles, não foram poucos os que, ouvindo acidentalmente o que eu dizia a um ou outro amigo, me dirigiram perguntas a que eu respondia, elucidando, como me era possível, sobre os pontos das observações que expressavam. Em todos esses três dias me aconteceu o mesmo, estando a explicar a alguém certos pormenores, terem-se ido agregando em redor caras atentas, de ouvido á escuta, que se não esquivavam, com pleno assentimento meu, a formular perguntas de quem queria elucidar-se; e assim, várias espécies de pequenas prelecções me vi forçado, gostosamente, a debitar a esses grupos de improvisados alunos, com proveito de que se me confessaram gratos... A dois velhos amigos em particular, que o acaso me deparou ali uma dessas tardes — (eles aí estão que o possam dizer, — o engenheiro Manito Torres e o dr. Fernando da Silva Correia, especialista-mor *in rebus* da misericordiosa D. Leonor rainha — tive eu, como se fossem dois escolares absolutamente incipientes e insipientes nas coisas musivas, de começar por dizer que o que ali estavam vendo eram réplicas ou cópias-decalques em mosaico, feitas com a mais conscienciosa minucia técnica pelos mosaistas da Academia de Ravena, cópias de pormenores—, minusculos ou mais ou menos vastos, até á reprodução integral do grande painel de Teodora e sua corte, — dos mosaicos que decoram interiormente a meia duzia de edifícios monumentais que há em Ravena, — obras dos séculos V e VI da nossa era, e de cujos assuntos e outros pormenores lhes dava o catálogo os indispensáveis esclarecimentos, tanto na *introdução* do superintendente prof. Bovini como nas notas do dr. Burgada, o ilustre director do Instituto Italiano de Cultura, verdadeiro arauto da *mostra*, relativas a cada um dos painéis. E, nestas perfeitas réplicas-decalques se podiam observar certos pormenores que, em Ravena mesmo, não era possível examinar nos originais, pela distancia ou semi-obscuridade da sua situação.

Evidentemente porém que, para a devida compreensão cultural de cada um dos painéis ali expostos, indispensável se tornava enquadrá-los no sítio e no tempo a que dizem respeito. E assim, para este duplo fim, tive que explicar aos meus amigos certas coisas, que, retrospectivamente embora, não quero deixar de consignar aqui — para elucidação de quantos admiraram as maravilhas, — se porventura ainda de tal carecerem.

Ravena, no tempo do Império Romano, era uma cidade de província, onde o caracter da decoração musiva que pela primeira vez ali aparece na basílica catedral do bispo Ursus (falecido em 395), não passaria de ser o tradicional do mosaico romano em todo o império, apenas porventura com certa feição regional já. Nada resta hoje dessa obra primeira que todavia não devia ter deixado de influir, como exemplo ou escola, durante os séculos que durou (até ao século XVIII). Da mesma data persistiu porém (ou só de um meio-século mais tarde (do tempo do bispo Néon, — donde a designação de *neoniana)* a decoração do *baptisterio* dessa catedral católica, chamado *dos Ortodoxos*, a que fora adaptado, para tal fim, um antigo ninféu de umas termas próximas, e do qual uma bela fotografia mostrava o interior, permitindo assim localizar devidamente as réplicas expostas. Era porém, a essa data, já a época em que, dividido o Império, Honorio, no Ocidente, escolhera Ravena para capital. Ora em Ravena, por morte de Honorio, o trono passara a seu sobrinho Valentiniano III, o filho de sua irmã Galla Placidia, que, em nome dele, ficara sendo a verdadeira imperatriz desde 425 a 450, ou seja durante precisamente, o 2.º quartel desse século V. Poucos meses porém antes de Honório sucumbir, Galla, por desavença com ele, exilara-se em Constantinopla — Bizancio com o filho; e, regressando sofrera uma grande tempestade no mar, erigindo a seguir em Ravena a votiva igreja de S João Evangelista cuja decoração musiva, da qual nada subsiste já mostrava a dita tempestade. Junto do seu palácio em Ravena elevara porém Galla um outro pequeno templo, de que faria finalmente o seu *mausoléu*, decorado interiormente pela forma especialmente admirável que o impõe ainda como um dos primores da arte musiva ravenata genuina, e precisamente deste segundo quartel do século V. (Belas grandes fotografias davam ideia deste monumento, tanto exterior como interiormente, permitindo assim localizar devidamente os pormenores que nada menos de nove painéis exemplificam admiravelmente)

Posterior de uns cinquenta anos ao Baptisterio da catedral e ao mausoléu de Galla Placidia é a decoração da pequena *Capela Arquiepiscopal* também chamada *Oratorio de Santo André*, seguramente do período do bispo Pedro II, (494 a 519), e da qual o catálogo informava sobre os 13 curiosos pequenos painéis expostos, havendo a acrescentar-lhe o painel supranumerico, com um medalhão representando Cristo jovem.

Por volta do ano 500, findo porém já o império e sendo rei de Itália o ostrogodo Teodorico o «Grande», fizera este construir para os subditos da sua seita ariana, uma catedral própria, dedicada ao Salvador, decorando-a magnificamente: na nave central, com três ordens sobrepostas de mosaicos que subsistem ainda, salvo a amputação sofrida na zona inferior, mediante a passagem dessa catedral ariana ao culto católico, em 526, por ordem de Justiniano ao bispo Agnello, com o sumptuoso duplo remendo bizantino: da teoria de virgens-mártires no lado norte, como que a sairem do porto de Classis, conservado, e indo, precedidas dos 3 reis magos, levar presentes á Virgem-Mãe, entre dois anjos de cada lado, em seu trono, com o menino no colo, tal como a mostrava o painel 33, e do cortejo dos santos que, precedidos de S. Martinho, *o martelo dos pagãos* a quem a igreja era dedicada, avançam no lado sul, como que a sairem do palácio de Teodorico, que se conservou, para irem levar as suas homenagens ao próprio Cristo intronizado entre dois anjos de cada lado, ao fim em face de sua divina Mãe referida. Assim, aparte esta bizantinice de enxerto, tudo ali é, do primeiro jacto, ostrogodo-ariano-ravenata; e pois os painéis das réplicas n.os 35 e 36, respectivamente da *Pesca Milagrosa* e da *Traição de Judas*, que ainda se admiram nessa igreja, hoje chamada de *Santo Apolinario Novo*, desde que (séc. IX) nela ficaram abrigadas as relíquias do patrono da cidade...

Assim como um ninféu de termas fora adaptado a baptisterio da catedral ortodoxa (ou católica), um ninféu similar se adaptara a *baptisterio dos Arianos;* imitação decorativa daquele, não servil, porém e com menor sumptuosidade e sensíveis diferenças derivadas certamente da diversidade de doutrina.

Contemporanea porém da referida transformação católico-bizantina da velha catedral ariana, eis em Ravena a igreja, de S. Vital, retintamente bizantina pelo plano e pela decoração, mandada fazer em 526 pelo bispo Ecclesius, á imagem e semelhança da igreja octogonal dos santos Sergio e Bácho que vira em Bizancio, e terminada uns vinte anos depois, pelo bispo Maximiano que a consagrou em 547.

E' entre as maravilhas desta unica e modelar igreja bizantina octogonal, que se puseram, face a face, na capela principal, os dois monumentais painéis, de Teodora imperatriz e seu marido Justiniano, em meio dos respectivos sequitos. A réplica perfeitissima do enorme painel de Teodora dá bem ideia desta sumptuosidade, no seu tamanho natural.

O mesmo Juliano Argentario que suportara o financiamento da construção deste majestático templo, financiara também a construção dum outro, o mais vasto da cidade, no bairro *de Classe*, mas ainda assim, *fora de portas*, no próprio sítio onde Santo Apolinário, discípulo de S. Pedro e primeiro bispo de Ravena, sofrera o martírio, e donde mais tarde no século IX, pelo perigo das invasões sarracenas, as suas relíquias seriam transportadas para a igreja de S. Martinho, passada desde então a chamar-se de Santo Apolinário Novo, como já foi dito. Começada em 534, pelo bispo Ursicino, o sucessor de Ecclesius, e terminada ao fim de oito anos, em 542, esta magnífica basílica de *Sant'Apolinário in Classe fuori*, (como se lhe chama pelas razões sobreditas), só veio a ser consagrada em 549, dois anos após a igreja de S. Vital e pelo mesmo bispo Maximiano. Da sua magnífica decoração musiva de várias épocas, não subsiste, devido aos transtornos vários por que o templo passou, senão o austero e grandioso mosaico da abside semi-esférica, do período inicial, de que uma excelente fotografia dava a vista integral e cinco painéis-réplicas davam pormenores do maior interesse. Sobre o carácter especial destes mosaicos, os ultimos cronologicamente dessa grande época, nada mais elucidativo e justo do que estas palavras do autorizadíssimo prof. Giuseppe Bovini:

«Se se compra a decoração em mosaicos da abside de S. Vital á de Santo apolinário in Classe, aparece nitidamente que esta ultima não conserva já nada dos elementos típicos das obras de arte bizantina, apesar da tendência inegável á esquematização das formas. De facto, pela vigorosa composição do conjunto e pela simplicidade das cores, ela pertence manifestamente á escola ravenata».

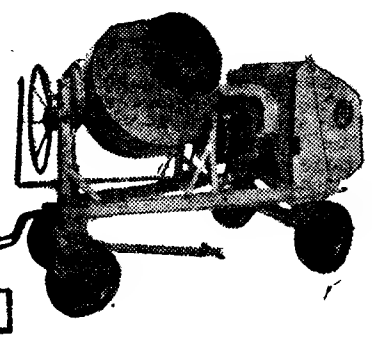
Todavia *mosaicos bizantinos de Ravena* fora o título que encimava o catálogo e provocara o meu espanto, fazendo-me suspeitar de insipiência o redactor português... Afinal (sei-o agora da fonte genuina...) tal designação, conscientemente defeituosa, por excesso e defeito ao mesmo tempo, não visara ser senão um chamariz, pela campanula fascinante do *bizantinismo*... Se este relevavel expediente reclamístico, de resto dispensável, surtiu algum efeito atractivo sobre o grande publico, ficou, todavia, inane, ao que se viu, sobre a grande Imprensa quotidiana, á qual a exposição passou infelizmente quase tão despercebida como se... jamais tivesse existido ali nas salas do S. N. I....

FRANCISCO FERNANDES LOPES

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM GUINCHO DE 180 E 210 L.ts

ACCIONADAS POR MOTOR PETTER DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

AA LISBOA

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 5 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9

STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO OURO, 38 — LISBOA — TELEF. 66478

Que aroma! Aprecie o café moendo-o na ocasião

Moinhos Peugeot

PEDIDOS A Standard Electrica

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

Uma sombra de dúvida

NARRATIVA DE FULTON OURSLER

HA' quase cinquenta anos, foi levado ao tribunal um jogador, acusado de tentar desfazer-se do seu pior inimigo. O resultado desse julgamento foi uma verdadeira reviravolta do tribunal — exemplo clássico de defesa criminal e da aplicação de recursos legais, exactamente quando a causa parecia perdida.

* * *

No dia vinte e três de Maio de 1910, uma segunda-feira, o advogado John O. Yeiser leu num matutino a notícia de um atentado contra a vida de um poderoso e influente político local. Chamemos-lhe Jack Plenister. Antigo jogador, beneficiava, no momento, da posição de chefe de um grupo político e dizia-se que recebia uma percentagem por todos os jogos de azar num raio de oitocentos quilómetros á volta de Omaha, a cidade do Oeste norte-americano onde tudo isto aconteceu.

Precisamente ás duas e cinquenta da tarde anterior, Jack Plenister, no regresso de um passeio, viu uma maleta á entrada da varanda da sua casa. Quando se dispunha a apanhá-la, reparou num fio branco que se estendia da fechadura da maleta até ás grades da varanda. Telefonou imediatamente á Polícia.

Os «detectives» que acudiram ao seu alarme recortaram a tampa da maleta e encontraram lá dentro um revólver, com o fio amarrado ao gatilho e colocado entre vários cartuchos de dinamite.

Lendo bem o noticiário dos jornais, John Yeiser ficou com certas duvidas. — Por que motivo teriam deixado assim tão á vista aquele fio branco esticado de um lado ao outro da varanda? — As dúvidas do causídico aumentaram ainda mais, quando os vespertinos nesse mesmo dia anunciaram a prisão de um indivíduo suspeito.

Quem seria o autor do atentado a dinamite e qual o motivo? O detido era um tal Frank Erdman componente insignificante de um bando de jogadores. Pouco tempo antes envólvera-se em discussão com Plenister e, por esse motivo, fora expulso da quadrilha —. «Ainda descontente, sedento de vingança!» — explicou a Polícia.

Naquela mesma noite, John Yeiser foi á cadeia local e ofereceu os seus serviços graciosos a Erdman. Este, porém, limitou-se a abanar a cabeça, tristemente:

—Não adianta nada—observou—. Tudo está contra mim! A verdade é que eu odeio Jack Plenister. Além disso, não tenho qualquer alibi: fiquei no meu quarto até ás ultimas horas da tarde de ontem, mas ninguém me viu lá. Não tenho amigos, nem testemunhas, nem dinheiro para pagar a fiança. Isto é uma conspiração para se livrarem de mim! E' melhor o senhor não perder tempo comigo!

No entanto, John Yeiser tomou a defesa de Erdman e, quando o caso foi posto em juizo, manifestou ao seu constituinte a certeza de que, pelo menos, conseguiria dividir a opinião do júri.

—Eles não têm documentos bastantes para provar a sua culpa, «em sombra de dúvida»! — afirmou.

E manteve essa confiança inabalável, mesmo depois de sete testemunhas, uma após outra, jurarem ter visto Erdman nas proximidades da casa de Plenister, momentos antes do aparecimento da maleta. Na sua inquirição, Yeiser forçou cada uma das testemunhas a admitir que tinha ligações pessoais com o sindicato do jogo e, portanto, o seu interesse no caso.

Foi, então, que o promotor chamou as duas testemunhas principais — duas raparigas irmãs.

Todas as pessoas presentes no tribunal estavam cheias de curiosidade sobre as moças, pois todas as sete testemunhas declararam que viram duas pequenas vestidas de branco passar diante da casa de Plenister. O depoimento das duas irmãs foi simples, directo e implacàvelmente condenatório.

No domingo, vinte e dois de Maio, tinham sido crismadas e, após a cerimónia na igreja, ao dirigirem-se para casa, passaram pela residência de Plenister, exactamente ás duas horas e quinze minutos da tarde. Foram rigorosamente precisas quanto á hora e fizeram as suas declarações com absoluta firmeza: tinham visto Erdman entrar num beco atrás da casa; e lembravam-se perfeitamente de que coxeava, assim como do seu fato e do boné de xadrez.

Na barra do tribunal, lá estava o acusado com o seu trajo de xadrez. Quando lhe ordenaram que se aproximasse viram que coxeava. E pondo-lhe um boné, também de xadrez, na cabeça, ele admitiu que era seu.

Foi com o coração oprimido que Yeiser encarou a mais velha das duas irmãs. O máximo que qualquer advogado podia fazer com uma testemunha tão notòriamente verídica seria procurar fazê-la cair nalguma contradição, tentando assim abalar a confiança do júri na certeza das suas declarações.

—Que fizeram, você e a sua irmã, depois de sairem da igreja?— inquiriu.

—Tirámos um retrato!

—E onde foram tirá-lo?

—Não fomos a parte alguma. Foi a mulher do pastor quem o tirou, ali mesmo nos degraus da igreja!

—Tem o retrato?

—Tenho, sim, Mr. Yeiser. Está aqui mesmo na minha bolsa!

Nessa altura, o juiz ordenou a suspensão da audiência por duas horas.

* * *

Com o instantaneo no bolso, John Yeiser entrou num restaurante, sentou-se a uma mesa isolada e pôs-se a meditar enquanto almoçava. O testemunho das duas raparigas tornara a acusação invulnerável. Havia aquela fotografia mostrando os degraus do templo sobre os quais estavam, de pé e vestidas de branco, as suas testemunhas. Nada que pudesse alimentar a menor esperança!

Ou existiria alguma coisa? Um pressentimento indefinível apoderou-se do subconsciente do advogado. Que coisa seria aquela que parecia dançar no seu cérebro? Alguma prova que não fora ainda notada, talvez um pormenor despercebido? Seria aquela sombra? Realmente, «havia» uma sombra no instantaneo! Cobria uma grande parte do lado direito da chapa, constituindo uma mancha de forma irregular. Era desesperador sentir aquela dúvida martelar-lhe o cérebro sem encontrar uma solução.

De súbito, teve uma ideia. Deixou o almoço em meio e, minutos depois, encontrava-se sobre os degraus da igreja. Por cima dele, erguia-se o campanário, cujo relógio fez ouvir uma badalada metálica. Procurou ràpidamente um «taxi» e, um quarto de hora depois, descia á porta do Observatório da Universidade de Creighton. Tocou a campainha e disse ao porteiro que o atendeu:

—Preciso de falar, imediatamente, com o astrónomo!

* * *

Na manhã seguinte a sala do tribunal estava repleta. Correra por toda a cidade a notícia de que John Yeiser ia fazer uma revelação surpreendente e sensacional. (Na tarde anterior ele obtivera o adiamento dos trabalhos do júri, alegando ter descoberto novas provas).

A primeira testemunha de defesa chamada a depor foi um homenzinho envergando as vestes de sacerdote jesuita, o rev. William Rigge, que tomou lugar no banco das testemunhas, com o barrete de clérigo sobre os joelhos.

—O senhor é lente de Astronomia na Universidade de Creighton? — perguntou-lhe Yeiser.

—Sou!

—Isto é um instantaneo. E' possível, observando bem esta fotografia, dizer a que horas foi tirada?

—Sim! — respondeu o padre—. Posso dizer-lhe a hora com a diferença de um minuto, no máximo.

—Como pode ter a certeza?

—Pelo angulo da sombra da torre projectada na chapa!

—Então, diga-nos a que horas foi tirada!

—Se tiraram a fotografia no dia vinte e dois de Maio, foi feita ás três horas e vinte minutos da tarde!

O significado desta declaração assombrou o magistrado e os jurados e deixou o promotor estupefacto. Ali estava o testemunho de um cientista que lançava dúvidas sobre as declarações de sete testemunhas e a boa memória de duas rapariguinhas de branco. Se realmente tinham visto Erdman, só podia ter sido meia hora depois de descoberta a maleta.

O processo de Frank Erdman transformou-se por completo. Os interrogatórios subsequentes não puderam modificar os cálculos do astrónomo. Ele trabalhara durante a noite inteira, conferindo as suas operações, e, de manhã, fora pessoalmente ao local, levado pela possibilidade de salvar um inocente da prisão.

* * *

Embora o tribunal absolvesse Erdman, houve quem duvidasse. Ninguém — sustentavam os céptico — seria capaz de determinar com precisão uma hora exacta apenas pelo exame de uma sombra deixada numa chapa fotográfica. Contudo, um ano depois e, novamente, dois anos decorridos, naquele mesmo dia e á mesma hora, o chefe dos «detectives, o astrónomo e outras pessoas ligadas ao caso reuniram-se sobre os degraus da igreja para ser fotografados. E quando as chapas foram reveladas, a sombra do campanário caía sobre eles, exactamente no mesmo angulo em que aparecera no primeiro instantaneo.

CADERNO DE UM REPORTER

Perenidade do Teatro e sua raiz social

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

O paradoxo de Diderot

Ainda não há muitos anos, certo jornalista, então chefe de redacção, tinha muito entre a unha e o dedo da sua mão direita os assuntos teatrais do seu jornal, que escrevia com brilho, pôs na circulação corrente o célebre paradoxo de Diderot, sobre o ponto em que o actor deve revestir da sua verdade pessoal, não só o papel mas o conjunto de obras que lhe compete representar. Já nos seus ultimos anos e antes de chegada a aurora sangrenta da Revolução Francesa, já então o célebre reformador do Teatro francês parecia pressagiar o grau de reencarnação a que se veria obrigado Talma, pseudónimo de certo arstista francês, que, ao chamar a si o mundo greco-romano, parecia chamar a si grande parte da tremenda responsabilidade a que certos papéis e certas pessoas obrigam.

A obra de Voltaire

Já antes, na sua longa vida, Voltaire, que, entre tantas facetas igualmente curiosas da sua personalidade, apresenta a de poder dispor quase ilimitadamente do seu vasto teatro, lhe dera o que, depois, foi um dos seus espinhos maiores — a originalidade em teatro. E sendo quase todas, senão todas, de franca inspiração grega e romana num mundo que parecia só feito para ressuscitar as grandes tragédias de outrora, o que obrigou todos a uma nova cultura humanística nada para desprezar, foi Voltaire que era então um dos protegidos e favoritos de uma célebre titular francesa, a marquesa do Chatelet, cuja unica desculpa, se tal conduta leviana tem desculpa, era a de ser casada com um septuagenário titular francês do mesmo título e mercês, o que vem a ser o mesmo que casar com as ruínas de Palmyra. Doentia era a época, fáceis os costumes e, se quiseremos ter alguma benignidade dos Deuses, devemos não ser demasiado Catões e saber perdoar o que, junto a nós, nem escrito ou sonhado desejariamos ver. Fácil é ditaminar sobre o Passado, uma vez visto, e sem complacências serôdias, o conjunto de coisas que o constituem e que, muitas vezes, em nós não teriam nem o desejo nem o vago desejo de uma passageira amnistia.

Nessas ocasiões, produzem-se com facilidade, acontecimentos indignos de ser ajuizados ou, mesmo, sem tempo para juízo algum. É quando as potências do mal nos envolvem.

Quando esse insondável mundo de responsabilidades, com o seu inexorável contencioso, se abeira de nós e nos pede a conta certa do *Deve* e *Haver*, é quando, de modo terminante, chega o que deve ser privativo de cada qual — o seu próprio foro íntimo e o julgamento que nos mereça.

O encanto do antigo

E' com um encanto indizível que, por cada visita desse mundo antigo, lhe sentimos o antigo e resplandecente brilho — o indesmentível erguer desses muros em que tudo é sólido ao ponto de não se lhe poder introduzir nem uma simples fasquia, dessas muito delgadas que chegam, ás vezes, para parar a marcha de um atleta concorrente ás velhas, ás velhíssimas Maratonas. Não se trata pois de coisa tão esgotante, mas, ao menos, de coisa tão responsável como o teatro. Representando ultimamente com a completa responsabilidade da companhia, tinha, pelo menos, a sua colaboração, e daí, a sua cooperação em termos absolutos, tanto se lembrarmos pelo menos o brilho e colaboração do teatro na vida antiga dos habitantes da Federação de Atenas. Para eles se predispunham, e ferventemente, o amor e o espírito de emulação dos antigos e em especial o dos antigos autores teatrais. Temos, pois, um encanto ainda resplandecente do mundo antigo, nessa espécie de encanto, nesse verdadeiro amor pelas coisas amigas de todos. Assim, entre todas, a arte de representar atinge verdadeiras expressões no sentido declamatório, nesse conjunto digno de outros tempos e de outras pessoas identicamente dignas e amigas de outras expressões de arte. Eis-nos, assim, face a face, e sem possibilidade de fuga, dispostos a arcar com a respectiva responsabilidade.

Milhares de nomes

Teríamos de pôr aqui, de modo mesmo assim incompleto, milhares e milhares de nomes, para o público ter uma pequena ideia da grandeza e extensão, alcançadas pelo teatro grego. Houve, mesmo, uma época em que poderíamos dizer:

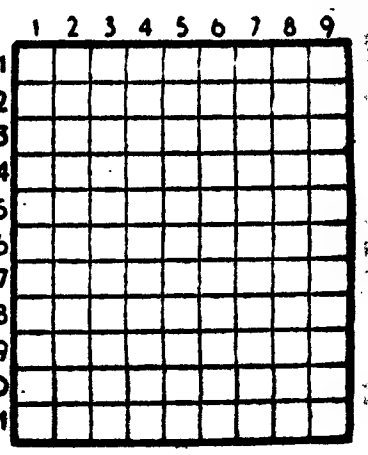
—O teatro é tudo!...

E, com esta universalidade e o esplendor alcançados por estes jogos de palavras, ainda não conseguiriamos dar a rigor o valor da grande interpretação grega da palavra. Chegou, mesmo, a comparar-se, na sua aparência, com as anteriores tradições literárias, mesmo sem ter a riqueza delas. Era o resplendor que se atenua, a grande projecção que nos abrange, o amor dos pais aos filhos o dever para com eles, o desejo de ser e de contribuir, afanosamente, com o nosso espírito de sacrifício. Enfim, é mesmo o espírito de amizade — não platónico mas efectivo, por cada um prestado á comunidade familiar. Porque, fora dela ou contra ela, nada pode subsistir. E' com energia identica, com férrea violência que se recomenda alguém ao filho adorado, que se estimula este e se compensa este do cumprimento do sagrado dever. Sem este estímulo, a família e o senso do dever familar — desaparecem. Já hoje a popularidade e a extensão abrangem e abraçam outras manifestações da vida literária, dando-lhe imensidade, alcançando mesmo a genese do cosmos, porque, sem isso, é que ele não pode passar.

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3642



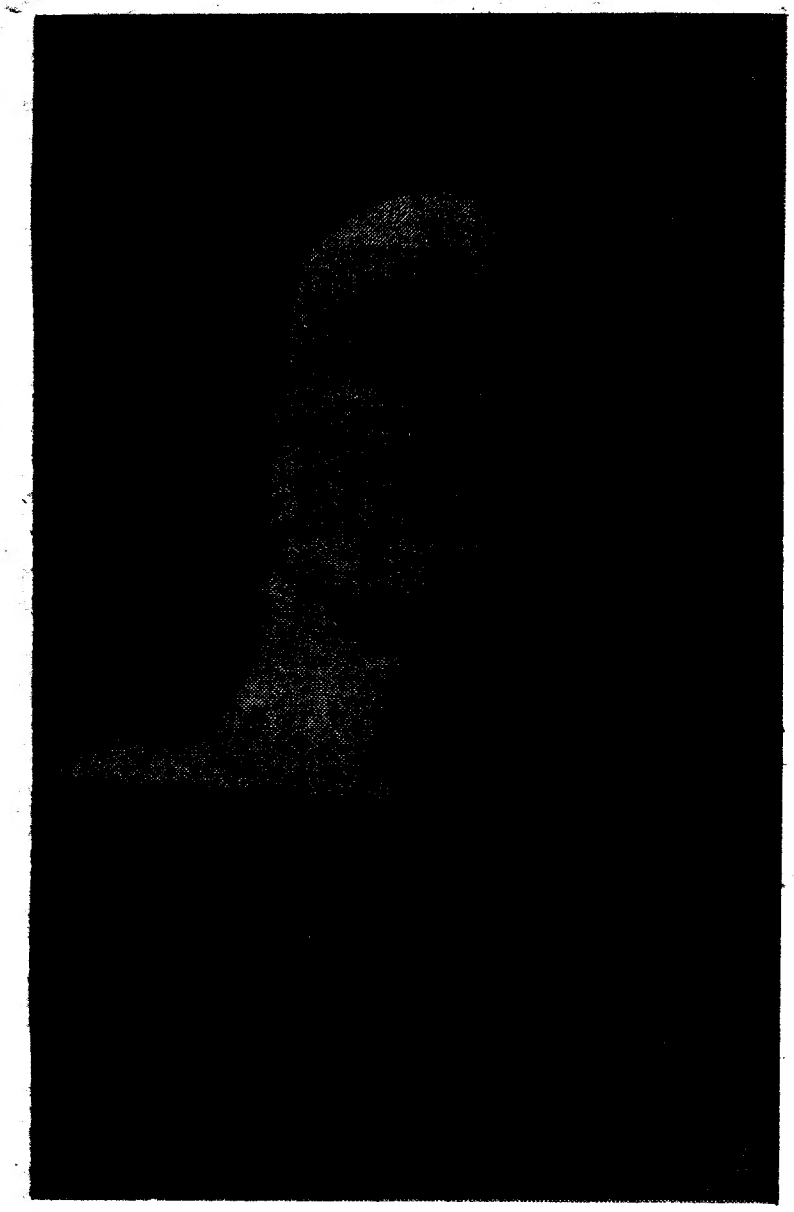
HORIZONTAIS: 1 — Rio do O. de África que deságua no Atlantico. 2 — Serra do N. de Portugal. 3 — Nota musical. Senhores. Rio de Itália. 4 — Pequena bigorna de aço sem pontas. Um cento. 5 — Ilhota de Portugal na foz do rio Minho. 6 — Solitária. Mulher do filho. 7 — Nota musical. Progenitor. Paralisia. 8 — Faleça. 9 — Arrebentação do mar na costa (pl.). 10 — Estaque. Líquido gorduroso. 11 — O mais. Desacompanhados. Letra grega.

VERTICAIS: 1 — Bairro de Lisboa. Bétele. 2 — Frequentava. Batráquio. Óxido de cálcio. 3 — Preposição. Consentimento. Grande quantidade. 4 — Em as. Cidade de Itália. 5 — Enganos. Decametro quadrado. 6 — Fluído aeriforme. Ligarmos. 7 — Preposição e artigo. Animal doméstico. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 8 — Nome de uma letra. Batráquio. Ente. 9 — Coteja. O sono das crianças.

Solução do problema n.º 3641

HORIZONTAIS: 1 — Luso. Lapa. 2 — Ali. Fim. 3 — Creta. 4 — Vá. Ata. Al. 5 — Arc. Ama. 6 — Calípso. 7 — Mal. Aru. 8 — As. Sua. Ar. 9 — Praia. 10 — Goa. Grã. 11 — Acre. Reis.

VERTICAIS: 1 — Larva. Malga. 2 — Ul. Arcas. Oc. 3 — Sic. Cal. Por. 4 — Rã. Sr. 5 — Retribuas. 6 — Tá! Aí. 7 — Afá. Asa. Age. 8 — Pi. Amora. Ri. 9 — Amola. Urnas.



CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

Este portentoso pintor da Renascença italiana, nascido em 1483 e morto em 1520, portanto apenas com 37 anos, é sobretudo conhecido pela sua série de «Madonas» profundamente idealizadas e etéres. Giorgio Vasari, pintor, arquitecto e escritor de grande nomeada, que viveu na mesma época, abriu uma excepção para aquele pintor. Que excepção? A de uma atitude nobremente compreensiva e respeitosa. Vasari não perdoava os pequenos ridículos dos grandes génios; para isso lançava mão de todas as anedotas e pequenas lendas que acerca deles corriam pelos meios intelectuais — meios (então como hoje) muito inclinados á má língua; as suas biografias são assim uma perigosa mistura de factos verdadeiros e de pequenas ou grandes maledicências. Para com o autor da «Madona del Cardelino», da «Escola de Atenas» ele usou, porém, das mais escrupulosas fontes informativas. Qual o motivo da excepção? Simples: Vasari conhecen de perto, respeitou e amou o grande génio Artista. Diz ele nas primeiras palavras da biografia que lhe dedicou:

«Algumas vezes o Céu distribui com pródiga mão infinitos dons a um só privilegiado — tesouros que usualmente distribui em espaçados períodos de tempo por vários indivíduos. Tal facto é claramente demonstrado no caso do grande pintor de Urbino. Era tão cheio de graça como modesto e bondoso. Gentil e sempre pronto a conciliar o que estava desavindo, tinha á sua roda a consideração de toda a gente. No momento em que a natureza fora vencida pela arte de Miguel Angelo, ela aceitou submeter-se ao homem de Urbino, que combinou a arte e a natureza. Até então os artistas tinham sido, amiude rudes, extravagantes, incultos ou caprichosos e algumas vezes manchados pelo vício. Neste resplandeceram as mais belas qualidades; e o seu carácter era ainda completado pela benevolência e pelo amor ao estudo: de tal sorte que nunca se poderia incluir entre os comuns dos mortais.

... ...

Nasceu em 1483, em Quinta-Feira Santa, ás nove da noite. Seu pai era Giovanni de Santi, pintor de pouco vulto, mas homem inteligente e culto. Insistiu que o seu filho não fosse alimentado por uma ama, mas pela própria mãe. Ele mesmo o desejou educar, em vez de deixá-lo ás mãos de quem lhe ensinasse hábitos e maneiras grosseiras. Conforme crescia foi-o familiarizando com as primeiras noções sobre pintura».

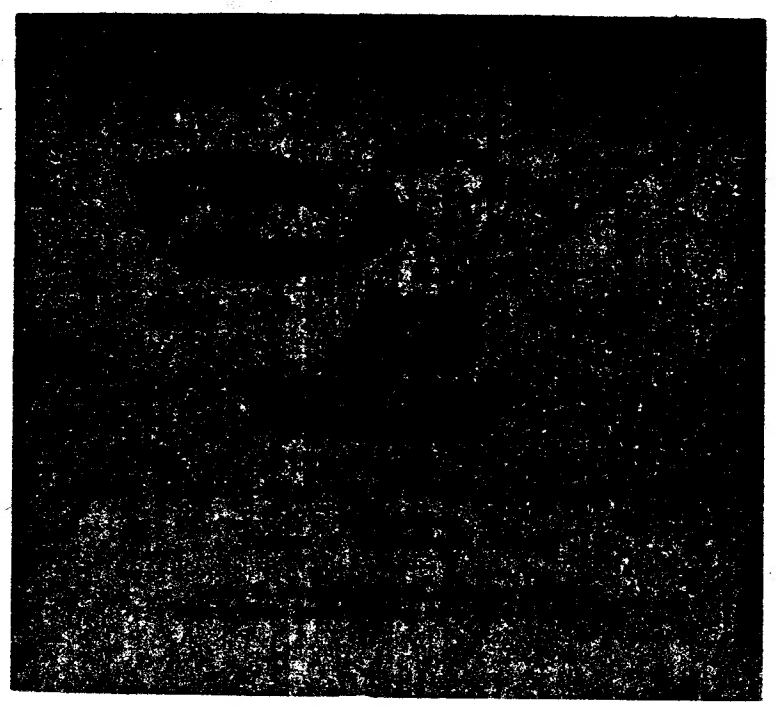
Suspendemos aqui as informações de Vasari: os pormenores ficarão para os nossos jovens amigos que se queiram habilitar com um trabalho sobre este grande génio da Renascença (um dos três Grande de Itália...) ao prémio especial que todas as semanas concedemos. Quanto ás respostas, elas devem estar no JUVENIL até ao próximo dia 2 de Maio, acompanhadas da morada, nome, data do nascimento dos concorrentes e indicação dos três artigos que preferiram no Suplemento desta semana.

SAUDADES DE UM JARDIM

POR

MARIA DE LOURDES SANTOS MARTINS

(17 anos)



O meu vizinho da frente, era aquele jardim meio selvagem, coberto de relva desprezada, decorado de flores silvestres e sombreado de plátanos. Era um jardim que me tinha visto nascer e crescer; um jardim abandonado, onde ninguém se sentava, porque não ! ha bancos pintados de verde, mas uns toscos bancos de pedra e onde ninguém passeava porque não tinha caminhos bem desenhados, mas veredas mal definidas. E, por isso mesmo, eu gostava dele. Era como que um bocadinho da natureza, perdido no meio da cidade. Ali aspirava-se uma paz que fazia esquecer a existência do ruido em volta. Era ali o meu refugio, quando precisava **estar só.**

Nas noites de ventania, os ramos dos plátanos ameaçavam tocar a janela do meu quarto e, eu deixava que eles transportassem em si o meu sonho e o lançassem no vento. Então, eu sentia-o voar, voar para muito alto e perder-se no Mundo imenso dos impossíveis.

*

Um dia, porém, **fui** para férias. Vivi três **meses junto do mar** e, depois, já **cheia de saudades,** voltei...

Era noite, noite escura, quando parei **junto de casa. A iluminação** era escassa e mal se via na rua. Sei que só pude ver, ao voltar-**me para o sítio do** jardim, um **monstro escuro, imóvel,** um monstro que talvez fosse **uma** casa inacabada.

Tinham, então, feito desaparecer o meu recanto de paz? Tinham, então, aniquilado o meu reinozinho de solidão, que me fazia tanta falta?

Senti-me sufocada. Subi as escadas, a correr, para fugir áquela dolorosa e inesperada visão.

Fechei-me no quarto, cheia de amargura.

Lá fora, o vento quase invernal, soprava com força; mas jamais poderia sentir os ramos dos plátanos, chamando por mim, bem junto da janela.

Jamais poderiam ser lançados no vento, os meus intermináveis sonhos de rapariga.

Jamais...

E o meu coração pulsava de saudade...

SAUDADE

Recordo, neste momento tardio,
Nesta hora silenciosa da noite,
Um passado há bem pouco presente.
Recordo o belo dia que sucumbiu
Como tudo, na vida;
Mas que deixou
Em mim, uma sensação
Maravilhosa, que não esquecerei.
Recordo o dia que foi só consolação
E felicidade para a minha alma.
Recordo tudo o que vejo
Tão perto ainda.

Silenciosamente, correm-me as lágrimas,
E sinto, dentro, uma saudade infinda...

(Amigo n.º 854)

O GATO

DE ANTONIO VALERIO TEIXEIRA RAMIRES

16 anos — Amigo n.º 1.273

Isto que eu vou contar aconteceu o ano passado.

Estava um lindo dia! O Sol iluminava a enorme faixa cinzenta que serpenteava por entre amendoeiras revestidas de fruto.

O nosso carro seguia em velocidade moderada, para que pudessemos admirar o panorama que a Natureza nos oferecia.

De subito meu pai carregou no acelerador para que pudessemos chegar cedo á praia.

O rádio fora posto a funcionar, e nós transbordavamos de alegria. De subito, um gato preto que atravessava a estrada foi embater com o nosso automóvel que seguia com bastante velocidade. Um bater surdo fez-se ouvir no interior do carro!... O pobre do animal fora atropelado! Olhámos para trás... mas qual! Nem rasto de gato se via na estrada.

— Naturalmente foi cuspido para o valado da estrada — disse eu.

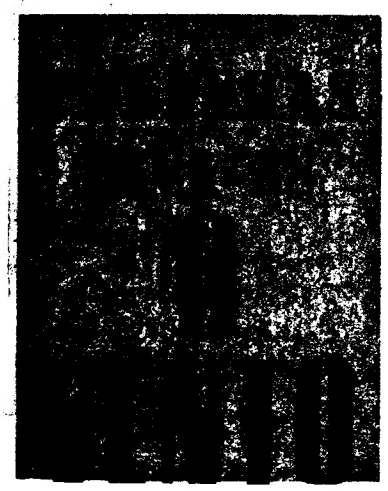
Um pouco contrariados e já com menos alegria continuámos até chegar á praia.

Depois de termos passado uma tarde esplêndida, regressámos a casa.

Lembrámos parar no lugar do acidente, fomos ver no valado... nada! Olhámos em volta e nem sinal de gato.

(Continua na ultima página)

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS



Falamos, na nossa ultima crónica da origem da palavra calino. Existe uma outra palavra cuja aventura merece ser contada. Refiro-me a calembur, que importamos directamente do francês «Calembour».

De onde vem este «Calembour».

No reinado de Luís VI, foi para Paris, na qualidade de embaixador alemão, o conde de Kalemburg.

Os seus conhecimentos de diplomacia podiam ser grandes, mas o mesmo se não pode dizer dos seus conhecimentos de francês. Na realidade, falava-o péssimamente, respondendo a alhos com bugalhos.

Os trocadilhos provocados pelo seu desconhecimento de língua francesa começaram a correr de boca em boca. «Queres ouvir mais uma do Kalemburg?», era frequente ouvir-se perguntar.

Por isso um dito próprio de Kalemburg passou a ser «calembour» — um certo tipo de humor que assenta essencialmente num jogo de palavras, num trocadilho.

Para tradução ou aproveitamento dessa palavra em português muitas expressões se alvitraram já. Garrett aconselhava «Calimburgo», enquanto António Feliciano de Castilho e Filinto Elísio empregaram como bom «Calemburgo».

A verdade é que o povo não lhes pegou. E ou prefere *calembur* ou, mais simplesmente e mais sensatamente *trocadilho*.

Tocam a campainha do telefone. Vais atender. E como para entrar em comunicação é necessário começar por alguma ponta, cada um tem a sua maneira de dizer que está presente, que se encontra lá no outro extremo do fio.

Eu digo:

— Está, está lá?

E' possível que contigo suceda o mesmo, e com milhares de outras pessoas. Mas não todas evidentemente. Conheço uma pessoa que mal levanta o auscultador exclama: «Sim!» á maneira dos Ingleses para quem o «Yes» é pau para muita obra.

Nos primeiros tempos do telefone a moda era dizer-se «alô». Esta moda não desapareceu totalmente, parecendo que é ainda bastante corriqueiro no Brasil, o snobismo acabou por destroná-la, ridicularizando-a.

O curioso é que não há unanimidade quanto á origem deste «alô!».

Para uns a palavra deriva do inglês «hallo!» que significa «olá!». Para outros, porém, a sua origem estará na deformação da primeira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo francês «aler»: «allons»! isto é vamos! — como quem incita o interlocutor a entrar no assunto. Há também quem afirme que «allô» francês deriva já do «hallo» inglês.

O uso intensivo do telefone lá fora, enquanto em Portugal era muito limitado, explica esta fórmula de iniciar a conversação telefónica. Mas as irmãs Perliquitetes, com o seu «allô! allô» pedante e esganiçado deram cabo dele.

Não se perdeu grande coisa.

POR

NATÁLIA DA FONSECA

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O mistério da bengala de bambu (XXI)

por

MANUEL SALGUEIRO

«Tic-Tac» hesitou, no patamar. Paralisados pelo medo, o detective, Basílio Sopito e os seus jovens amigos, hesitaram também. Era uma verdadeira angustia que viam o cachorro revolver entre os dentes a pequena máquina infernal, como se se tratasse de um osso.

—E' melhor agir com prudência, sem precipitações que podem custar-nos caro! — aconselhou Anibal.

E na sua voz mais calma chamou «Tic-Tac» á razão. Nenhuns resultados obteve. Acenou-lhe com o lenço fechado na mão, como ás vezes costumava fazer com os os-

O DEVER NÃO TEM VERTIGENS

sos para o ver farejar e latir de impaciência:

— Toma, «Tica-Tac», é para ti, um osso.

Tudo em vão. Deitado sobre as patas, continuava a morder a máquina perigosa.

—Afastem-se, amigos! — pediu Pararraios, ao mesmo tempo que o funil, agitado por ideia subita, relampejava. — Só uma decisão audaciosa pode salvar-nos...

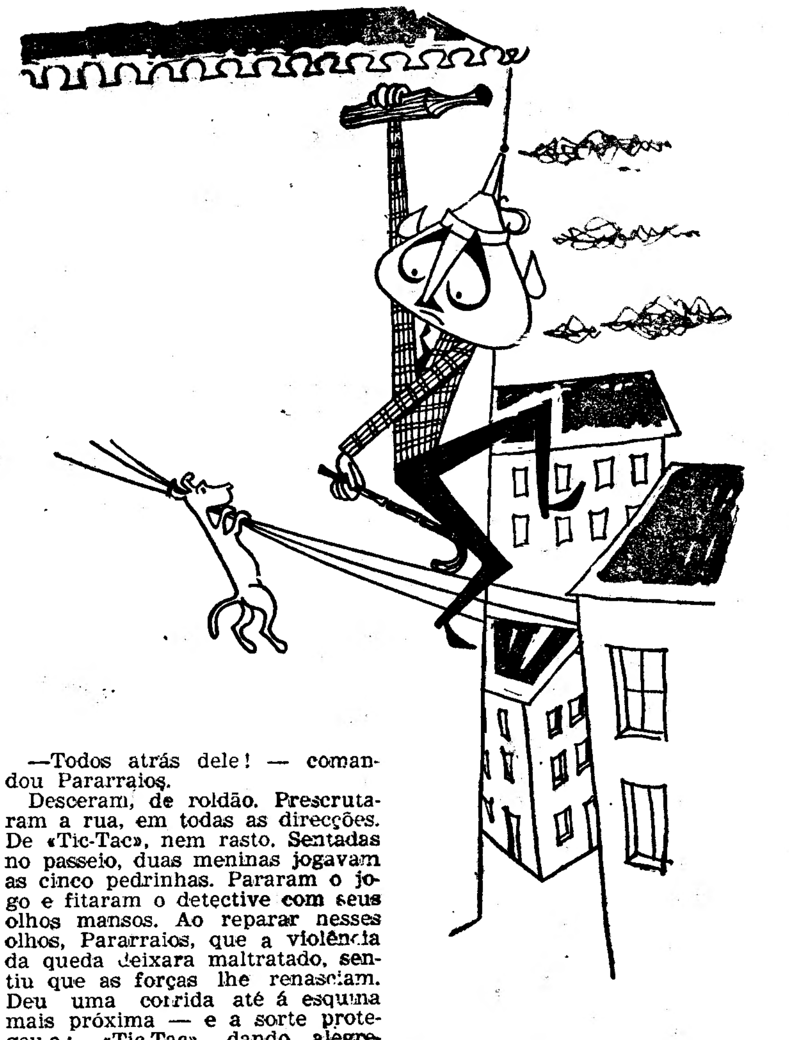
Recuou um passo, e não se pode dizer em abono da verdade, que tinha saltado. Diremos melhor se crismarmos de voo aquele salto prodigioso com que o detective se lançou sobre o patamar. Porém, o cão possuia reflexos muito mais rápidos. Com um movimento grarioso de lutador consumado, fugiu com o corpo ao bote do policia-amador. Este, com a violência do choque ficou inanimado obra de dois segundos. Quando se levantou, o sangue saía em fio do nariz como um novelo de retrós vermelho que se desata...

—Pobre amo! — excalmou choroso Basílio. — Meu pobre amo, que nunca sossega!

E procurava á força enxugar-lhe o sangue com o lenço.

—Afasta-te, Basílio — ordenava o detective. — Afasta-te que isso não tem a minima importancia. Que é do cão?

—Desceu a toda a velocidade! — respondeu um amigo.



—Todos atrás dele! — comandou Pararraios.

Desceram, de roldão. Prescrutaram a rua, em todas as direcções. De «Tic-Tac», nem rasto. Sentadas no passeio, duas meninas jogavam as cinco pedrinhas. Pararam o jogo e fitaram o detective com seus olhos mansos. Ao reparar nesses olhos, Pararraios, que a violência da queda deixara maltratado, sentiu que as forças lhe renasciam. Deu uma corrida até á esquina mais próxima — e a sorte protegeu-o: «Tic-Tac» dando alegremente á cauda seguia tranquilamente pela Rua das Janelas Verdes.

—Já sei — lembrou Anibal Mendes — vai a casa de minha avó...

Os amigos, por sugestão de Leonor, resolveram cercar o «Tic-Tac». Mas este percebeu-lhes o intento e escapuliu-se com uma facilidade impressionante, metendo-se á Rua do Olival e dali á Rua Arriaga. Quando o viram entrar no prédio onde habitava a avó de Anibal Mendes, o detective esfregou as mãos:

—Agora não nos escapa... Hurrah! Se o acaso continuar á jogar a nosso favor, o pesadelo estará no fim dentro de dois minutos, o máximo.

Resolveu-se que, para evitar grandes perturbações, apenas entrassem Pararraios e Anibal Mendes. Assim fizeram e fecharam a porta atrás de si. «Tic-Tac» tinha a retirada cortada... Para ele a brincadeira trágica findara...

Nova surpresa aguardava, porém, o detective Pararraios. O cachorro mostrava-se pouco disposto a entregar o «osso» e enfiou pela escada que dava para o telhado. Pararraios não vacilou: foi atrás dele.

—Senhor Pararraios... Veja o que faz... — lembrou Anibal Mendes, a quem a perspectiva de seguir o cão naqueles dominios pusera levemente pálido.

—Fica tu ai — ordenou o detective — para o caso de ele pretender voltar á base...

—Mas... o senhor não tem vertigens, não tem?

—Amigo! — e a voz de Pararraios tornou-se mais solene — O Dever não tem vertigens!

Mal acabava de pronunciar estas palavras quando viu «Tic-Tac» escoregar, deslizar como uma bola e despenhar-se do quinto andar...

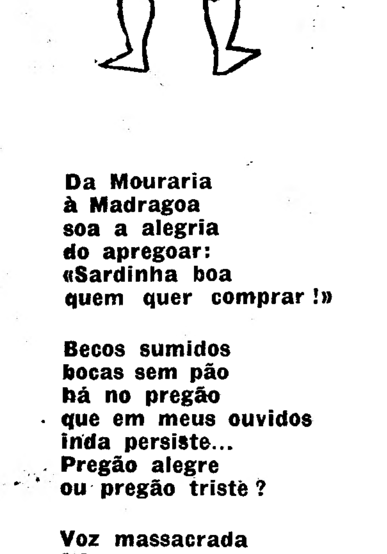
Olhou lá para baixo. Viu-o agarrado aos fios do telefone.

—Finalmente és meu! — exclamou Pararraios. E o detective deslizou ao longo da goteira até ficar o mais perto possível do cachorro. Estendeu a bengala para o agarrar.

«Tic-Tac», porém, chegara ao limite da sua resistência e despenhou-se no espaço...

(Continua)

Gente nossa



Da Mouraria
à Madragoa
soa a alegria
do apregoar:
«Sardinha boa
quem quer comprar!»

Becos sumidos
bocas sem pão
há no pregão
que em meus ouvidos
inda persiste...
Pregão alegre
ou pregão triste?

Voz massacrada
feita em pedaços
pelos abraços
da onda irada
do seu destino.
Eis o retrato
simples e exacto
deste varino.

Voz que é um barquinho
podre e velhinho
cujo porão
transporta dentro
um sonho quente
que alegra o pão.
Eis como soa
a voz infeliz
que diz feliz
«Sardinha boa...».

Concurso da semana

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a cidade portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado, 2 de Maio.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO N.º 103: I — Grandes Figuras da Humanidade: LORD BYRON; II—Gente da Nossa Terra: BEIRA ALTA.

Vencedores

1. — M.ª Piedade Alves Gandarez (Lisboa).

2. — 1568 — Manuel Afonso de Carvalho (Vila Franca de Xira).

3. — 972 — Luís Guilherme, R. de Carvalho (Monchique).

4 — 1547 — Carlos Manuel de Almeida (Coimbra).

5. — 1573 — José Ant. Cartaxo Vicente (Lisboa).

6. — 1579 — Mário Pedro Falcão (Lisboa).

Prémios

1.—«OS PIONEIROS», por J. Schaefer — Col. Miniatura — Livros do Brasil.

2. — «UMA NEGRINHA À PROCURA DE DEUS» — Col. Miniatura, Livros do Brasil.

3. — «SHAVE», por J. Schaefer — Col. Miniatura — Livros do Brasil.

4. — «O DEMÓNIO DA RECTIDÃO» — por F. Mauriac — (Col. Miniatura).

5. — «A CASA DO CANAL» — por Simenon — (Col. Miniatura), Livros do Brasil.

6. — «RATOS E HOMENS» — J. Steinbeck — (Col. Miniatura), Livros do Brasil.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE LORD BYRON:

7. — 1586 — Deolinda Maria da Silva Garcia (Lisboa).

7. — «VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC» — por Marcelin Defourneaux—Livros do Brasil, Ld. — «FIRMINA MARQUÊS» — Col. Miniatura — Livros do Brasil, Ld.ª.

Aviso a todos os leitores

Sabem como se vivia no tempo de Joana d'Arc — o que se vestia, o que se comia, como se trabalhava, quais eram as distracções mais apreciadas? O que faziam os nobres, os burgueses e o povo? O que era a cavalaria?

A resposta a todas estas perguntas e a muitas outras mais encontram os nossos leitores na obra de Marcelin Defourneaux, ultimamente editada por Livros do Brasil, «A Vida Quotidiana no tempo de Joana d'Arc».

E' já o sexto volume da colecção «A Vida Quotidiana». Os anteriores, como sabem, foram: «A Vida Quotidiana dos Astecas, por Jacques de Soustelle. «A Vida Quotidiana no Egipto», por Pierre Moutet, «A Vida Quotidiana no tempo de Homero», por Émile Mireaux, «A Vida Quotidiana no tempo dos Incas», por Louis Baudin, e «A Vida Quotidiana em Roma no Apogeu do Império», por Jerôme Carcopino.

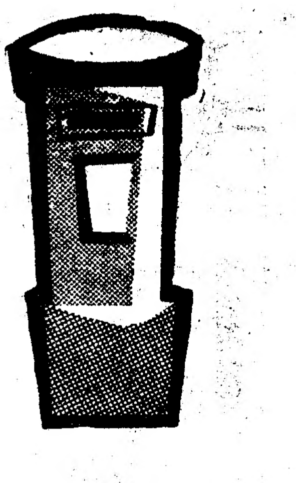
Esta colecção é indispensável para todos os jovens dos segundo e terceiro ciclos dos liceus e para todos quantos desejam cultivar-se verdadeiramente.

ATENÇÃO!

Mais uma vez pedimos aos amigos que não se esqueçam de, ao enviarem as suas respostas para o concurso, de nos indicar:

1 — O nome completo
2 — A data do nascimento
3 — A morada
4 — Se estudam, em que curso e ano.
5 — Os três artigos que mais lhes agradaram no «Juvenil».

Estas recomendações tanto dizem respeito ao concurso «Gente nossa» como ao concurso «Gigantes da Humanidade».



DIARIO DE BORDO

Ema Lucília de Matos Santa Clara (Lisboa): o teu trabalho **sobre** Joana d'Arc **chegou com muito** atraso. **Vê se consegues responder** mais cedo, para não seres excluída.

Amigo 1538 — Lino José Fernandes Coelho (Coimbra): O teu trabalho será criticado dentro **de** pouco tempo, **pois já viste que o critico voltou. E' só uma questão de tempo,** pois os trabalhos são muitos e o espaço pouco. **E então o tempo, nem se fala! O prémio seguirá por estes** dias.

Amigo 357 — Fernando Tavares Rodrigues (Porto): Recebemos, sim, o teu trabalho que será oportunamente apreciado.

Amigo 1.389 — Fany de Melo e Castro (Lisboa): **Tem paciência, Amiguinha, ainda não chegou a tua hora. Como já temos dito, várias vezes, os trabalhos são muitos e o espaço, pouco. Têm, por isso, de esperar vez, a não ser que o ar**tigo seja de assunto que não deve esperar. Esquecer-me de ti, como era isso possível? Obrigado pelas tuas boas palavras de amizade. Vamos arranjar-te o correspondente espanhol; mas esperamos resposta de um jovem estudante daquele país, para vermos o que se pode arranjar. Espera, pois. Quanto a consolação... não é necessária para uma pessoa como tu. Eu não te poderia dar aquilo que já tens em alto grau: coragem e dedicação. Mas posso dar-te a nossa amizade, que essa, quando verdadeira, nunca é demasiada, não achas? E com ela podes contar.

Amigo 1.545 — Manuel Paula de Campos (Castelo Branco): Não sei a que pergunta te referes. Quererás ser tão gentil, que a repitas? E conta sempre, Amigo.

Amigo 21 — José Joaquim Isabelinha (Santarém): a tua estranhesa tem razão de ser. Vamos remediar o facto por toda esta semana.

Amigo 1.571 — Maria Matilde Magalhães de Figueredo (Lisboa): Não precisas incomodar-te. Os livros são mandados pelo correio.

Amigo 248 — Maria Fernanda de Brito e Silva (Sintra): Que pena teres mandado o trabalho atrasado! Ele estava bastante bom e, portanto, em condições de recebr prémio. Vê se andas um pouquinho mais depressa, sim? E' pena tanto trabalho... para nada.

Amigo 1.346 — Feliciano António Nunes Grilo (Faro): o trabalho chegou atrasado. E' preciso repararem na data de entrega e não esperarem pelo ultimo dia, principalmente se moram longe.

Amigo 1.345 — Maria do Natal Grilo (Faro): Vê os reparos que faço ao teu irmão. Suponho pelo menos que são irmãos!

Amigo 1.235 — Amália de Jesus Cachucho Rodrigues (Lisboa): com bastante pena verificamos que o trabalho vinha atrasado. **Não é costume teu. Seria por já não escreveres há muito tempo? Na semana em que mais trabalhos bons houve, é que quase todos chegaram atrasados. Talvez, inconscientemente, nos quisessem tirar a terrível perplexidade da escolha! Seria? Na verdade, foram postos de lado muitos dos melhores trabalhos que nos têm mandado. Paciência! Tomem atenção nos prazos, Amigos, para que isto não aconteça.**

Vosso amigo TROTE

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

O Diário de Lisboa Juvenil publica-se para os rapazes e raparigas

Os CAVALEIROS da TÁVOLA REDONDA

O alto da torre-mor do castelo de Chamalote conseguia distinguir-se a enorme distancia aquela manchazinha que, ao deslocar-se pelos campos, soprava grossas baforadas de pó. Lançarote semicerrou os olhos para ver melhor. Sim, era um cavaleiro; não podia ter duvidas que era um cavaleiro: de outra forma como conseguiria galgar-se o vale com tanta velocidade? Quem quer que fosse deveria trazer a chicoteá-lo o pavor de grandes perigos... Novas guerras? O repente do escabelo em que estava sentado. E não tinha motivo para espantos? Tão formidável cavaleiro, que fazia com a montada uma só peça, era uma criança! Agora já o distinguia claramente. Que idade teria o rapazinho? Doze? Lançarote debruçou-se, para se afirmar melhor. O cavalo entrara na estradinha que conduzia ao castelo e, no mesmo galope doido, atacou a longa e íngreme subida.

Insensível aos apelos dolorosos da sua perna ferida, Lançarote ergueu-se e desceu com incrível rapidez as escadas da torre. Ao chegar ao andar nobre já se ouviam nitidamente

FOI GUNAR O PRIMEIRO

POR

TROTE

o som dos cascos do cavalo; não tinha, pois, tempo de descer ao grande pátio: então, sem perda dum instante, entrou a coxear pela grande sala do castelo e surdo a todas as perguntas que se dispararam á sua roda, foi direito á janela que olhava para a ponte levadiça. Chegara

na altura! Uma vozinha a tremer em cima de lágrimas, implorou:

— Abri! O' sentinela, abri!

— Abre! — gritou por detrás o bom do cavaleiro Lançarote.

Os guardas voltaram-se com um salto para a janela.

— Desce a ponte! — ordenou Lançarote com voz imperiosa.

Já por essa altura as janelas do castelo que davam para aquela banda se animavam com a presença de muitas cabeças curiosas. Os guardas, obedecendo ás ordens do cavaleiro, arrearam com quanta pressa podiam a ponte levadiça. Jesus! Mal tinha assentado no chão, do outro lado do fosso e já a criança, esporeando desvairadamente a generosa montada, se encontrava no pátio do castelo. Talvez nem tivesse doze anos! O suor empastava-lhe os longos cabelos, que se lhe colavam á testa e ás faces afogueadas pelo esforço. Erguendo a cabeça pregou os olhinhos sofredores na janela donde se debruçava Lançarote.

— Senhor Cavaleiro Lançarote! — Gritou e ao mesmo tempo estendia um pergaminho na mãozita crémula. Deveria querer dizer mais alguma coisa, bem se lhe via os lábios a lutar com o desgosto que os ornava duros como pedra; porém nada conseguiam proferir.

— E' o filho de Gunar! — descobriu uma voz e todos repararam, de facto, que se tratava de Cerdique, filho do leal Gunar, cavaleiro da Távalo Redonda. Entretanto o menino descera da montada e subia as escada do castelo, sempre com o pergaminho na mão, como se estivesse empunhando uma lanterna. Ao atingir o andar nobre caiu nos braços de Lançarote, sacudido por soluços.

— Salvai meu pai — gemia baixinho — é bom cavaleiro salvai-o...

Lançarote leu o que dizia o pergaminho, em letras escarlates:

FOI GUNAR O PRIMEIRO!

TODOS OS OUTROS IRAO DEPOIS...

TURQUINO-MAO-DE-FERRO

(Continua)

gemido fê-lo cair de novo sentado. Por momento cerrou os olhos com quanta força tinha, no empenho de dominar a dor; depois abriu-os e fitou o céu com amargura: Quando se curaria das feridas que recebera na Bretanha? Ficaria incapaz de servir para toda a vida?

Pouco a pouco a dor foi amainando e Lançarote lembrou-se do cavaleiro cuja corrida estivera a acompanhar. Fora precisamente por causa dele que se tinha erguido tão de

crime dalgum cavaleiro desleal? O generoso coração de Lançarote palpitou com mais força e suas mãos fincaram-se no rebordo da janela. Entretanto o cavaleiro lá continuava a voar com a furia do vento, umas vezes submerso pelas nuvens de poeira, outras vindo ao de cima, á doirada luz do sol. Grande cavaleiro! Saltava barrocas, sebes, valados como se corresse na palma lisa da mão! Quê? Com o espanto, Lançarote ergueu-se, de subito, mas um

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS...

A implantação dos olhos é... estratégia

por MARIA HELENA [illegible] DIAS

É verdade. Talvez nunca tenham pensado [illegible] que é que certos animais têm os olhos bem de lado, bem [illegible] bastante para cima.

Podemos dividir os animais em dois grupos: caçadores e caçados. Esta divisão, só por si explica já muita coisa. O animal caçador como o gato, tem os olhos na frente da cabeça — [illegible] ver bem o ratinho incauto que lhe vai servir de jantar. [illegible] o, o jantar do bichano tem os olhos laterais — para [illegible] vida ele tem de espiar de todos os lados.

Além disso, os olhos dos gatos, das raposas, dos jacarés — animais de caça nocturna — têm uma outra disposição que lhes permite vêr bem o inimigo. A luz do luar, para que a visão seja boa, é fraca luz deve entrar bem dentro do olho. Para isso a pupila funciona como uma cortina que abre e fecha. Por isso, para que a luz diurna os não cegue, essa cortina reduz a abertura a simples fenda.

Se os olhos não têm essa faculdade, como acontece com a coruja, o animal retira-se para lugares umbrosos, na espera da luz nocturna, favorável á caça. Os olhos da coruja são grandes e adaptados para re-

ceberem maior quantidade de raios luminosos que as outras aves diurnas.

Mas as aves diurnas — como as águias — que precisam ver nitidamente os animais que caçam, colocados abaixo delas, possuem umas pregas nos olhos que lhes facilita a visão, de tal modo que podem ver a grandes distancias, pequenos animais que nenhum ser humano poderia enxergar á vista desarmada. Mesmo acima dos olhos tem uma prega que funciona como quebra-luz e que faz o efeito da nossa mão posta em pala sobre os olhos, quando queremos olhar a distancia. Outra particularidade curiosa dos olhos das águias é uma membrana que funciona como um limpa-pára-brisas: fechando-se, arrasta toda a poeira que a poderia impedir de ver. De resto, todas as aves possuem esta terceira pálpebra.

A rã, ao contrário na águia, não tem o mundo por debaixo dela,

mas por cima. Daí os olhos colocados sobre a cabeça, salientes como duas bolas. E porquê salientes como duas bolas? Porque, receando o inimigo, ela vive dentro de água e apenas os olhos vigiam. É que a rã não é animal caçador, mas... caçado. Há outros animais que vivem na água que apresentam a mesma configuração de olhos: o hipópotamo, os crocodilos, os jacarés. Descansados, projectam os olhos para fora da água.

A esperta e rápida mosca vê em todas as direcções. Têm olhos compostos, isto é cada olho é um feixe de muitos olhos — cerca de 8.000 em cada um. E cada um desses minusculos olhos aponta nûma direcção diferente.

A cobra que passa a vida rastejando em busca de alimento está sujeita, por isso mesmo a embater em pedras, em paus, o que a cegaria se não possuisse uma placa córnea em vez de pálpebra. Esta placa, semelhante á pele, cai também na ocasião da muda. Antes desta muda,

sob a camada córnea começa a juntar-se um líquido leitoso que endurece com o tempo — a nova placa. Mas antes de endurecer não é transparente, por isso, durante esse tempo, a cobra fica cega. Esta razão torna-a terrívelmente selvagem — o instinto de defesa torna-a em demasia desconfiada. Ataca, indiferentemente, tudo o que aparece pela frente, como se fossem inimigos.

Os peixes não precisam nada disto. Vivendo num meio fofo, prescindem de pálpebras e sobrancelhas. Porque a luz é, para eles, fraca, os olhos são grandes, de modo a recolherem a maior quantidade de luz. Quase todos têm olhos laterais, embora haja excepções: a solha, o halibute, os linguados, têm os olhos do mesmo lado do corpo. Mas quando novos, são semelhantes aos outras peixes; mas depressa começam a torcer-se para um lado, perdem a capacidade de nadar com o dorso para cima. Então, os olhos sofrem uma mudança de posição — passam o resto da vida deitados de lado, com os olhos... no lado oposto. A olhar para o alto.

O «Diário» e a crítica do João

Falei com o nosso João ontem, sexta-feira. Telefonou-me de manhã a avisar-me de que vinha a Lisboa e gostava de estar comigo dois minutos. Encontrámo-nos no «café». Para ele, uma «bica». Outra para mim, se faz favor.

— Sabes que estás famoso?

— O médico também diz.

— A tua mãe contou-me que deste um pontapé na morte.

— Poi foi. Sabes?

— O quê?

— Não sei se diga...

— Diz.

— Nunca tive medo... Disse sempre para mim próprio: «Tem calma e aguarda».

— Filósofo...

— Bem, mas não foi para te falar de mim que te telefonei. Estamos aqui para criticar os trabalhos da Maria do Rosário Vila.

— Recordo-me.

— Em primeiro lugar, escreve aí que a Maria do Rosário Vila é Poeta.

— Pronto.

— Os seus versos reflectem o desequilibrio, a incerteza e a surpresa, de quem chegou sem bussola á encruzilhada. de quem tem braços fortes, olhos puros, coração para dar ás mancheias — e não sabe que fazer disso tudo.

— Concordo contigo.

— O que dá uma certa grandeza á poesia da Maria do Rosário é precisamente a gente estar a ver que ela funciona como barómetro de um certo estado de espírito de uma parte da juventude — sendo, ao mesmo tempo, o estado de espírito da Maria do Rosário. Quer dizer: ela não *joga por fora; ela é no tempo que é.* Eis um dos motivos que tornam válida e forte a arte desta amiga: a percepção de que alguma coisa está acontecendo no Mundo...:

«E, fitando em mim as cinzas já gastas de saudade
Senti-me tremer sob os escombros de um mundo...»

— Queres dar algum conselho ao poeta?

— Livra! Deus guarde os poetas dos conselhos ainda que sejam meus! O que eu posso, quando muito, é recordar á Maria do Rosário que o poeta deve ser «o elemento mais esclarecido da turba»; que reflectir a inquietação é nele um gesto automático que não pode ficar por aí — há que buscar a raiz dessa inquietação e resolvê-la na conquista de um novo equilíbrio. Senão...

— Senão...

— Senão, artista e arte ficarão mesmo sepultados nos tais escombros de que fala... Sim, Maria do Rosário, repara, com os teus olhos agudos de Poeta, que entre os escombros de um mundo, a aurora de outro mundo se levanta... Sempre assim foi, aliás.

— Sim.

— Para acabar: noto que os poemas dela se desvalorizam quando recorre á métrica e á rima tradicionais...

— Tem graça! Eu pensava que não se podia ser poeta sem recorrer ao metro...

— Não confundas poeta com calxéiro...

Engoli em seco, desamparado neste meu oceano de ignorancia.

Criticaremos nesta secção todos os trabalhos originais enviados pelos nossos leitores de idade não superior a vinte anos.

A colaboração pode ser acompanhada de uma fotografia (de quaisquer dimensões) do autor, e deve ser dirigida a CRITICA DO JOÃO, «Diário de Lisboa Juvenil», Rua Luz Soriano, 44.

O cadáver do senhor Jerónimo

Por MARIA JULIA MARTINS
e AGOSTINHO DE BRITO MACEDO

O sr. Jerónimo levantou-se cedo e olhou em volta, procurando o gato, que tinha o costume de roçar-se nas suas pernas. Mas naquele dia o gato não aparecia e o sr. Jerónimo ficou em cuidados. O bichano não era animal que tivesse a mania de fugir de casa... No entanto, o sr. Jerónimo não o conseguia encontrar.

— Maldito gato... Onde é que terá ido?

E o sr. Jerónimo cada vez mais aborrecido, procurou dentro de uma grande mala onde o gato talvez se tivesse metido. Foi tal a ansia com que procurou que viu em sitios onde seria possivel o gato caber.

— Os gatos conseguem entrar em toda a parte — pensou o sr. Jerónimo.

E o sr. Jerónimo ainda mais aborrecido, sentou-se numa cadeira, para pensar melhor onde seria possivel o gato ter ido passear, pois não havia duvida alguma que o bichano tinha saido de casa...

Nesta altura o sr. Jerónimo ouviu bater á porta da rua. Talvez lhe viessem trazer o gato... Correu na direcção da porta e abriu-a... Era o sr. Marques — o sr. Marques era uma pessoa conhecida do sr. Jerónimo...

— Sr. Jerónimo aconteceu uma coisa aborrecida para si... O seu gatito, foi atropelado há pouco por um automóvel... Coitadito morreu...

O sr. Jerónimo sentiu-se mal... mesmo muito mal... O seu gato tinha morrido atropelado... Que desgraça...

Quando voltou com o bichano nos braços, as lágrimas desciam na cara do sr. Jerónimo. Vivia sózinho com o seu gato havia muito tempo. Tinha-lhe ensinado muitas coisas uteis a um gato... Era horrivel pensar que tinha morrido o seu maior amigo... o seu maior amigo...

O sr. Jerónimo enterrou o gato no quintal e voltou para dentro de casa. Ao passar pelo bengaleiro olhou-se ao espelho... Como estava mudado... Tinha vivido muitos anos naquele dia...

A' noite o sr. Jerónimo foi-se deitar e pensou muito no seu gato. O seu gato...

— Lá está ele — pensou em voz alta. — Lá está ele... Lá está ele...

O gato no pensamento do sr. Jerónimo, olhou-o e miou-lhe... O sr. Jerónimo sentiu vontade de se ir roçar nas pernas aveludadas do bichano... E foi...

.....

— Coitado, foi o coração — dizia á sr.ª Maria — morreu a dormir, coitadinho...

O GATO

(Continuação da 1.ª página)

— Foi alguém que o levou para o enterrar, naturalmente o dono — lembrou meu pai.

Depois de termos chegado a casa e de termos retirado as bagagens, ainda fomos ao cinema.

Ao vermos um documentário de Tom e Jerry lembrámo-nos do infeliz gato.

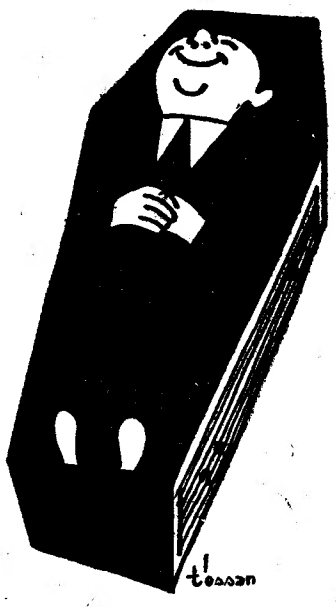
Minha mãe diz que não dormiu nessa noite, pois ela acreditava que o gato era o demónio que nos aparecera.

No outro dia, já refeitos do susto do gato, fomo-nos despedir do pai que ia para o emprego.

Ele dirigiu-se para o carro e limpou os vidros. Em seguida quis ir inspeccionar o motor, e ao abrir, ou melhor, ao levantar a tampa, um grito de espanto saltou das nossas bocas ao vermos um vulto negro saltar de dentro da caixa do motor e fugir pela rua acima enquanto soltava miados.

Ainda hoje estou para saber como é que o endiabrado animal se introduziu na caixa do motor.

Seria o demónio transformado em gato como dizia minha mãe?



VERTIGEM

Prisioneira
do silêncio mole das coisas vãs,
prisioneira,
eu rastejava pelas ruas
exibindo as correntes da minha escravidão;
Como poderia andar
se nos meus olhos não havia
a esperança dum sonho distante ?
Como poderia cantar,
se a minha boca era um grito de ave exótica
perdido no sincopado eco
de passos que não eram meus !
Voar !
Voar !
Quem pudesse ter asas brancas
para sentir a vertigem das coisas novas !
Mas no fundo,
— eu sei —
após um dia
ou uma eternidade,
eu ansearia sempre por pedras sujas
que me lembrassem as pedras daquela rua,
eu inventaria correntes e elos,
ligações e pontes,
ruínas e destroços...
— eu sei que inventaria tudo isso — !
Tudo mais, seria a vertigem,
uma vertigem infinita
que duraria um tempo infinitamente pequeno...
E eu voltaria a ser o que sou:
prisioneira
das coisas inúteis,
p'las pedras gastas da Vida !

MARIA DO ROSÁRIO VILA

Notas de leitura

A construtora duma nação moderna

Ao morrer, Maria, filha de Henrique VIII e de Catarina de Aragão, deixava uma pesada herança a quem lhe sucedesse no trono: na realidade há muitos séculos que a Inglaterra não descia a uma tão precária situação — mal governada, sem armas, sem dirigentes, sem unidade, sem perspectivas de futuro e tornada, ainda por cima uma quase provincia de Espanha.

«Com uma esperança muito semelhante a desespero — *escreveu o historiador inglês Macaulay* — todos se voltaram apaixonadamente para uma rapariga para os salvar».

Era o ultimo sucessor de Henrique VIII e os anteriores — tanto Eduardo VI (1547-1553) como Maria (1553-1558) — não fizeram mais do que destruir ou permitir que destruissem a grande obra de seu pai. Henrique VIII impelira, de facto, durante o seu governo a Inglaterra para a senda que lhe daria a sua grandeza nos séculos XVII e XVIII: fundara a marinha real, que tornara não apenas possivel o dominio dos mares, como a defesa de uma politica insular. Como os meus amigos sabem, a Inglaterra seguiu desde os tempos de Guilherme, o Normando, passando pelos Plantagenetas (dinastia a que pertenceu Ricardo, Coração de Leão) e pelos reis da Casa de Lencastre — uma política continental, quer dizer ligada aos destinos da Europa. Ora ao voltar costas ao Continente, a Inglaterra lançava a primeira pedra do seu futuro de grande potência mundial. Voltar costas significava como vimos, criação de uma Marinha Real; mas significava ainda a independência da nação em face da Europa, tanto no ponto de vista ritual, religioso, como no ponto de vista secular. A revolução religiosa que encetara ainda não estava, porém, no seu termo: com seu filho Eduardo VI dá-se uma reacção no sentido protestante; com sua filha Maria a reacção é inversa e tende a restaurar o catolicismo em Inglaterra. Os conflitos tornam-se mais intensos porque Maria desposa o católico Filipe II e transforma o seu país em simples província de Espanha. A Inglaterra conhece então um período sombrio, ensaguentando-se por lutas fanáticas. Infelizmente para a causa católica, esta viu-se indissoluvelmente ligada aos interesses de Espanha — o que contribuiu, e não pouco, para suscitar contra ela a animada versão dos nacionalistas ingleses. Maria faleceu odiada pelo povo e por isso de todos os lados se tinham os olhos postos na jovem Isabel.

Que lhes parece tão tremenda herança sobre os ombros de uma rapariga? Isabel, porém, levou a bom caminho o programa de salvação e de engrandecimento de Inglaterra — apoiada no povo, nas classes médias, no Parlamento (em que estas tinham assento), com os Londrinos e a população marítima. Ao subir ao trono declarava, bem por claro, que tudo devia ao povo inglês. *A este acrescentou, nessa mesma altura que era apenas uma* simples inglesa. *Tinha, na realidade, o extraordinário condão de perceber á distancia os interesses da nação, das suas classes sociais mais esclarecidas. Heroica, enquanto reinou — e reinou a bela conta de 45 anos! — foi ela própria o seu Primeiro-Ministro. Compreendem o que isto significa quando se tem de enfrentar o temivel inimigo que governava em Espanha, em Portugal, em Aragão, nos Países Baixos, na América, em Africa e na Asia — Filipe II?*

Mas teria sido apenas (apenas, calculem!...) *um grande chefe de Estado? Não: Isabel foi uma mulher de grande cultura: sabia grego, latim, italiano, interessava-se pelas artes e plas letras. Tal interesse era prático e não heroico: Isabel e os seus governantes forneceram de facto, aos intelectuais extraordinárias condições de liberdade criadora. Shakespeare é um fruto da política, da compreensão isabelina.*

Estas rápidas linhas servem para demonstrar o interesse do livro de Jacques Chastenet — Isabel I, de Inglaterra. Não se trata de um livro erudito para especialistas; mas não desfigura os factos, como muitas vezes sucede com os de divulgação.

«Isabel I, rainha de Inglaterra», por Jacques Chastenet, edição de Estudios Cor, Colecção «Destinos».

FLASH

O aniversário natalício

por MANUEL AGRA

E' verdade, menino, aqui estou eu.

Olhe, a vida é assim. O barco vira-se, a gente esbraceja na água sem saber porquê nem porque não.

Agora estou aqui á espera do senhor director.

Para lhe dar uma palavrinha.

Uma só.

Também não quero ocupar-lhe muito tempo.

Quanto diz uma palavrinha...

Como sabe, fui prescindido do serviço na companhia.

Ora diga lá onde uma pessoa como eu, passante dois anos dos cinquenta, sim, onde é que nesta idade uma pessoa como eu...

E depois tudo mentira!

Foi tudo na semana passada, no dia do meu aniversário natalício. Quando eu era pequeno e mesmo depois de crescido, sempre que me conheço, festejei o aniversário natalício.

Bem.

Nesse dia, que era o meu aniversário natalício, apareceram aí uns rapazes da minha criação e porque torna e porque deixa...

O senhor director, uma excelente pessoa, já me tinha dito: ó Inácio tu livra-te de te meteres nos copos!

Como de facto. Os copos para mim riscaram...

No dia do meu aniversário natalício, disse eu para os rapazes: Não, rapazes, tenham paciência! Nem um de três, nem nada. Quando muito, vou-lhes fazer companhia...

Não é verdade? Uns rapazes do meu tempo!

Demorei-me mais um bocadinho do que pensava, lá isso demorei. Eu a entrar na companhia e a aparecer-me o chefe.

Ainda tentei passar-me, mas qual quê!

O' Inácio, isto é que são horas? O' Inácio para a esquerda, ó Inácio para a direita!

Eu caladinho que nem um rato!

No outro dia, uma ordem de serviço do senhor director e o Inácio prescindido do serviço por embriaguez. Nem sei como não me meti pelo chão dentro! Até diziam que eu insultei o chefe quando virei da rua, que lhe disse ó seu isto, ó seu aquilo!

Tudo mentira. Se eu nem abri a boca!

Nem toquei num copo!

Mas agora vamos a um supônhamos...

Sim, se no dia do meu aniversário natalício...

Aqui é que está! Tudo mentira. O que eu estava era contente da rapaziada. A recordar coisas. Olhe que eu até tinha pensado em vir a ser médico!

E de repente chegar aqui e ouvir um tipo, percebe, ouvir um tipo que...

Se eu nem disse nada, fui logo para o meu lugar!

De maneira que é assim.

Eu só quero é dizer ao senhor director que não entrei nos copos, que ele pergunte a quem quiser. E aquilo do chefe com certeza era eu que estava a falar sózinho e ele pensou coisas.

O senhor director há-de acabar por me ouvir.

E' uma excelente pessoa.

Aposto que ele não sabia que era o meu aniversário natalício.